

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

**Consumos e os modos de vida: problematizações sobre a estilística da
existência e os modos de consumir**

Daniela Duarte Dias

**Porto Alegre
2015**

DANIELA DUARTE DIAS

**Consumos e os modos de vida: problematizações sobre a estilística da
existência e os modos de consumir**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Pedrinho Guareschi
Coorientadora: Prof^a. Dra. Inês Hennigen

**Porto Alegre
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL**

DANIELA DUARTE DIAS

**Consumos e os modos de vida: problematizações sobre a estilística da
existência e os modos de consumir**

TESE DE DOUTORADO

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jaqueline Tittoni (PPGPSI - UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Marília Veríssimo Veronese (Unisinos)

Prof.^a Dr.^a Gisela Grangeiro da Silva Castro (ESPM)

AGRADECIMENTOS

Agradeço todxs xs participantes da pesquisa, pelo carinho e disposição. Agradeço ao meu orientador, Pedrinho Guareschi, e ao seu grupo de pesquisa, à minha coorientadora Inês Hennigen e ao seu grupo de pesquisa pelos ensinamentos e pelo carinho.

À minha mãe, ao meu pai e à minha sogra pela ajuda com as minhas tarefas cotidianas para que fosse possível concluir esta pesquisa.

Aos meus amigos e amigas, pelas conversas que em muito me auxiliaram a pensar a tese, em especial, as amigas Aline Hernandez, Cris Bruel, Carla Bottega, Paula Marques.

Agradeço ao meu companheiro, Rafael, que me acompanhou na universidade para que nossa filha pudesse mamar durante seu primeiro ano de vida.

Agradeço à minha filha pela compreensão durante as ausências necessárias para a produção deste estudo.

*“Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forma mi canto.”*

Violeta Parra

RESUMO

O consumo é uma atividade humana presente em todas as civilizações (BAUMAN, 2008). Entretanto, os modos de consumir têm sofrido profundas mudanças ao longo da história, principalmente após a Revolução Industrial (LIPOVETSKY, 2007). Este estudo tem por objetivo visibilizar formas distintas de relacionar-se com o consumo, a partir do processo de pesquisa cartográfico. Para tanto, quatro grupos com estilos de vida e trabalho alternativos a modos de vida massificados foram acompanhados em suas atividades cotidianas. Após o acompanhamento de um mês, participaram de três encontros para discutir a pergunta da pesquisa, sendo que, o último encontro contou com a participação de todos. Cada grupo apresentou singularidades em relação aos modos de consumir, possibilitando problematizações sobre os modos de relacionar-se com o consumo, sobre o que seria uma ação de resistência, sobre formas solidárias de relação, bem como a individualização da “culpa” em relação aos problemas ambientais. Ao analisar o percurso de pesquisa como um conjunto de experiências, foi possível perceber que os grupos compartilhavam preocupações quanto ao modo de vida, que se manifestaram a partir da busca por relações horizontais, com maior autonomia, e busca por relações de maior proximidade entre quem presta um serviço e quem compra este serviço. Desta forma, os modos de consumirevidenciaram expressões sobre escolhas em relação aos modos de vida.

Palavras-chaves: Consumo. Modos de vida. Modos de consumir.

ABSTRACT

Consumption is a human activity present in all civilizations (BAUMAN, 2008). However, the ways of consuming have undergone deep profound changes throughout history, especially after the Industrial Revolution (LIPOVETSKY, 2007). This study aims to make evident visualize different ways of relating to consumption, from a cartographic research process. To do so, four groups with lifestyles and labor practices alternative to mass market practices were investigated for two to three months in their daily activities. After this observation, they participate in three meetings to discuss the research question; the last meeting was held with the participation of all groups. Each group presented singularities in relation to consuming practices, allowing problematizations on different ways to relate to consumption; on what would be a resistance action; on solidary forms of relation; and in relation to the individualization of "guilt" regarding environmental problems. In the analysis of the strategy developed by the research consisting as different experiences, it was possible to observe that the groups share concerns about their lifestyles that are manifested in the choice of horizontal relations with greater autonomy, and in the choice for closer relations between the one who pays a service and those who purchase this services. Thus, the modes consuming make evident the effects of choices regarding ways of life.

Keywords: Consumption. Ways of life. Modes consuming.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: ANDAR A PÉ.....	09
2 OS CONSUMOS.....	21
3 DIREÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA: O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR.....	33
3.1 Objetivos e Procedimentos Metodológicos Utilizados na Produção do Material de Pesquisa.....	43
3.2 Primeiras experimentações.....	48
4 O PERCURSO CARTOGRÁFICO: ANDANÇAS E CONVIVÊNCIA COM OS GRUPOS.....	51
4.1 Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela.....	55
4.1.1 Modos de organizar o trabalho, processo de criação e encantamento pelo que se faz.....	57
4.1.2 As relações com os consumos.....	60
4.2 Pedal Express.....	64
4.2.1 Os modos de trabalhar e organizar o trabalho.....	67
4.2.2 A relação com os consumos e o uso da bicicleta.....	70
4.3 Cooperativa de Consumo: Pareceria entre o Coletivo de Apoio Mútuo Mãos na Terra e o Ateneu Libertário a Batalha da Várzea	77
4.3.1 Os modos de organizar o trabalho, a precarização das condições de trabalho e as relações solidárias.....	81
4.3.2 As relações com os consumos.....	85
4.4 Coletivo Até o Talo	90
4.4.1 O cotidiano, os modos de trabalhar e de organizar o trabalho.....	92
4.4.2 Relações com os consumos e as críticas ao modo de vida capitalista.....	96
5 PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA E OS CONSUMO.....	103
5.1 O Modo de Vida Pensado a partir de uma Estilística.....	105
5.1.1 Busca por Relações horizontais e por autonomia.....	107
5.1.2 Busca por Relações de Proximidade.....	113
5.2 O Modos de Consumir como Expressão de uma Estilística da Existência.....	118
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	134

1 INTRODUÇÃO: ANDAR A PÉ¹.

Como o mundo deveria ser? Como as pessoas deveriam viver suas vidas? Quem saberia dizer? O modo como habitamos o mundo é também um modo de criá-lo. Ouvi hoje no noticiário que o Brasil tem apenas 12,5% de Mata Atlântica², revelando problemas ambientais que não se restringem ao país. Poderia pensar que estamos em defasagem com a natureza, que seria necessário voltar a um modo de vida menos poluidor, o fato é que o modo de viver mudou desde o início da Revolução Industrial, quando se inicia/intensifica o processo de poluição do mundo a partir das atividades humanas.

O Brasil vive uma fase de crescimento econômico que, de certa forma, tem contribuído para o aumento do consumo³, ainda que uma boa parte da população continue vivendo em moradias precárias, com alimentação insuficiente e pouquíssimo acesso a bens culturais, falando apenas sobre algumas necessidades. Porém, o aumento do consumo não diminuiu a desigualdade econômica, social e cultural existente em nosso país. Deste modo, não podemos tomar como ponto de análise sobre o crescimento de um país apenas o aumento do consumo ou a “capacidade” de produzir e exportar, mas a distribuição da renda, o acesso à educação, à saúde, ao lazer, à mobilidade, etc.

Por outro lado, existe uma parcela da população que não apenas acessa ao consumo, mas também faz do consumo uma das suas principais atividades. Há por parte dos grandes meios de comunicação a divulgação de ideias contraditórias, pois comemoram a venda de carros e o aumento do consumo ao mesmo tempo em que alardeiam sobre a destruição da natureza e a poluição das águas, do solo e do ar; sobre o engarrafamento de automóveis nas cidades e o estresse de uma vida cheia de ocupações. Essas ações estão profundamente ligadas, embora raramente se faça a relação adequada, já que o consumo exagerado, a produção de objetos

¹ O título da introdução faz referência ao nome do ensaio de Henry David Thoreau (2003), Andar a Pé, tradução do inglês Walking (1861). Thoreau viveu entre 1817 e 1862, nos EUA.

² Conforme informações da reportagem “Principais represas do Cantareira registram devastação acima da média”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/02/1593862-principais-represas-do-cantareira-tem-devastacao-acima-da-media.shtml>. Acesso em 03 mar. 2015.

³ Assim como o há um aumento no consumo, há um endividamento, conforme informações da reportagem “Dívidas fazem famílias brecarem consumo, avalia IBGE”. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/07/dividas-fazem-familias-brecaem-consumo-avalia-ibge.html>. Acesso em 13 abr. 2015.

descartáveis, o uso abusivo de bens naturais, a produção de lixo (objetos com curto ciclo de uso), entre outros elementos destruidores do planeta, se relacionam ao tipo de sociedade que tem se (temos) construído. A crítica é em relação à supervalorização da dimensão do consumo, na qual algumas pessoas podem ser mais valorizadas do que outras por ter mais condições de comprar objetos (BAUMAN, 2008), dando-se primazia a uma das atividades humanas, em detrimento de outras, como a política, a religiosa, a afetiva.

Contudo, existem pessoas que se recusam a exaltar a atividade do consumo, desta forma, buscam outros modos de viver e trabalhar, compreendem que consumir é uma das atividades que os seres humanos exercem, assim como outras atividades. Muitas pessoas e grupos reivindicam modos de vida mais singulares, menos massificados pelo processo de produção e consumo gerados pelo capitalismo. Este estudo se propôs a visibilizar distintos modos de relacionar-se com o consumo, para tanto, utilizei a cartografia e acompanhei alguns grupos da cidade de Porto Alegre e Nova Santa Rita, são **grupos com estilos de vida e de trabalho alternativos a modos massificados de vida.**

Quando penso que alguém vive uma vida massificada penso na falta de reflexão e não apenas em um processo fordista/taylorista de produção em massa. A pouca reflexão não é sinônimo de falta de pensamento, pois, muitas vezes, não relacionamos adequadamente certos processos, como, por exemplo, poucas pessoas acham incoerente o fato de um jornal divulgar sobre o aquecimento global e no próximo instante comemorar o aumento nas vendas de automóveis. A reflexão é uma janela que nos permitiria arejar a existência mais massificada, mas, como obter uma vida mais reflexiva? Para Foucault (2004, p.291), “o sujeito se constitui a partir de práticas de sujeição, ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade”, e a ética é a “prática reflexiva da liberdade” (FOUCAULT, 2004, p.267). Pensar a nossa liberdade em relação a outras pessoas é refletir sobre nossa relação com o mundo e, principalmente, pensar sobre como queremos nos conduzir e não apenas sobre o que queremos ter.

Estes grupos não se propõem a “salvar” o mundo de suas dores, apenas vivem de modo a obter um pouco de liberdade e autonomia sobre suas vidas e seus processos de trabalho. Mas, ao buscarem viver a partir de valores que almejam para mundo, como a busca por relações menos hierárquicas, a busca por relações menos impessoais e mais solidárias, evidenciam que há possibilidade para a singularidade,

tornando a própria vida um objeto de experimentação do mundo melhor que desejam construir, mesmo diante de dificuldades e impasses. A atividade de viver uma vida distinta não está aliada apenas à escolha, mas também à experimentação de si a partir do processo reflexivo dos modos de viver. E, ao buscar uma vida singular, acabam por transformar o mundo, não em um lugar melhor para viver, mas num mundo onde é possível viver de outra forma.

Neste sentido, me parece necessário refletir sobre o modo como se vive, como habitamos o mundo, e, de alguma forma, conciliar-se com a vida e a Terra. A conciliação exige o ato de compreender o mundo, mas também de nos colocarmos como mais uma espécie que habita um lugar. Diferentemente da doutrinação, que leva à distorção, “o resultado da compreensão é o significado, a que damos origem no próprio processo de viver, na medida em que tentamos nos conciliar com o que fazemos e sofremos” (ARENDT, 2008, p.331). Para Arendt (2008, p.330):

A compreensão, diferentemente da informação correta e do conhecimento científico, é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio do qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, isto é, tentamos sentir o mundo como nossa casa.

Conciliar-se com o mundo para conseguir “sentir o mundo como nossa casa” (ARENDT, 2008, p.330) é, deste modo, habitá-lo e não apenas destruí-lo ou utilizá-lo, conciliar-se com a própria existência ao lembrar o quão frágil são nossas verdades, nossas realidades concretas, nossas ciências exatas. Num mundo de concretudes frágeis, buscar nas sutilidades da vida a potência para seguir em frente pode ser um bom caminho. Para tanto, estamos nos propondo andar a pé para escrever este estudo, buscando inspiração na proposta de Thoreau (2003, p.9):

Mas o andar de que falo eu, nada tem que ver com exercício, nem a isto se destina; não é como o remédio que os doentes tomam a determinadas horas, nem como os halteres para o desenvolvimento muscular. É antes o motivo e a aventura do dia. Se quiserdes exercícios, procurais as fontes da vida. Imaginai um homem levantando halteres para cultivar a saúde, quando as fontes dela estão borbulhando nos prados longínquos desprezados por ele.

É preciso andar a pé para entender os movimentos da vida, caminhar como antídoto ao desespero e à desesperança, para encontrar pessoas pelo caminho,

para demonstrar que existem outros modos de se mover, para buscar as “fontes” da vida. Inspirado em Thoreau (2003), que propõe o andar de um andarilho, livre de cercas e em busca da natureza, este estudo se propõe ao andar sem pressa, em descompasso com a lógica veloz do mundo, nesse sentido, andar a pé me parece uma atitude de resistência.

Muitas vezes, é visto como algo comum o fato de uma pessoa passar o longo da vida pensando em adquirir objetos e/ou em alguma posição confortável de vida, mesmo que não busque nenhum lugar de destaque, ou seja, que busque apenas participar do modo como se vive no mundo. E que, neste ato de consumo, encontre o elo necessário para simplesmente ser como “os outros”, compartilhar um modo de existência, afinal, qual o modo adequado de se conduzir? Quem realmente compreende a vida como um shopping no qual fará várias aquisições até que vida se acabe? Eu, particularmente, não conheço ninguém que vive assim. Entretanto, é possível observar que os seres humanos seguem um caminho incerto, destruindo seu próprio lar, consumindo horas de suas vidas em labor.

Atitudes sensíveis perante a vida só podem ser percebidas quando andamos de modo mais lento, mais atento, mais curioso e com uma atitude respeitosa perante as pequenas coisas, pois, mesmo que pequenas, podem ser muito potentes. As sutilezas da vida, quando nos propomos a andar a pé, se manifestam pelo caminho e nos possibilitam a compreensão sobre os nossos modos de vida.

Em meu relato sobre o percurso de pesquisa, vou utilizar metáforas sobre o andar, caminhar, mover-se, seguir, passar, continuar, percorrer, viajar... O título desta introdução, retirado do texto de Thourau (2003), indica o modo como me inspirei para produzir este estudo. Andarei a pé para refletir e compreender, buscando esperança de que todos nós que compartilhamos uma condição humana de existência possamos viver melhor, não apenas em condições materiais, mas também de modo a encontrar possibilidades de vida, de modificar a vida, na insistência em inventar outros caminhos para a própria existência.

Com estas inspirações, iniciei a pesquisa. Para tanto, convidei para esta caminhada quatro grupos que buscam estilos de vida e trabalho alternativos a estilos de vida massificados, que são: a Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela (conhecido por suas intervenções de teatro de rua), o Coletivo Até o Talo

(conhecido por sua culinária vegana⁴, sem glúten, aproveitando alimentos e utilizando PANC⁵), a Cooperativa de Consumo (produzem alimentos sem agrotóxico num assentamento do MST⁶) e participantes da Pedal Express⁷ (cooperativa de mensageirxs que prestam serviços de entregas). Para orientar o trabalho, utilizei a cartografia como direção metodológica da pesquisa, por compreender que não há separação entre conhecer e fazer (PASSOS, BENEVIDES DE BARROS, 2012). Diferentemente da cartografia em geografia, que é a “ciência da representação gráfica da superfície terrestre”⁸, a cartografia em psicologia social investiga/acompanha processos/movimentos de produção de subjetividade (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2012).

A cartografia, em sua proposta de pesquisa intervenção, “faz emergir realidades que não estavam 'dadas'” (RENAULT DE BARROS, BARROS DE BARROS, 2013, p.374), para tanto, é necessário dissolver o ponto de vista de observadora, composto inicialmente para produzir a pesquisa. Para Renault de Barros e Barros de Barros (2013, p.374), pesquisar “implica em (sic) um rearranjo das fronteiras inicialmente estabelecidas entre sujeito e objeto: a direção da cartografia é a de dissolver o ponto de vista para o qual surge, de maneira correlata, uma realidade supostamente dada em si mesma.” A partir do entendimento de que não há uma realidade “dada”, mas produzida, sem deixar de considerar que para iniciar um percurso é necessário construir procedimentos metodológicos, me pus a andar a pé, como Thourau (2003).

O questionamento a respeito dos motivos que uniram os grupos participantes da pesquisa surgiu dos próprios integrantes, poderia ser o trabalho, embora nem todos vivessem dele. Inicialmente, durante as análises sobre o material de pesquisa, relacionei a escolha dos grupos há quatro fatores. Durante o mestrado, já havia estudado questões sobre a autonomia dxs usuárixs na Política Pública de Assistência Social, na dissertação intitulada “Política Pública de Assistência Social, entre o controle e a autonomia”⁹. Além disso, minha participação em um grupo

⁴ Alimentação que não tem nenhum componente de origem animal.

⁵ Plantas Alimentícias Não Convencionais.

⁶ Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

⁷ Apenas cinco pessoas participaram da pesquisa deste grupo. Denominam quem faz este tipo de trabalho de mensageirx.

⁸ Informação retirada do site: <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaFisica/Cartografia/>. Acesso em 13 abr. 2015.

⁹ Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21446/000736995.pdf>. Acesso em 20 mai. 2015.

anarquista possibilitou conhecer pessoas que buscavam viver de forma a questionar modos massificados de vida. Em seguida, foram importantes as manifestações que começaram a ganhar “corpo” em Porto Alegre nos meses que antecederam junho de 2013, uma, promovida pelo grupo “Em Defesa Pública da Alegria” e que evidenciou as relações entre uma transnacional e a apropriação dos espaços públicos; outra, promovida a partir de grupos como o “Massa Crítica”, na reivindicação da expansão do uso de bicicletas. Desse modo, o objetivo inicial da pesquisa era de visibilizar estratégias de recusa a determinados modos de consumir, marcados pela lógica do uso de objetos com um ciclo de vida curto. Entretanto, tal objetivo foi modificado durante o percurso e o que se tornou uma questão importante foi pensar como estes grupos se relacionavam com o consumo.

No mestrado, pesquisei quais práticas profissionais xs trabalhadorxs da Política de Assistência Social identificavam como sendo promotoras de autonomia na relação com xs usuárixs do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). A partir da Constituição Federal Brasileira de 1988, a política de assistência social busca construir uma trajetória distinta das antigas propostas assistencialistas e tuteladoras. Ao possibilitar o acesso aos serviços assistenciais como um direito social, e não mais como um favor, esta política se contrapõe às cotidianas e às históricas práticas clientelistas e assistencialistas, colocando como pressuposto ao trabalho na assistência social a produção de autonomia dxs usuárixs do SUAS.

O tema da autonomia também surgiu na tese, mas não como uma proposta de investigação e sim na análise do processo. Ao final do percurso, ficou mais evidente que uma das características que os grupos compartilham é a busca por autonomia. Escreverei melhor sobre este tema nas análises finais da tese.

Outro ponto que influenciou na escolha dos grupos foi a relação com o anarquismo, ainda que nem txdos xs participantes da pesquisa sejam anarquistas. A partir da militância, o encontro com elxs aconteceu. Assim, eu já tinha conhecimento sobre a existência de tais grupos, a questão seria quais deles eu convidaria para participar da pesquisa.

Mas o que me motivou a refletir sobre o tema do consumo na pesquisa foi um fato ocorrido em Porto Alegre, ainda em 2012, que me fez pensar sobre a questão do consumo e os modos alternativos a estilos massificados de vida. A primeira das grandes manifestações que antecederam o Junho de 2013 em Porto Alegre foi

chamada pelo grupo “Em Defesa Pública da Alegria”¹⁰ e ficou conhecida como “A Morte do Tatu”¹¹. Este episódio, no qual os/as jovens manifestantes sofreram grande repressão policial, denunciou a privatização dos espaços públicos, como o auditório Araújo Vianna e o Largo Glênio Peres, que estava sendo feita pela prefeitura de Porto Alegre. As empresas que ganharam o direito de usufruir comercialmente estes espaços públicos foram a produtora Opus, no caso do Auditório Araújo Vianna, e a empresa Vonpar¹², ligada à marca Coca-Cola no Rio Grande do Sul, no caso do Largo Glênio Peres¹³. Logo após a manifestação, foi possível observar pelo Facebook¹⁴ o compartilhamento de um *meme*, que continha o slogan da Coca-Cola com o símbolo de proibido, postados por participantes da manifestação e compartilhado por muitas pessoas, falando em boicote ao consumo deste produto. Além disso, o Festival de música chamado “Morrostock”, que aconteceu no município de Sapucaia do Sul, no qual se apresentavam várias bandas, não contratou os serviços da Vonpar, distribuidora da Coca-Cola, e divulgou, também no Facebook, a decisão. Isto para citar apenas dois eventos de que tive conhecimento. Podemos observar esta situação em uma nota retirada de uma postagem no Facebook, no final de 2012, de uma das organizadoras do evento:

Devido aos fatos recentes ocorridos na capital gaúcha com o caso Tatu bola e abuso de poder de polícia, cortamos relações com a Coca cola, cancelamos o pedido de latas da Vonpar e passamos a negociar com a Fruki! Pensamos em nem ter refri no festival mas acho que isso seria um passo mais pra diante. Não vamos ver as coisas acontecer e ficar só olhando não... O Morrostock também é política¹⁵.

Não saberia dizer se a “Morte do Tatu” foi uma resposta dada pelxs jovens contra o imperialismo. Entretanto, foi nitidamente um ato de repúdio à invasão dos espaços públicos da cidade e à violação dos direitos dxs manifestantes. Xs

¹⁰ A Manifestação referida foi chamada para o dia 04 de outubro de 2012, que terminou com imensa repressão policial contra xs manifestantes.

¹¹ O Tatu foi o símbolo da Copado Mundo que foi realizada no Brasil em 2014 e representava a marca Coca-Cola, era um boneco inflável que foi desinflado durante a manifestação.

¹² É uma empresa franqueada da Coca-Cola, fundada em 1948. Informações retiradas do site: <http://www.vonpar.com.br/bebidas/quem-somos/>. Acesso em 01 jun. 2015.

¹³ Conforme informações disponíveis em: <https://rsurgente.wordpress.com/2012/10/05/a-privatizacao-de-porto-alegre-e-a-verdadeira-face-do-vandalismo/>. Acesso em 11 mar. 2015.

¹⁴ Facebook é uma rede social, lançada em 2004, na qual é possível se comunicar de modo privado ou público, os dados publicados podem ficar entre uma rede de amigos ou aparecer para o público em geral, dependendo da permissão dx usuárix, conforme informações disponíveis em: <http://www.significados.com.br/facebook>. Acesso em 17 mar. 2015.

¹⁵ Postagem publicada na página do evento no Facebook, 2012. Indisponível online.

manifestantes travaram uma luta pela vida, queriam uma cidade preparada para as pessoas circularem com liberdade, com a preservação de espaços públicos. Opuseram-se a um modelo de cidade na qual tudo se torna um negócio lucrativo e, como que por intuição, o alvo se tornou não só a prefeitura, mas o símbolo de uma grande corporação transnacional. Digo por intuição, porque dentro de uma perspectiva de lutas e conquistas, o mais plausível seria ter “atacado” a prefeitura e exigido a revogação destas decisões em relação aos espaços públicos, mas foi necessário “matar” o Tatu!

Além disso, outra movimentação de apropriação dos espaços públicos ganhou projeção neste momento, a cidade de Porto Alegre incorporou outros hábitos e a “celebração” do uso da bicicleta ganhou visibilidade. A partir da “Massa Crítica”¹⁶, que é uma pedalada que acontece na última sexta-feira do mês em várias cidades do mundo, se travou uma luta política contra um modelo de transporte e de cidade. Porto Alegre passou a ter mais pessoas utilizando a bicicleta, não apenas como alternativa de transporte, mas principalmente como alternativa ao modelo de cidade imposto, no qual o uso do automóvel é privilegiado. Neste mesmo período, havia uma imagem muito compartilhada no Facebook que mostrava o mesmo número de pessoas em três situações: uma em que cada pessoa ocupava um automóvel, outra em que os mesmos números de pessoas ocupavam um ônibus (compartilhado com outras pessoas) e a última em que cada pessoa utilizava bicicleta. O espaço ocupado pelo automóvel era enorme em comparação aos demais.

A partir dessas situações, comecei a pensar o quanto uma multinacional pode influenciar no cotidiano de nossas vidas, impondo um modelo de transporte, modos de se alimentar, de se divertir, de se relacionar com o mundo. Pensei no que aconteceria caso fosse promovido um grande boicote contra as empresas patrocinadoras da Copa do Mundo, que estava para acontecer no Brasil. Poderíamos mudar muitas coisas. Cheguei a pensar que a resistência ao consumo de determinados produtos seria algo que qualquer pessoa poderia fazer, seria uma luta acessível a todos, poderíamos nos unir contra o capitalismo boicotando as grandes marcas. Algumas pessoas se negam a tornar animais de estimação como

¹⁶ Movimento iniciado em 1992, em San Francisco, EUA, se caracteriza mais como uma “celebração do que como protesto”, conforme informações retiradas do site: <https://massacriticapoa.wordpress.com/como-fazer-uma-massa-critica/>. Acesso em 23 mai. 2015.

“coisa vendável”, então pensei que existiriam pequenas resistências cotidianas, como, por exemplo, as campanhas que aparecem no Facebook para que não se compre cães e gatos e sim os adote e que talvez outras pequenas resistências pudessem ter repercussão. Porém, logo fui compreendendo que este tipo de ação não chegaria a repercutir em um grande número de pessoas, há muitos mecanismos que sustentam o modo de vida permeado por relações de consumo. Por outro lado, pude constatar que nem tudo se tornou ou se torna um produto vendável.

Com o andar da pesquisa, foi ficando um pouco mais nítido que modificar a relação com determinados modos de consumir seria algo tão complexo quanto iniciar uma revolução, logo, necessitaria muito mais do que ações de boicote. Existe uma lógica de como viver que coloca o consumo como uma espécie de fim em si mesmo, lógica esta que atinge não só o modo como nos relacionamos com o mundo concreto, mas também as nossas relações subjetivas. Por outro lado, com a expansão e democratização do consumo, as camadas mais populares da sociedade tiveram acesso a determinados confortos que não eram acessados por grande parte da população (LIPOVETSKY, 2007), então, por que estas pessoas fariam boicote?

A Morte do Tatu havia despertado algumas reflexões sobre porque, após a prefeitura ter privatizado um espaço público, xs manifestantes se voltaram contra a empresa que comprou o espaço. Pensei em conversar com pessoas que tomassem para si responsabilidades em relação ao mundo, seja no sentido de problematizar a vida pela arte, seja a partir de denúncias sobre as agressões ao meio ambiente, denúncias sobre como nos alimentamos ou como nos locomovemos e ocupamos as cidades.

Ao fazer os primeiros contatos da pesquisa, conversei por telefone com um dos participantes da Pedal Express sobre a possibilidade de participarem, ou não, da pesquisa. Neste momento, fui informada que o grupo não se encaixava no “perfil” buscado e que não poderiam participar, alegaram que a Pedal Express era um trabalho de entregas, vendiam o trabalho delxs, assim como outras tantas pessoas o fazem. Eu havia pensado na Pedal Express porque alguns dxs participantes são punks, se vestem com roupas simples, rasgadas, fazem entregas de bicicleta e haviam participado do Massa Crítica desde seu início. Após esta conversa, revi o que estava fazendo, percebi, a partir das orientações, que deveria fazer uma pergunta anterior para perceber como se relacionavam com o consumo, em vez de afirmar que se relacionavam de forma a recusar determinados modos de consumir.

De certa forma, o modo como eu estava vendo o consumo ainda era bastante moralizante, só após muitas leituras, reflexões e conversas com xs orientadorxs pude compreender que o consumo também pode ser compreendido pela busca por conforto e qualidade de vida, busca por constituição de estilos de vida, não necessariamente para construir uma distinção hierarquizante entre melhores e piores.

Passei a pensar em como **grupos que vivenciam modos alternativos a estilos massificados de vida e de trabalho se relacionavam com o consumo**. Conforme Pozzana (2013, p.335), “o cartógrafo é formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar”. Ao intervir, o cartógrafo não conduz processos, mas acompanha (POZZANA DE BARROS; KASTRUP, 2012) e vivencia uma posição paradoxal, que “corresponde à possibilidade de habitar a experiência sem estar amarrado a nenhum ponto de vista [...] dissolver o ponto de vista do observador sem, no entanto, anular a observação” (PASSOS e EIRADO, 2009, p. 123). Neste estudo, foi necessário um esforço muito grande para iniciar um processo de transformação no meu modo de ver, pois tenho por hábito tomar iniciativa, tomar partido/posição devido às práticas militantes. Entretanto, a militante-pesquisadora foi se transformando em pesquisadora-militante, afinando a escuta, modificando a atenção...

A análise de uma experiência, a partir da noção de implicação, nos leva a refletir, de maneira geral, sobre a relação entre quem conhece e o que se quer conhecer e suas condições de produção, criação, gênese. A produção de conhecimento acontece também a partir da análise de implicação, visibilizando as relações entre pesquisadora e participantes da pesquisa, incluindo tanto a dimensão objetiva quanto subjetiva (RENAULT DE BARROS; BARROS DE BARROS, 2013). Porém, é preciso analisar com cautela não apenas ao que nos propomos, mas também ao que é possível fazer e ao que se espera que um/uma pesquisadorx faça. Para Passos e Benevides de Barros (2000, p.73):

A noção de implicação, trabalhada pelos analistas institucionais, não se resume a uma questão de vontade, de decisão consciente do pesquisador. Ela inclui uma análise do sistema de lugares, o assinalamento do lugar que ocupa o pesquisador, daquele que ele busca ocupar e do que lhe é designado ocupar, enquanto especialista, com os riscos que isto implica.

Não haverá um capítulo específico para analisar minhas implicações na pesquisa. Entendo que não há uma única análise possível ou que se esgote a partir de determinadas respostas, tão pouco que se possa separar o que se estuda do sujeito que estuda, pois para conhecer uma realidade é preciso uma “imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho” (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2000, p. 31). Por isto, as análises sobre como me relacionei com o objeto de estudo estiveram presentes durante todo o percurso e busquei registrar na escrita da tese a medida que me pareceu importante.

Ao final do percurso, ficou visível outras relações que unem os grupos e que não pude identificá-las no início da pesquisa, tais como: a busca por relações horizontais, por maior autonomia no trabalho e por relações de proximidade entre composições dadas como binomiais ou opostas (produtor x consumidor, prestador de serviço x cliente). O objetivo do estudo não era o de buscar simetrias entre os grupos, entretanto, acabei percebendo que compartilhavam algumas características e, ao mesmo tempo, estive atenta as singularidades de cada grupo em suas relações com o consumo.

Nesta introdução, expliquei sobre as inspirações da pesquisa. No primeiro capítulo, explico como penso o conceito de consumo e que caminhos me levam a conceber esta conceituação. Utilizo o termo consumo no plural por compreender que há muitas formas de pensar as relações de/com os consumos. Para tanto, descrevo algumas perspectivas sobre os estudos do consumo, além de uma perspectiva histórica, a partir da classificação de Lipovetsky (2007), no livro *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*, e de Bauman, (2008) no livro *Vida para consumo*.

No segundo capítulo, explico sobre a direção metodológica da pesquisa, descrevo os participantes da pesquisa, os procedimentos metodológicos e as primeiras experimentações do percurso. Enquanto isso, no terceiro capítulo, proponho a análise do percurso com cada grupo individualmente. Exponho a análise do material de pesquisa em três tópicos: uma caracterização sobre os grupos, uma descrição sobre os modos de organizar o trabalho e uma discussão sobre o modo como se relacionam com os consumos, problematizando mais teoricamente alguns aspectos desta relação.

No quarto capítulo, escrevo sobre as relações que perpassam a todos os grupos sobre as problematizações a respeito da estilística da existência e o consumo. Utilizo o termo estilística para pensar a variabilidade de possibilidades de existência (FOUCAULT, 2011) em grupos com inspiração libertária, a partir da dimensão do consumo. Muitas vezes, podemos tomar semelhantes atitudes e modos de vida que se encontram sob um mesmo “rótulo” e, desta forma, não percebemos aquilo que há de singular. A utilização do termo estilística, assim, está colocado para expressar diferenças no que, num primeiro momento, poderia parecer semelhante. Ao perguntar sobre como os grupos se relacionam com o consumo, foi possível perceber que os consumos surgem como efeitos de escolhas sobre os modos de viver.

Nas considerações finais, apresento algumas problematizações sobre a dimensão que o consumo assumiu na vida dxs participantes e possíveis prolongamentos desta pesquisa.

Após a defesa da tese, tentei reencontrar xs participantes da pesquisa, mas consegui encontrar apenas xs participantes da Cooperativa de Consumo. Elxs leram a versão final da tese e fizeram algumas contribuições que já foram acrescentadas na versão final.

Escrevi a tese com as primeiras pessoas do discurso (singular e plural) por entender que o estudo foi composto por várias vozes¹⁷. Quando o estudo produzido envolvia as análises, orientações ou mesmo o “olhar” do professor Dr. Pedrinho Guareschi e seu grupo de pesquisa, e também a coorientação da professora Dr^a. Inês Hennigen e seu grupo de pesquisa, utilizei a primeira pessoa do plural. Vale ressaltar que essa escolha privilegia as vozes plurais que constituem uma pesquisa, sem se remeter à ilusão de que exista um observador neutro na pesquisa. E a escrita com a primeira pessoa do singular foi utilizada quando as reflexões estavam relacionadas à experiência de percurso que vivenciei e compartilhei com xs participantes durante a produção da escrita da tese.

¹⁷ Inclusive por conversas informais com amigos, vozes dxs autorxs lidos, vozes dos documentários assistidos, mas que ficariam difícil de incluí-las na linguagem escrita.

2 OS CONSUMOS

Durante o percurso de pesquisa, fui questionada em alguns momentos a respeito do que exatamente estava interessada em pesquisar sobre o consumo. Quando fui apresentar a proposta de pesquisa à Cooperativa de Consumo no assentamento em Nova Santa Rita, um dos assentados me perguntou: “tá, mas tu falou, falou e não explicou nada, o que é a tua pesquisa? Tu quer saber como a gente planta? O que a gente come? Como a gente trabalha?” (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de outubro de 2014). Eu respondi que de tudo um pouco, que estava interessada no que consomem e que isto tudo que ele falou tinha a ver com a pesquisa. No dia em que fui propor a pesquisa ao grupo Cambada de Teatro Levanta Favela, um participante me perguntou “se eu estava interessada no consumo em relação à alimentação ou em relação a tudo que se consome. Respondi que, de modo geral, não apenas sobre a alimentação” (DIÁRIO DE CAMPO, 8 de maio de 2013).

Quando falamos em consumo, não é possível afirmar que a palavra, por si só, explique o que queremos dizer, conforme registrei nestes trechos dos diários de campo, mas também como é possível encontrar na revisão bibliográfica sobre o tema. Desta forma, vou utilizar o termo consumo no plural, por compreender que não há apenas uma forma de consumir ou compreender o modo como consumimos, bem como estabelecer uma única dimensão que o consumo assume na vida das pessoas.

O ato do consumo enquanto atividade humana está presente em diferentes épocas e sociedades (BAUMAN, 2008; BARBOSA, 2010), entretanto, é visível as modificações acontecidas nas últimas décadas, principalmente a partir do acesso e do incentivo às camadas populares antes impossibilitadas a acessar certos modos de consumo (LIPOVETSKY, 2007). Não acredito que as pessoas consumam, ou deveriam consumir apenas o necessário para suprir necessidades básicas, afinal, o que seria básico? Entretanto, chama atenção o aumento dos consumos mundiais, acompanhados pela produção de lixo¹⁸ e pela produção de outras “necessidades”.

¹⁸ Conforme reportagem no portal do Senado Federal, com informações retiradas de um relatório do Banco Mundial, houve um aumento mundial no volume de lixo produzido nos últimos 30 anos, três vezes mais do que o aumento da população, evidenciando um crescimento nos consumos em nível mundial da população principalmente nos países ditos industrializados. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/emdiscussao/residuos-solidos/materia.html?materia=rumo-a-4-bilhoes-de-toneladas-por-ano.html>. Acesso em 30 abr. 2015.

Essa democratização dos consumos (LIPOVETSKY, 2007) proporcionou a um número maior de pessoas o acesso a determinados confortos materiais e seus efeitos na qualidade de vida, por outro lado, vem acompanhada de uma brutal exploração e poluição do meio ambiente, associada a modos de vida muitas vezes tomados pelo excesso de trabalho para que possa comprar estas comodidades.

Neste capítulo, descrevo algumas perspectivas sobre os estudos do consumo a partir do livro *Sociedade de consumo*, de Livia Barbosa (2010), complementando-o com algumas considerações de Taschner (1997) a respeito do início da cultura de consumidores, escritas em *A revolução do consumidor*, de Slater (2002), que propõe a ideia de uma revolução comercial. Para exemplificar uma possibilidade de pensar os consumos numa perspectiva histórica, utilizo a classificação de Lipovetsky (2007), no livro *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*, a respeito das “Três eras do capitalismo de consumo”. Emprego a divisão que Bauman (2008) fez no livro *Vida para consumo* entre sociedade de produtores e consumidores¹⁹ para explicar a sociedade de consumo, cujo atributo principal é o consumismo. Conforme Bauman (2008), para constituir-se como sujeito na sociedade de consumo é necessário transforma-se em mercadoria, relaciono esta ideia às problematizações de Foucault (2007) em *O nascimento da biopolítica*, sobre o empresário de si do liberalismo norte-americano. Além disso, emprego algumas problematizações sobre o consumo de Arendt (2007) em *A condição humana*, pois, para ela, a sociedade de consumidores nunca se realizou plenamente.

Há muitos modos de compreender os consumos, bem como de compreender os efeitos dos modos de consumo na vida das pessoas. Conforme Barbosa (2010), há entre xs pesquisadorxs sobre o tema do consumo duas perspectivas de pensamento: de um lado, pesquisadorxs que estudam a sociedade de consumo/consumidores e a cultura de consumo/consumidores; de outro, xs pesquisadorxs que estudam as teorias sobre o consumo. A sociedade de consumo, nestes estudos, se caracteriza por:

[...] um tipo específico de consumo, o consumo de signo ou *commodity sign*, como é o caso de Jean Baudrillard em seu livro *A sociedade de consumo*. Para outros a sociedade de consumo englobaria características sociológicas para além do *commodity sign*,

¹⁹ Apesar de utilizar a letra x para designar o gênero das palavras, alguns conceitos como sociedade de produtores e consumidores estão no masculino para indicar que este tipo de sociedade também teve a primazia de um gênero nas relações de poder que se estabeleceram.

como consumo de massas e para as massas, alta taxa de consumo e de descarte de mercadorias per capita, presença da moda, sociedade de mercado, sentimento permanente de insaciabilidade e o consumidor como um de seus principais personagens sociais. (BARBOSA, 2010, p. 8)

Há autores²⁰ que estudam a sociedade e cultura do consumo/consumidor a partir da cultura pós-moderna, no qual o consumo é relacionado com: “estilo de vida, reprodução social e identidade, a autonomia da esfera cultural, a estetização e comoditização da realidade, o signo como mercadoria e um conjunto de atributos negativos” (BARBOSA, 2010, p. 10). Por outro lado, existem autorxs²¹ que não abordam o consumo ou a sociedade de consumo a partir das problematizações sobre a sociedade pós-moderna e discutem o papel e o significado do consumo a partir de outras dimensões da vida humana, problematizando de forma menos universalizante (BARBOSA, 2010). Porém, para Barbosa (2010, p.12), existiriam alguns elementos universais como: “consumir e utilizar elementos da cultura material como elemento de construção e afirmação de identidades, diferenciação e exclusão social”. Outro destaque é que não seria uma característica específica do capitalismo a existência do apego a bens materiais (BARBOSA, 2010).

Há diferentes momentos da história que são sinalizados como momentos de transformação nos modos de consumir, não havendo um acordo entre pesquisadorxs quanto às origens históricas dos modos de consumo contemporâneo. Para Barbosa (2010), há dois pontos de discordância, quanto ao “quando” e ao “o que” se modificou. A partir dos anos de 1980, os estudos sobre consumo teriam ganhado relevância entre os cientistas sociais a partir de dois pressupostos: o primeiro é que o tema é “central no processo de reprodução social de qualquer sociedade” (BARBOSA, 2010, p.13), e o segundo é que a sociedade moderna contemporânea se caracteriza “como uma sociedade de consumo” (BARBOSA, 2010, p.14). Desse modo, ganharam corpo pesquisas que buscavam compreender em que tempo e lugar surgiram estas mudanças, identificando-se por uma releitura de informações já existentes: “o que caracteriza esses trabalhos de forma genérica é o argumento de que uma Revolução do Consumo e Comercial precedeu a Revolução Industrial e foi um ingrediente central da modernidade e modernização

²⁰ Barbosa (2010) coloca como exemplo os autores: Frederic Jameson, Zygmunt Bauman e Jean Baudrillard.

²¹ Barbosa (2010) coloca como exemplo xs autorxs: Don Slater, Daniel Miller, Grant McCracken, Colin Campbell, Pierre Bourdieu e Mary Douglas.

ocidental” (BARBOSA, 2010, p.15). O que está em questão é se foram os produtos que produziram uma demanda de consumo ou se já havia uma demanda por tais produtos.

Taschner (1997) buscou pensar o consumo a partir de dois elementos, que para ela destacam-se no processo de elaboração de uma trajetória histórica na cultura do consumidor/a. Um dos elementos se refere a um padrão de consumo, caracterizando a frequência e a forma de consumir; o outro, “ao segmento social que é visto como o berço desse padrão de consumo: as cortes europeias, que começam a se formar ainda na Idade Média e chegam a seu auge no período do absolutismo” (TASCHNER, 2010, p.8). Foi este tipo de consumo que deu suporte a uma cultura do consumidor, a partir de sua expansão e popularização²². Segundo Taschner (1997), para além da produção, os produtos encontraram uma demanda, sem isto, não teria sido possível a Revolução Industrial (TASCHNER, 1997). Ela argumenta que, com a Revolução Industrial, aconteceu uma revolução do consumidor, a qual modificou o modo de valorizar aquilo que poderia ser julgado enquanto necessário e/ou supérfluo. Em uma nota de rodapé, Taschner (1997) expõe a dificuldade em designar as diferenças entre o que é necessário e o que não é. Neste estudo, também não pretendo estabelecer uma conceituação sobre a “linha divisória” entre o supérfluo e o necessário, entendo apenas que o mais interessante é atentar “que a chamada revolução do consumidor se caracterizou por ter alterado a escala de valores em relação ao que possa ser considerado necessidade e luxo” (TASCHNER, 1997, p.9).

A partir desta problematização sobre o início da cultura do consumidor, Taschner (1997) afirma que o consumo da nobreza não teve propriamente um caráter discricionário, pois a corte não tinha escolhas a não ser consumir da maneira que consumiu para conseguir se manter na elite à qual pertencia. Além disso, a lógica do consumo que se popularizou não foi a mesma desenvolvida pela nobreza, evidenciando transformações nos modos de pensar o consumidor e os consumos.

Slater (2002) denomina de revisionista esta ideia de que uma Revolução do Consumidor precedeu o processo de industrialização. A visão revisionista também

²² O tipo de consumo produzido pelas cortes europeias foi sendo apropriado pelas camadas sociais hierarquicamente abaixo, marcando o início de algumas mudanças que observamos ainda hoje, entretanto, Taschner (1997) aponta que este consumo foi apropriado por motivos distintos, se desenvolvendo a partir de objetivos e modos distintos, os quais não serão explorados neste momento.

teria problemas, já que apenas inverte a lógica tradicional. Para ele, uma visão possível seria pensar que ambas produziram uma revolução comercial na qual:

[...] os conceitos de troca, dinheiro, novos instrumentos financeiros e propriedade de bens móveis, contratos e orientações para a exploração comercial de mercados cada vez maiores e mais impessoais geraram um vasto leque de novas ideias e atividades chamadas modernas. (SLATER, 2002, p.28)

Bauman (2008) e Lipovetsky (2007) utilizaram a visão considerada tradicional por Slater (2002), ou seja, a possibilidade de pensar os consumos a partir da Revolução Industrial, ainda que sob diferentes perspectivas. De acordo com Lipovetsky (2007), vem acontecendo uma democratização do consumo; para Bauman (2008), uma expansão das relações mercantis. Lipovetsky (2007) classificou os consumos em três fases. A fase I começou por volta de 1880 e tem seu fim na Segunda Guerra Mundial, caracterizou-se pelo início do mercado de massa. A estrada de ferro, o telégrafo e telefone favoreceram a comunicação, com um transporte e escoamento de produtos mais rápido foi possível aumentar o volume e a velocidade das transações, passando de pequenos comércios locais para grandes negócios nacionais (LIPOVETSKY, 2007). Conjuntamente a este processo, aconteceu a construção de máquinas de fabricação, aumentando a velocidade e fluxos de produção, ocasionando aumento da produção; a sistematização/organização do trabalho a partir de critérios científicos; além de condições culturais e sociais que permitiram a expansão desta prática (LIPOVETSKY, 2007). O consumo de massas foi possível graças a uma série de condições, entre elas, a busca por baratear os custos de produtos duráveis e não duráveis, entretanto, o acesso ainda era muito restrito a uma parcela da população (LIPOVETSKY, 2007). O início da produção em massa também foi marcado por um aumento nos investimentos em publicidade²³, a “transformação do cliente tradicional em consumidor moderno” (LIPOVETSKY, 2007, p.30). Os grandes magazines impulsionaram a distribuição em massa, “graças a uma política de vender barato, o grande magazine transformou os bens, antigamente reservados à elite, em artigos de consumo de massas destinados à burguesia” (LIPOVETSKY, 2007, p.31). Além

²³ Lipovetsky (2007), ao caracterizar a fase I, explica que a Coca-Cola teve um grande aumento nos investimentos em publicidade ainda neste período inicial, já que em 1892 contava com um investimento de 11 mil dólares; 100 mil em 1901; 1,2 milhão em 1912; saltando para 3,8 milhões de dólares em 1929.

disso, foi neste momento que se iniciou um processo de “democratização do desejo”, e a ideia de “consumo-distração”, “consumo-sedução” (LIPOVETSKY, 2007, p.31).

A fase II teve início no pós-guerra, expandindo e transformando os processos iniciados na fase I, marcada pela produção fordista, pelo crescimento econômico e pela ampliação do acesso ao consumo (LIPOVETSKY, 2007, 2007). Neste momento, surgiu o aumento da oferta de crédito, permitindo que a população comprasse bens antes restrito a uma certa elite social/econômica, possibilitando que mais pessoas tivessem acesso a uma oferta “material mais psicologizada e mais individualizada, e a um modo de vida (bens duráveis, lazeres, férias, moda)” (LIPOVETSKY, 2007, p.32-3), marcando também uma maior democratização dos consumos.

A lógica fordista introduziu a alta produtividade e o progressivo aumento dos salários, organizando a produção industrial a partir da lógica da quantidade, da “especialização, padronização, repetitividade, elevação dos volumes de produção” (LIPOVETSKY, 2007, p.33). Para uma alta produtividade foi necessária uma distribuição que acompanhasse o processo, desta forma, a esfera industrial também utilizou mecanismos para agilizar este sistema, a partir da “exploração das economias de escala, métodos científicos de gestão e de organização do trabalho, divisão intensa das tarefas, volume de vendas elevado, preços os mais baixos possíveis, margem de ganho fraca, rotação rápida das mercadorias” (LIPOVETSKY, 2007, p.33). Neste momento, tanto a lógica fordista, quanto os princípios da moda, marcados pelo efêmero, convivem, com predomínio da lógica mais quantitativa que qualitativa, no âmbito da economia e da técnica, constituindo/produzindo a sociedade de consumo de massa (LIPOVETSKY, 2007). Entretanto, além da elevação nos padrões de consumo, esta fase se caracteriza pela incitação aos desejos:

Eis um tipo de sociedade que substitui a coerção pela sedução, o dever pelo hedonismo, a poupança pelo dispêndio, a solenidade pelo humor, o recalque pela liberação, as promessas do futuro pelo presente. A fase II se mostra como 'sociedade do desejo' achando-se toda a cotidianidade impregnada de imaginário de felicidade consumidora, de sonhos de praia, de ludismo erótico, de modas ostensivamente jovens. (LIPOVETSKY, 2007, p.35)

Após o início da sociedade de consumo de massas, surgiu o consumismo

moderno, marcando a terceira fase no capitalismo de consumo no final dos anos 1970, que Lipovetsky (2007) denomina sociedade de hiperconsumo. A sociedade de consumo de massas, que se caracterizava pela organização fordista e crescimento na fabricação de produtos padronizados, continuou se modificando, abrindo a possibilidade para novos padrões de consumo, marcando a sociedade de hiperconsumo:

[...] não apenas a qualidade, mas também o tempo, a inovação e a renovação de produtos tornaram-se critérios de competitividade das empresas. Em paralelo, a distribuição, o marketing e a comunicação inventaram novos instrumentos com vista à conquista de mercados. Enquanto se desenvolve uma abordagem mais qualitativa do mercado, levando em conta as necessidades e a satisfação do cliente, passamos de uma economia centrada na oferta a uma economia centrada na procura. Política de marca, 'criação de valor para o cliente', sistema de fidelização, crescimento da segmentação e da comunicação: está em atividade uma revolução copernicana que substitui a empresa 'orientada para o produto' para empresa orientada para o mercado e o consumidor. (LIPOVESTKY, 2007, p.12)

Houve uma profunda transformação no papel do consumidor, passando de um consumidor envolto com as imposições sociais hierárquicas, até se chegar ao “hiperconsumidor à espreita de experiências emocionais e de maior bem-estar, de qualidade de vida e de saúde, de marcas e de autenticidade, de imediatismo e de comunicação” (LIPOVETSKY, 2007, p.14).

Para pensar as transformações históricas em relação aos consumos, Bauman (2008) evidencia as mudanças acontecidas na passagem da chamada sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores. A sociedade de produtores tem como característica a busca por segurança e conforto, apostando “no desejo humano de um ambiente confiável, ordenado, regular, transparente (...) resistente ao tempo” (BAUMAN, 2008, p.42). A sociedade de consumidores se caracteriza pela mercantilização das relações humanas, tornando-as semelhante à relação que os consumidores estabelecem com os objetos de consumo. Conforme BAUMAN (2008, p.13):

[...] seja lá qual o nicho em que possam ser encaixados pelos construtores de tabelas estatísticas, todos habitam o mesmo espaço social conhecido como *mercado*. Não importa a rubrica sob a qual sejam classificados por arquivistas do governo ou jornalistas investigativos, a atividade em que todos estão engajados (por

escolha, necessidade ou, o que é mais comum, ambas) é o *marketing*. O teste em que precisam passar para obter os prêmios sociais que ambicionam exige que *remodelem a si mesmo como mercadorias*, ou seja, como produtos que são capazes de obter atenção e atrair *demanda e fregueses*.

Bauman (2008) utiliza o termo sociedade de consumo para refletir sobre a especificidade contemporânea em relação aos consumos, que possui algumas características, entre elas, a mercantilização das relações humanas e a constituição de si mesmo como mercadoria vendável. Essas duas características podem ser relacionadas ao que Foucault (2008) descreveu como sendo o empresário de si no liberalismo norte-americano, concepção que extrapola o campo da economia e é projetada também para os modos de ser e pensar, produzindo análises econômicas num campo de estudos, até então, considerado não-econômico. Os neoliberais fazem uma crítica aos estudos da economia clássica por terem deixado de analisar o trabalho de forma mais profunda, eles reintroduzem o tema a partir dos anos 1950 em suas teorias²⁴ (FOUCAULT, 2008).

Ao analisar o trabalho e ao decompô-lo em capital e renda, é produzido alguns efeitos de análise, como compreender como competência esta capacidade de trabalhar, não sendo possível separar quem trabalha do que é produzido, além disso, esta competência transforma x trabalhador/a em máquina, no sentido positivo, pois irá “produzir fluxos de renda” (FOUCAULT, 2008, p.309). Contudo, trata-se de uma máquina que envelhece, adocece, logo, possui momentos de renda e momentos de não renda. Essas ideias não foram concebidas em termos de “força de trabalho, é uma concepção do capital-competência, que recebe, em função de variáveis diversas, certa renda que é um salário, uma renda-salário, de sorte que é o próprio trabalhador que aparece como uma espécie de empresa para si mesmo” (FOUCAULT, 2008, p. 210). Os liberais norte-americanos, conforme Foucault (2008) concebiam não apenas a economia, mas também a sociedade a partir das relações econômicas. Há, então, um retorno ao *homo oeconomicus*, entretanto, no neoliberalismo o *homo oeconomicus* não ressurgiu como:

[...] parceiro da troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, é um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que,

²⁴ Foucault (2008) cita Theodore Schultz, que publicou assuntos sobre o tema entre 1950 e 1960, cujo inventário foi publicado em 1971, no livro chamado *Investment in Human Capital*. Gary Becker também publicou um livro com o mesmo título, na mesma época, e Mincer publicou em 1975 sobre a escola e o salário.

praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo oeconomicus*, parceiro da troca por um *homo oeconomicus*, empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda. (FOUCAULT, 2008, p.311)

O salário é a remuneração que corresponde ao emprego de capital a partir da ideia de uma competência-máquina, esse capital será chamado de capital humano. A forma empresa se estende para as relações consigo mesmo, com a família e com outros aspectos da vida ao generalizar o “modelo econômico, da oferta e da procura, o modelo investimento-custo-lucro para fazer dele um modelo das relações sociais” (FOUCAULT, 2008, p.332).

É possível, desta forma, fazer uma analogia do empreendedor de si do pensamento liberal norte-americano com o que Bauman (2008) descreve como sendo uma característica na sociedade de consumidores, na qual, para constituir-se como sujeito, é necessário transformar-se em mercadoria, buscando destacar-se dentre outras tantas mercadorias disponíveis. Para Bauman (2008), na sociedade de consumo, não há uma distinção evidente entre os objetos de consumo e os consumidores, tendo como um dos efeitos destas transformações a transposição dos modos como as pessoas se relacionam com os objetos de consumo para as relações com outros seres humanos.

O consumismo expressaria essa especificidade na sociedade de consumidores, característica que se produziu a partir do momento em que o consumo assume o lugar antes ocupado pelo trabalho na sociedade de produtores (BAUMAN, 2008). Se dentro da forma “arquetípica do ciclo metabólico o consumo é uma condição” (BAUMAN, 2008, p.37), uma atividade humana, uma característica biológica que nos iguala a outros seres vivos com poucas possibilidades para a invenção, o consumismo se caracteriza como:

[...] um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na *principal força propulsora e operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p.41)

O consumismo seria uma característica própria da sociedade de consumidores. Na sociedade sólido-moderna, os trabalhadores tradicionais encontravam a satisfação na segurança de um futuro estável, garantido a partir da posse de bens duráveis, que resistiam ao tempo (BAUMAN, 2008). Por outro lado, na sociedade de consumidores, o impulso da economia acontece justamente pela não satisfação dos desejos, a cada fracasso, há uma nova busca por satisfazê-los (BAUMAN, 2008). A busca por felicidade é sempre procrastinada, e o descarte de objetos é uma das formas encontradas para enfrentar/perpetuar a não-satisfação, desvalorizando a durabilidade, “é pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa” (BAUMAN, 2008, p.31). O consumismo não se caracteriza pela busca por acumular bens, mas pela produção de necessidades e desejos, “novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos; o advento do consumismo augura uma era de 'obsolescência embutida' dos bens oferecidos no mercado” (BAUMAN, 2008, p.45) e o aumento da produção de lixo.

Essa obsolescência embutida na duração dos produtos fabricados é uma lógica na qual os produtos devem ter um curto período de duração para estimular o consumo. Para Arendt (2007), em *A Condição Humana*, a sociedade de consumidores não se realizou, pois o processo vital necessita de objetos para serem usados e não consumidos; caso a única atividade humana fosse consumir, os seres humanos seriam levados a um processo cíclico permanente na qual os objetos brotariam e sumiriam sem permanência, o mundo não seria um lar. Para Arendt (2008), o trabalho produz objetos para serem usados e a produção do labor é destinada ao consumo, são processos derivados de atividades distintas, com tempos distintos de durabilidade no mundo, mas que tem sofrido aproximação.

Arendt (2007, p.15) caracteriza *vita activa* compreendendo as atividades “humanas fundamentais: labor, trabalho e ação”, ambas atividades são importantes para a vida na terra. Entre essas atividades humanas fundamentais, o labor é a expressão do “processo biológico do corpo humano”, cuja “condição humana é a própria vida” (ARENDR, 2007, p.16), e está ligado à capacidade humana de nutrir suas necessidades para sobrevivência na Terra, condição na qual se encontra o *animal laborans*. O trabalho expressa o “artificialismo da existência humana”

(ARENDR, 2007, p.16), cuja condição humana correspondente é a mundanidade que está ligada à fabricação, na qual se encontra o *homo faber*. Já a ação é a “única atividade que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, correspondente à condição humana de pluralidade” (ARENDR, 2007, p16), um exemplo disso é a política.

O trabalho é um processo de fabricação cujo produto é durável, constrói os hábitos e os costumes entre as pessoas, seus produtos são duradouros e necessários à permanência dos seres humanos no mundo; ao término da fabricação do objeto, o trabalho cessa (ARENDR, 2007). Os produtos do trabalho podem ser mesas, cadeiras, esculturas, mas também a legislação, cujo produto duradouro é o próprio documento, entre outros exemplos.

O labor é um processo cíclico, um movimento repetitivo, está ligado à capacidade humana de prover a própria vida, o esforço realizado pelo *animal laborans* se esvai quase ao mesmo tempo em que é realizado, não restando produtos duráveis, apenas eventualmente. Sua principal preocupação é assegurar “os meios da própria reprodução; e, como sua força não se extingue quando a própria reprodução já está assegurada, pode ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital, mas nunca produz outra coisa senão vida” (ARENDR, 2007, p.99). Um exemplo seriam as tarefas domésticas (cozinhar, lavar), as quais, assim que são finalizadas, logo necessitam ser recomeçadas.

A aproximação entre trabalho e labor acontece quando o resultado do trabalho, produto durável, encurta seu ciclo de utilidade, diminuindo sua duração até se aproximar do produto do labor. A partir da lógica do consumismo, os produtos precisam ter um curto período de duração, para que logo sejam descartados e novamente comprados. Para Bauman (2008), o consumismo, atributo da sociedade de consumidores, é justamente o movimento cíclico de produção de necessidades e desejos, movimento que exige produção e descarte. A partir do encurtamento da relação entre o produto do trabalho e o labor, se produziu uma nova relação entre os seres humanos e o mundo em que vivem, tendo como consequências a instabilidade da vida na terra. Para Arendt (2007), há produtos destinados ao consumo, mas há objetos que são destinados a tornar a terra um lar, possibilitando a permanência na terra, constituindo a cultura. A instabilidade advém de nossa falta de familiaridade com o mundo, já que são as coisas mundanas que tornam a terra nosso lar, constroem nossos hábitos (ARENDR, 2007). Além disso, existe “o grave perigo de

que chegará o momento em que nenhum objeto do mundo estará a salvo do consumo e da aniquilação através do consumo” (ARENDR, 2007, p.146).

A partir destas problematizações a respeito dos consumos, busquei expor as transformações nos modos de consumir e algumas das possibilidades de pensar a dimensão que eles tomam na vida das pessoas. Ao relacionar ao tema da pesquisa, que é de investigar como alguns grupos que se contrapõe a um modo de vida e de trabalho mais massificado se relacionam com o consumo, percebi que as escolhas em relação aos modos de consumir são expressões sobre as escolhas dos modos de viver. Deste modo, não podemos falar que as pessoas não têm outras possibilidades de viver e há consumo em todas as dimensões da vida humana. Por outro lado, não busco afirmar e definir que há um modo certo e/ou errado de se relacionar com os consumos, ainda que seja inegável a existência de efeitos negativos ao meio ambiente, relativos à produção e ao consumismo de produtos na atualidade.

Bauman (2008) compreende que o consumismo enquanto uma característica da sociedade de consumo. É efeito de uma lógica capitalista que visa à expansão de lucro e à manutenção de certas relações de poder. Porém, há avanços no âmbito do consumo como, por exemplo, toda uma legislação sobre direitos do consumidor/a. O consumismo se opõe à democratização da qualidade de vida e do bem viver, ainda que democratize o consumo em seu sentido restrito. Logo, ainda que a ampliação do acesso aos consumos seja algo positivo, o modo como foi ofertado esta possibilidade foi à custa de um sujeito assujeitado, principalmente a partir de seu endividamento econômico.

Tal arranjo social que Bauman (2008) designa como consumismo tem se evidenciado também por meio da transformação no modo como as empresas têm pensado o marketing nas últimas décadas, de certo modo, os produtos ficam num segundo plano, ganhando destaque a venda de um estilo de vida. Essa nova oferta tem efeitos no modo como consumimos e no modo como vivemos. Nesse estudo, o que constatamos não foram sujeitos submissos aos modos de vida mais massificados, mas, pelo contrário, sujeitos que buscavam constituir-se a partir de valores éticos, expressando-se nos modos de consumir as escolhas sobre o viver. No capítulo quatro, explicarei melhor esta relação.

3 DIREÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA: O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR²⁵

O início do percurso com os grupos na pesquisa aconteceu no final de maio de 2013. Em junho de 2013, iniciaram as manifestações contra o aumento da passagem de ônibus urbano, as ruas do país estavam cheias de pessoas²⁶, o comércio fechava mais cedo suas portas, havia um ar de rebeldia por quase todos os lugares em que eu caminhava... Ao mesmo tempo, começava o acompanhamento ao grupo de teatro, primeiro grupo do percurso da pesquisa. Neste momento político agitado, houve ocasiões em que acompanhei o grupo de teatro nos ensaios, fazendo a atividade de acompanhamento da pesquisa e após o acompanhamento, fomos juntos a manifestação, já que o grupo fez intervenções teatrais durante as passeatas. As manifestações eram temas constantes nas conversas, mas também alvo de preocupações. Em um dos registros do Diário de Campo, relatei uma ligação que fiz para uma participante: “hoje fiquei sabendo que alguém do Levanta Favela foi preso no último protesto de segunda-feira, quando liguei para confirmar que iria no dia seguinte, aproveitei e perguntei o que aconteceu, me disseram que a pessoa que foi presa já tinha sido liberada” (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de junho de 2013). A cidade estava repleta por um “clima” de tensão que se misturava à rebeldia, exigindo precaução. Em outra passagem do Diário de Campo, também escrevi sobre isto:

Estava chovendo, vim de carro de Gravataí, pois já pretendia ir à manifestação que teve neste dia, chamada pelo Bloco de Lutas. Estava um clima tenso no centro da cidade, o comércio fechou cedo, antes de chegar ao Gasômetro, comprei umas balas de café numa lojinha de 1,99 e só se falava nisto dentro da loja. (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de junho de 2013)

Neste momento, estava lendo o livro *Pistas para o método da cartografia*, organizado por Passos, Kastrup e Escóssia (2012) e pensava na dissolução do ponto de vista da pesquisadora e no que isto significava. Algo que me pareceu

²⁵ Referência ao poema XXIX, de Antônio Machado, “Proverbios y Cantares” (1913). Disponível em: http://www.materialesdelengua.org/LITERATURA/HISTORIA_LITERATURA/ANTOLOGIAPOETICA/la_mina_machado_proverbioycantares.pdf. Acesso em 20 mai. 2015.

²⁶ O motivo inicial das manifestações foi o aumento da passagem, mas xs manifestantes foram incluindo outras demandas, como a luta contra a corrupção.

impossível, principalmente no início do percurso, pois me sentia como militante-pesquisadora, afinal, eu estava lá, no meio de uma multidão, gritando contra o aumento da passagem e por tudo o mais que se quisesse gritar, como seria possível observar xs participantes da pesquisa, me colocar no lugar de pesquisadora? Produzir uma cartografia passou a fazer todo o sentido, pois é uma metodologia que compreende ser impossível dissociar sujeito que estuda do objeto estudado no processo de pesquisa. Segundo Pozzana e Kastrup (2012, p.57), o “objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”, em suas relações com o mundo. Logo, percebi que não precisaria “neutralizar” minha relação de militante, mas incluí-la no processo de análise do material de pesquisa. Comecei com essa inspiração, e tudo parecia estar relacionado: militância, pesquisa, consumo... ainda que as preocupações na relação de militante-pesquisadora persistissem. Em uma passagem do Diário de Campo, expressei bem essa sensação inicial:

Fiquei chateada, tinha sido furtada e estava com medo de ir na manifestação sem documento algum, sabia que a polícia estava pegando qualquer pessoa na rua e levando presa. Mesmo assim, fiquei com o pessoal que ensaiou músicas para cantar na marcha, estava chovendo muito, estávamos tensxs, o Levanta Favela sempre é muito visado pela polícia. Em frente ao Gasômetro comecei a passar muitos ônibus, caminhão, moto e cavalos da Brigada Militar, um clima totalmente tenso, mas me sentia bem de estar ali, estávamos ao fundo do Gasômetro. Fiquei me questionando, quando escrevi o Diário de Campo, onde acabaria o relato de pesquisadora... pensei em simplesmente delimitar, tipo, aqui acabou a pesquisa e comecei a militante... (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de junho de 2013).

Estava vivendo tudo aquilo, mas a vida e a pesquisa tinham outras dimensões. A escolha do tema de pesquisa e dos grupos participantes se relaciona também com a minha militância. Segundo Passos e Benevides de Barros (2012, p.170):

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal.

As manifestações começaram a ganhar milhares de participantes, eu passava horas do dia na internet lendo e tentando saber como estavam as coisas pelo país, ao mesmo tempo, entrava em contato com os grupos, convidando-os a participar da pesquisa e também participava de algumas manifestações contra o aumento da passagem. Tudo era novo e era novo para todos. O que estava acontecendo? Pessoas que nunca saíram às ruas agora estavam lá. Eu havia passado os últimos 10 anos de minha vida lutando por justiça social, pela democratização da comunicação, por saúde pública, por uma educação popular... Estava acostumada a participar de manifestações em que a presença de 40 pessoas era considerada um bom número. Como compreender o que estava acontecendo? Quanto à pesquisa era um pouco mais fácil, fui deixando as incertezas e fazendo escolhas, sobre como fazer, com quem fazer. Havia algumas coordenadas iniciais que eu estava seguindo.

A escolha de participantes como sendo sujeitos que buscam relações mais horizontais e com maior autonomia em suas relações vai ao encontro da proposta de coautoria entre pesquisador/a e pesquisados, concebida pela cartografia. Além disso, expressa a posição ética adotada neste estudo e o modo de compreensão sobre como o conhecimento produzido.

A pesquisa-intervenção na qual a cartografia encontra-se incluída tem alguns pressupostos. O conhecimento a ser produzido nessa perspectiva não é imparcial ou “neutro”, sendo uma produção conjunta entre os/as diferentes participantes, não tendo como objetivo encontrar uma verdade (ROCHA; AGUIAR, 2003), mas sim produzir conhecimento a partir do cotidiano das pessoas. Buscamos a produção de saberes a partir das relações estabelecidas entre quem propõe algo a ser estudado/pesquisado e quem aceita a proposta de estudar/pesquisar junto, destituindo o lugar de especialista e incluindo a ideia de diferentes saberes, relação na qual todos/as tem algo a contribuir. Desse modo, nos propomos a produzir/constituir um lugar a partir da relação na qual “pesquisador e pesquisado, ou seja, sujeito e objeto do conhecimento – se constituem no mesmo momento, no mesmo processo” (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2000, p.73). Minha experiência caracterizou-se pelo acompanhamento de quatro grupos que consideramos vivenciar **estilos de vida e de trabalho alternativos a modos massificados de vida**. O objetivo deste estudo foi o de visibilizar a relação com os consumos destes grupos, evidenciando a existência de outras possibilidades de viver.

Entendemos que a pesquisa-intervenção se propõe a um rompimento mais evidente com as perspectivas “tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p.67). A cartografia toma a realidade como sendo constituída por dois planos, um que pode ser descrito a partir de suas regularidades, da análise do empírico, da observação, de leis mais gerais, chamado de plano das formas; outro que não seria possível ser apreendido em termos de regularidade, que é acessível apenas no plano da experiência singular e única, o plano das forças (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2012). A cartografia analisa os dois planos.

O método cartográfico pressupõe uma relação de mutualidade, reciprocidade, troca entre o plano das formas (regido por regras quantificáveis) e o plano movente das forças (da experiência, do singular) (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2012). A produção de realidade está na composição dos dois planos: “o que algumas ciências e filosofias tomam por realidades atemporais são, na verdade, efeitos da relação entre os dois planos. As formas resultam dos jogos de forças e correspondem a coagulações, a conglomerados de vetores” (ESCÓSSIA, TEDESCO, 2012, p.94). Para Escóssia e Tedesco (2012), no plano das formas estão incluídos:

[...] os objetos que acreditamos constituir a realidade: coisas e estados de coisa, com contornos definidos que lhes emprestam caráter constante e cujos limites parecem claramente distingui-los uns dos outros. As formas do mundo constituem-se naquilo que o pensamento da representação reconhece como objetos do conhecimento, com suas regularidades apreensíveis por leis, pelo cálculo probabilístico das ciências. (ESCÓSSIA, TEDESCO, 2012, p.94)

Podemos compreender o plano das formas, de maneira geral, como tudo aquilo que as ciências tradicionais afirmam como sendo o verdadeiro, e o coletivo de forças como revelador de processos de subjetivação, aquilo que não pode ser tomado a partir de categorias gerais, com contornos definidos, mas daquilo que é singular (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2012). Busquei compreender os processos de subjetivação, levando em conta esses dois planos. Entretanto, é necessário expressar que foi algo muito difícil, justamente por compreender que estando no campo de pesquisa, interviria no objeto de pesquisa, pois, ao utilizar a cartografia

neste estudo, entendemos que “toda a pesquisa é intervenção” (PASSOS, BENEVIDES, 2012, p.17).

Apesar de a cartografia possibilitar o estudo da experiência singular e não dissociar pesquisa e intervenção (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2012), não é possível afirmar que, ao tomá-la como direção metodológica, estamos necessariamente traçando o percurso que anima os objetos de pesquisa em seu processo de produção, ou seja, acessando o plano das formas. Utilizar a cartografia é um processo que vai além de “aderir” a um modo de fazer a pesquisa, constituindo-se também como um processo de análise de implicação dx pesquisadxr, o que torna a pesquisa mais do que um processo de reflexão sobre o objeto a ser estudado, mas também um estudo que inclui o olhar de quem pesquisa.

Utilizei a cartografia, enquanto um método de pesquisa-intervenção, como direção metodológica para este estudo, quer dizer, não a utilizei como um modelo a ser aplicado, mas como orientação do trabalho. Para Passos e Benevides de Barros (2012), não há prescrições sobre o modo de pesquisa na cartografia, mas orientações que dão direção à pesquisa, “o desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas” (PASSOS, BENEVIDES DE BARROS, 2012, p.17).

Durante todo o percurso de pesquisa me questioneei sobre o modo de fazer uma cartografia. A dúvida residia no questionamento constante sobre o modo de fazer, de como acessar aquilo que é movente, que não está instituído, me deixando afetar pelo campo de pesquisa. No que deveria prestar atenção afinal? Como analisaria aquele longo Diário de Campo? Por outro lado, a cartografia me deu uma certa liberdade em, por exemplo, modificar a pergunta da pesquisa em pleno processo de pesquisa. Para Pozzana (2013, p.335):

Por meio de práticas que nos fazem conhecer concretamente a condição acentrada e fragmentada do eu, a virtualidade do si tem lugar e nos faz duvidar do sujeito conhecedor como fonte do conhecimento. Nesse duvidar fazemos um movimento no mundo diferente do clássico-cartesiano. A dúvida, quando transformada em problema, quando articulada, é criação e produção de pensamento, é mergulho na experiência porque é com o corpo que uma questão se faz. É no corpo pensante e vibrante que uma perturbação engendra a vida que cria: corporificação e afetabilidade.

Na produção de pensamento e no mergulho na pesquisa, também me perguntei sobre a radicalidade proposta pela pesquisa-intervenção. A cartografia questiona as metodologias tradicionais ao compreender que a produção de conhecimento “não se restringe a descrever ou classificar os contornos formais dos objetos do mundo, mas principalmente (...) traçar o movimento próprio que os anima, ou seja, seu processo constante de produção” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2012, p.92). Em muitos momentos, me pareceu meio prepotente acreditar que todas as outras metodologias ditas tradicionais estavam em busca de metas pré-fixadas e acreditando que encontrariam verdades universais, surgindo, desse modo, a cartografia como radical aos modos de fazer pesquisa. Não considero que outras abordagens teóricas acreditem em verdades universais e neutras, mas valorizei as críticas feitas as outras metodologias ditas tradicionais no sentido de tomar cuidado no meu próprio percurso de pesquisa. Nas torções do pensamento, tentei ficar atenta ao que ela propõe e pensei no cuidado ético sobre o pesquisar, na busca por um modo de compreender e fazer que possibilitasse o traçado das metas durante o percurso.

A relação de coautoria expressa o cuidado ético, ao garantir o protagonismo dos sujeitos na pesquisa, a cartografia realiza a proposta de intervenção, conforme Kastrup e Passos (2013, p.270-71):

[...] significa fazer valer o protagonismo do objeto e a sua inclusão ativa no processo de produção de conhecimento, o que por si só intervém na realidade, já que desestabiliza os modos de organização do conhecimento e das instituições marcados pela hierarquia dos diferentes e pelo corporativismo dos iguais. A pesquisa deixa de ser produção de conhecimento do sujeito cognoscente sobre o objeto, do pesquisador sobre o campo, para ser ação de “estar com” ou de transversalidade em um plano comum. A cartografia é pesquisa-intervenção participativa porque não mantém a relação de oposição entre pesquisador e pesquisado tomados como realidades previamente dadas, mas desmancha esses polos para assegurar sua relação de coprodução ou co-emergência.

Pensar a forma de fazer a pesquisa levou ao questionamento sobre como produzir um espaço em que os sujeitos queiram participar e se sintam coautores. Nete estudo, os nomes dos grupos não foram omitidos por compreender que uma autoria só é possível quando ela é, ao menos, identificada. Muitas vezes, falamos em autoria, mas, enquanto pesquisadorxs, levamos os “créditos” de forma individual por produções coletivas. Para este estudo, quatro grupos participaram: a Cambada

de Teatro em Ação Direta Levanta, participantes da Pedal Express²⁷ (cooperativa que presta serviços de entregas), a Cooperativa de Consumo (plantam e comercializam alimentos orgânicos, divulgam a reforma agrária e a luta dos camponeses) e o Coletivo Até o Talo (culinária com aproveitamento de alimentos e invenção de receitas veganas, etc.). Os grupos são de Porto Alegre e Nova Santa Rita. A Cooperativa de Consumo é uma parceria entre o Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra, de Nova Santa Rita e o Ateneu Libertário A Batalha da Várzea, local onde se realiza a atividade de venda dos produtos em Porto Alegre.

Iniciei o percurso de acompanhamento com a Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela. Trata-se de um grupo de teatro de rua e que começou suas atividades em 2008 com “uma intervenção cênica de denúncia aos doze anos de impunidade do massacre de Eldorado dos Carajás”²⁸, conhecido e reconhecido por estar presente nas mais diversas manifestações políticas e culturais da capital gaúcha²⁹. O grupo mantém oficinas abertas ao público em geral, a “Oficina de Teatro em Ação Direta”, que acontece na Casa de Cultura Mario Quintana, a oficina “Do Teatro Militante à Música Engajada” e a “Oficina de Interstícios Cênicos”, na Usina do Gasômetro, todas em Porto Alegre. Uma das principais características do Levanta Favela, como ficou conhecido o grupo, é a de ocupar a rua³⁰ como um ato político e como um espaço de intervenção, utilizando a linguagem da agitação e propaganda (AGITPROP) para a produção de seus trabalhos. Nessa perspectiva, o grupo construiu diversas intervenções cênicas, entre elas³¹: “Manifesto por uma Educação Libertária”, “Dona Maria”, “O Direito de Comer Direito” (2008), “Elton Brum” (2009), “Manifesto por uma Abolição Libertária” (2010), “Pacha Mama”, “Para que(m) serve teu voto?”, “Pula Roleta”, entre muitas outras.

O segundo grupo do percurso de pesquisa foi a Pedal Express. A Pedal é uma cooperativa de ciclistas que prestam serviços de entregas em Porto Alegre. Neste tipo de serviço chamam os ciclistas de mensageiros. No panfleto da cooperativa de ciclistas está escrito: “entregas rápidas em bicicleta: a Pedal Express oferece a Porto Alegre um serviço de entregas limpo e eficiente, beneficiando vocês,

²⁷ Apenas cinco mensageiros da Pedal participaram da pesquisa.

²⁸ Conforme postado no blog Levanta Favela. Disponível em: <http://levantafavela.blogspot.com.br/>. Acesso em 28 jan. 2015.

²⁹ O grupo também atua em outras cidades e eventos do país, conforme postado no blog Levanta Favela. *Idem*.

³⁰ Atualmente, também produzem peças teatrais em locais fechados. Conforme postado no blog Levanta Favela. *Idem*.

³¹ Conforme postado no blog Levanta Favela. *Idem*.

sua empresa e o meio ambiente³², construindo a ideia da possibilidade de encontrar um serviço eficiente, mas também que respeita o meio ambiente. Oferece uma alternativa para quem se preocupa com o clima, a poluição sonora, poluição do ar, congestionamento nas ruas das cidades. A pesquisa foi feita com apenas cinco ciclistas da Pedal Express, não foi feito com todo o grupo, pois xs primeirxs participantes a serem contatadxs informaram que seria bem difícil marcar uma reunião com todxs para tratar da pesquisa.

O terceiro grupo foi a Cooperativa de Consumo³³ que é uma parceria do Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra com o Ateneu Libertário A Batalha da Várzea. O Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra é composto por alguns/umas assentadxs do MST residentes em Nova Santa Rita e produz alimentos orgânicos. A distribuição é feita no Ateneu Libertário A Batalha da Várzea, em Porto Alegre, para esta atividade, havia apenas duas pessoas auxiliando³⁴. A tarefa de dar o “apoio urbano”³⁵ consiste em auxiliar a entrega das cestas, receber o pagamento das encomendas e enviar parte dos avisos sobre o que será entregue, entre outros avisos. Para comprar as cestas, basta preencher um cadastro no blog do Ateneu Libertário e fazer a encomenda. As pessoas que encomendam as cestas são chamadas de cooperativadas, as entregas são quinzenais, mas para encomendar é necessário enviar um e-mail solicitando a cesta a cada quinzena e depositar o valor a ser pago, ou seja, a compra não é uma obrigação após o preenchimento do cadastro. A entrega das cestas no Ateneu Libertário é também uma possibilidade de encontrar pessoas, tomar um chimarrão e compartilhar boas conversas. Conforme a denominação feita pelxs participantes da pesquisa, assentadxs são as pessoas que residem no assentamento em Nova Santa Rita, pertencentes ao Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra. Apoiadorxs urbanxs são participantes do Ateneu Libertário A Batalha da Várzea que, durante o acompanhamento, só teve uma participante. Cooperativadx são as pessoas que compram as cestas orgânicas na Cooperativa de Consumo.

³² Esta frase foi retirada de um panfleto da Pedal que me foi dado antes da pesquisa começar.

³³ Durante o acompanhamento, comentaram que o nome Cooperativa de Consumo foi mantido, não escolheram um nome ainda para esta parceria.

³⁴ Destas duas participantes, apenas uma participou da pesquisa. Atualmente há mais pessoas fazendo o apoio nas entregas.

³⁵ Expressão utilizada pelo grupo para se referir aos/às participantes do Ateneu Libertário.

O último grupo foi o Coletivo Até o Talo, cuja proposta é de produzir “uma cozinha horizontal, vegana e vegetariana”³⁶, alimentos saudáveis e com baixo custo, a partir do reaproveitamento de alimentos que recolhem das feiras (alimentos que seriam jogados no lixo), a utilização de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) e a modificação de receitas, como o molho pesto feito com amendoim (sem amêndoas ou castanhas). O grupo vende comida congelada; salgadinhos para festas; participa de feiras e outros eventos vendendo alimentos; promove jantás no espaço onde se localiza a cozinha do Até o Talo e oficinas de culinária. Além dessas atividades, estimulam alimentação mais “natural”, pouco processada pela indústria alimentícia – tudo isto com muito tempero a partir da divulgação de informações.

Feito o convite, me pus a andar, com a cartografia como direção metodológica. A pesquisadora e o objeto de pesquisa foram se construindo e se modificando ao longo do percurso, por afetações, por “cultivo”, e não por “aquisição de informações” (POZZANA 2013, p.333). O caminho se faz ao caminhar, logo, a experiência com a metodologia da pesquisa-intervenção foi um processo de intenso aprendizado, de cultivo, de criação da pesquisa e da pesquisadora. Para Pozzana (2013, p. 237), “grande parte do modo como agimos e conhecemos se dá sem atenção e consciência ao que nos acontece. Não nos é dado saber como explorar o plano da experiência, isto não é imediato, requer aprendizagem”, por isso, se torna uma tarefa difícil.

Nos primeiros contatos, ao convidar xs sujeitos a participarem da pesquisa, fui informada por um participante da Pedal Express que não poderia participar, pois, enquanto coletivo, não praticavam estratégias de “anticonsumo”, evidenciando a necessidade de uma metodologia que incluía o que não foi previsto no processo de pesquisa. A partir de uma escuta atenta à fala dxs participantes, a pergunta norteadora do percurso de pesquisa precisou ser repensada, a cartografia está apoiada no plano da experiência, no modo de fazer, no qual conhecer e fazer não se separam, sendo assim, não é possível “orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade” (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2012, p.18). É necessário estar atento ao que se observa e ao que se produz no encontro entre sujeito e objeto de pesquisa, por compreender o “conhecimento como invenção” (PASSOS; KASTRUP, 2013, p.392).

³⁶ Conforme informações do blog Até o talo. Disponível em: <http://coletivoateotalo.blogspot.com.br>. Acesso em 05 mai. 2015.

A pergunta da pesquisa passou da busca por estratégias de recusa ao consumismo para chegar à investigação sobre a relação com o consumo, experienciadas por **grupos que vivenciam modos alternativos a estilos massificados de vida e de trabalho**. Em muitos momentos do percurso, ficou evidente o quanto os modos de viver influenciaram os hábitos de consumo e vice-versa. Pensando os consumos não só na perspectiva em que se relacionam grandes corporações, empresas de marketing, produtos e consumidores, entre outros segmentos, mas também nos consumos enquanto lógicas que organizam a vida.

O questionamento sobre como produzir um espaço em que os sujeitos queiram participar e se sintam coautores da pesquisa foi constante até o final do processo. Ao escolher um tema de pesquisa, propus minhas próprias dúvidas, escolhi a forma de pesquisar, então, como produzir um engajamento dxs participantes na pesquisa? Para além da identificação do nome e da escuta atenta à fala dxs participantes, busquei construir os encontros com os grupos, combinando como ficar melhor a minha participação em suas atividades. Após o acompanhamento das atividades do grupo por um mês, fizemos uma conversa sobre qual a relação do grupo com o consumo e relatei a conversa em um diário de campo. Em um segundo encontro, falei sobre as minhas anotações, possibilitando o esclarecimento e modificações no que havia anotado. Durante o acompanhamento, fiz uma enquete sobre a possibilidade de construção de um encontro com todxs xs participanes ao final do processo, um encontro plural. Também enviei a escrita da tese aos participantes antes de submeter aos examinadores, convidei-xs a estarem presentes na defesa e, após isso, tentei agendar encontros com os grupos para ouvi-lxs sobre o que pensaram sobre a pesquisa.

Para Kastrup e Passos (2013), é a partir do modo como conduzimos o processo de pesquisa, construindo uma experiência coletiva, que poderemos construir uma relação de “confiança” e “interesse” na qual os sujeitos possam se sentir engajados e pertencentes. A construção de um sentido de participação coletiva na pesquisa leva a um “problema de natureza metodológica, o que nos obriga a deslocar a ênfase das perguntas do 'quem' para o 'como', de 'o que deve ser feito' para o 'como fazer', incluindo as implicações políticas e os efeitos desse fazer” (KASTRUP, PASSOS, 2013, p.273). Na pesquisa-intervenção, x pesquisador/a acompanha o processo de produção dos objetos do mundo, sendo

assim, o “como fazer” se torna a pergunta norteadora do processo, ao mesmo tempo em que expressa a dimensão ética na pesquisa.

Para Guareschi (2009), só é possível falar em ética a partir da dimensão de relação, ética é algo que só existe em relação a outra pessoa, algo que se constitui junto com x outrx, mas esse algo continua sendo singular, diferenciado dx outrx. Para Guareschi (1996), a relação é um conceito que pode incluir a oposição, embate, negação dx outrx, não estabelecendo sempre uma união. A preocupação com o “como fazer” na pesquisa-intervenção coloca em relação pesquisador/a e pesquisadxs, apesar de distintos, um/uma não existe sem x outrx.

3.1 Objetivos e Procedimentos Metodológicos Utilizados na Produção do Material de Pesquisa

Por compreender que a realidade é produzida, se faz necessário repensar e redefinir a ideia de “coleta dados” enquanto um procedimento de pesquisa, já que não há informações a serem extraídas, não há “coleta” e sim “colheita” de dados a partir do cultivo no processo de produção da realidade (PASSOS; KASTRUP, 2013). Sendo assim, a validação da pesquisa cartográfica passa também por explicitar os procedimentos de colheita de dados e seus manejos (PASSOS; KASTRUP, 2013).

Os procedimentos de pesquisa foram pensados para que fosse possível conhecer e estudar como cada grupo se relacionava com o consumo³⁷, através do acompanhamento das atividades e de encontros específicos para a discussão sobre a pergunta da pesquisa. Além disto, pelo processo de convivência, foi possível “afinar” a escuta e construir uma relação com xs participantes.

Dividi o processo de acompanhamento em duas etapas que se tornaram três: primeiro o acompanhamento ao cotidiano dos grupos (acompanhar reuniões, ensaios, atividades cotidianas, etc.); segundo, dois encontros construídos especificamente para discussão da pergunta da pesquisa; terceiro, um encontro para compartilhar o que eu vinha escrevendo sobre o tema pesquisa. Para registrar o percurso, refletir sobre a noção de implicação, colher materiais para a pesquisa, utilizei o diário de campo.

O objetivo da pesquisa foi o de **visibilizar a relação com os consumos dos quatro grupos que vivenciam modos de viver e produzir alternativos aos**

³⁷ Apesar de eu já conhecer alguns integrantes dos grupos, não conhecia todxs.

modos massificados de vida. Ao visibilizar outros modos de se relacionar com o consumo, estamos evidenciando outras possibilidades de compor a própria vida. Além disso, as relações com os consumos destes grupos suscitaram outras discussões, como a mobilidade urbana, modos de se relacionar com a terra e de alimentar, etc.

O acompanhamento ao grupo de Teatro e Ação Direta Levanta Favela teve início em maio de 2013, seguido pelo acompanhamento de participantes da Pedal Express, Cooperativa de Consumo e, por último, o Coletivo Até o Talo. Acompanhei presencialmente as reuniões e atividades cotidianas do trabalho de cada coletivo no período aproximado de um mês, acompanhei um grupo por vez. Após o acompanhamento, propus dois encontros com cada um, o primeiro para debater a questão – qual a relação de vocês com o consumo? –, o segundo para conversar sobre as informações registradas nos diários de campo a respeito do encontro anterior. Nesse momento, xs participantes puderam recordar o que havia sido debatido, opinando, retomando o assunto e/ou acrescentando novas informações, enquanto eu podia perguntar sobre algumas colocações feitas por elxs que estavam “mal registradas” ou simplesmente pouco explicitadas. O uso do diário de campo contribuiu não apenas como memória, mas também como a própria “produção de dados” da pesquisa cartográfica, ao “transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (POZZANA DE BARROS; KASTRUP, 2012, p. 70). Os encontros tiveram o intervalo de uma semana entre um e outro e nem sempre foi possível fazer os encontros seguidos do acompanhamento das atividades.

Por último, após ter acompanhado a todos os grupos, convidei-xs a participarem de uma conversa sobre a sistematização do material de pesquisa que eu estava produzindo, a partir dos registros no diário de campo. O terceiro encontro, para falar sobre o andamento da pesquisa, não havia sido proposto desde o início, não sabia se haveria disponibilidade dxs participantes para tanto. Foi durante o percurso, a partir da relação que foi se constituindo, que me senti à vontade para propor mais um encontro. Nem todxs xs participantes puderam estar presentes, mas havia participantes de todxs xs quatro grupos. O encontro plural, como chamei esse terceiro momento da pesquisa, aconteceu em maio de 2014, e foi o fechamento da parte mais empírica da pesquisa. Neste momento, xs participantes puderam opinar, criticar e/ou aprovar a tese que estava sendo escrita.

Após a defesa da tese, fiz um convite por e-mail e/ou Facebook para os participantes perguntando se tinham lido a tese e se gostariam de fazer mais uma reunião para falar suas opiniões sobre o trabalho. Xs participantes do Coletivo Até o Talo responderam pelo Facebook, enquanto xs participantes da Pedal Express, por e-mail, e ambos disseram gostar do trabalho e que ele poderia ser publicado assim como estava. Xs participantes da Cooperativa de Consumo marcaram um encontro em que fizeram algumas perguntas, como: O que é estilística e militantismo? E pediram para que eu acrescentasse nos objetivos do grupo a defesa da soberania alimentar, além de algumas considerações sobre a precariedade de outros assentamentos. O Levanta Favela ficou de agendar um encontro, mas ainda não deram resposta, apenas falaram que gostaram muito do trabalho.

Renault de Barros e Barros de Barros (2013), ao explicarem sobre a análise em uma pesquisa cartográfica realizada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) acompanhando docentes e direção de uma escola pública no município da Serra/ES (Secretaria de Estado da Educação – SEDU), expõem que “o compromisso era com a maneira como a análise do processo de pesquisa se efetivava”, e que a tarefa de analisar “é permitir constantemente que a própria pesquisa seja interrogada” (RENAULT DE BARROS; BARROS DE BARROS, 2013, p.384). O encontro plural com os grupos propiciou que este estudo também fosse interrogado, evidenciando a coautoria.

Em alguns momentos, me senti como alguém que viaja só, mas que encontra pessoas no caminho e aceitam andar juntas por algum tempo. No início da pesquisa, eu pensava na imagem de uma viajante, na qual fazia um percurso em que estão presentes diferentes experiências, contadas por pessoas que me ensinavam sobre o teatro, mobilidade urbana, cultivo da terra e culinária vegana. Essa viagem expressava aspectos ambivalentes do percurso da pesquisa, pois, ao mesmo tempo em que era preciso construir uma escrita ordenada, consistente, com validade científica, eu era tomada por muitas afetações, como empatia, vontade de estar naquele lugar, receios, esperança de produzir uma pesquisa que interessasse aos/às participantes. Coloquei-me a andar sem saber onde o caminho me levaria, mas busquei produzir aberturas ao meu olhar durante a viagem. A palavra caminhar estava sempre presente: caminhar a pé, na rua, na manifestação, na horta e/ou andar de bicicleta. Quando iniciava o percurso num grupo, me sentia como se estivesse descendo em uma estação de trem de uma nova cidade, tudo novo, e o

meu objetivo em cada lugar era o de conhecer. Esse sentimento de estar em uma viagem se complementava com a necessidade de registrar em um diário as experiências vividas.

O primeiro registro no Diário de Campo aconteceu após a oficina sobre anticonsumo que propus durante o X ELAOPA, Encontro Latino Americano de Organizações Populares Autônomas, em janeiro de 2013. Porém, iniciei a escrita da tese somente ao final do percurso com os grupos, processo em que reli os diários de campo e algumas apresentações sobre a pesquisa que fiz nos grupos de pesquisa³⁸. Ao escrever, fiquei pensando na ideia de que “a cartografia introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação” (ALVAREZ; PASSOS, 2012, p.149). Não separamos teoria e prática, mas foi a partir das lembranças, anotações e pequenos escritos que consegui refletir sobre o vivido. Foi com os fragmentos da memória e dos diários de campo que pude analisar a experiência do percurso de pesquisa – o que não significa que separei reflexão e ação, mas que há outros desdobramentos para elas, como a possibilidade de seguir pensando sobre a experiência ou mesmo de a escrita produzir outras ações, prolongando a pesquisa para fora do tempo estabelecido institucionalmente pelo Programa de Pesquisa.

Durante o acompanhamento aos grupos, escrevi algumas reflexões nos diários de campo, talvez as mais importantes, mas existe um trabalho de análise que só foi possível ao final, quando já estava recolhida, literalmente, para escrever. Como o percurso foi longo, muitas vezes, escrevi os diários de campo como simples relato do acontecido. A partir da leitura e da análise dos registros, a escrita foi tomando corpo, e a pesquisa ganhou novos desdobramentos, tanto na análise de implicação, quanto na análise das respostas dadas à pergunta sobre as relações de consumo feita aos grupos. Como fiz o percurso com os grupos separadamente, reunindo-os apenas em um encontro, há diferenças nas experiências. Procurei prestar atenção nas singularidades de cada grupo, mas as regularidades também apareceram enquanto análise.

Remi Hess (2006, p.16), ao escrever sobre a “escrita implicada”, também explicou sobre o processo de reflexão que existe na leitura dos diários num momento posterior à escrita. A escrita implicada é uma ferramenta que promove a

³⁸ Apresentação para orientação no grupo de pesquisa do orientador e da coorientadora.

reflexão, auxiliando x pesquisador/a, ela “capta no dia a dia, as percepções, as experiências vividas, os diálogos, mas também as sobras do concebido que emergem. Com um certo distanciamento, a releitura dessas escritas é um modo de reflexividade cujo critério é sempre a questão da congruência”. A prática do diário de viagem, de trabalho, de pesquisa, entre outros, é tomado por Hess (2006) como uma possibilidade de escrita implicada, não apenas como memória objetiva das atividades realizadas, mas também como possibilidade de reflexão a partir do ato de escrita e da releitura da escrita, ou seja, do distanciamento temporal produzido entre o momento em que se escreveu algo e a posterior leitura.

O diário é uma ferramenta eficaz para quem quer compreender sua prática, refletir, organizar, mudar e torná-la coerente com suas ideias. O objetivo do diário é de guardar uma memória, para si mesmo ou para os outros, de um pensamento que se forma ao cotidiano na sucessão das observações e das reflexões. (HESS, 2006, p.17)

Devido ao longo percurso de pesquisa acabei escrevendo alguns diários mais curtos, por tornar/tomar algumas situações como cotidianas (ensaios, reuniões) e também um certo cansaço. Em dois momentos o computador estragou, cheguei a perder o relato de um dos dias registrados, resumos de livros, artigos e reportagens que fui colhendo ao longo dos últimos dois anos e meio. Contudo, como havia preservado os diários de campo, foi possível, a partir da releitura deles, evocar as vivências, impressões e afetações, possibilitando a escrita.

3.2 Primeiras Experimentações

Se [...] entendemos o processo como processualidade, estamos no coração da cartografia. Quando inicio uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. (POZZANA; KASTRUP, 2012, p.58)

Ainda enquanto buscava construir uma pergunta para a pesquisa, durante o X ELAOPA, Encontro Latino Americano de Organizações Populares Autônomas, que aconteceu em janeiro de 2013, em Viamão, propus uma oficina com o tema sobre a recusa ao consumismo, momento que inaugurou o Diário de Pesquisa. O encontro contou com a participação de mais de 70 organizações de seis países, nem todos

latino-americanos, e também com a participação de pessoas não vinculadas a grupos políticos organizados.

A oficina teve a participação de 10 pessoas, algumas ligadas a grupos organizados, outras não. O tempo das oficinas ficou um pouco prejudicado, por atrasos ocorridos no encontro, tivemos uma hora e meia para realizar a tarefa, que não foi concluída. A proposta inicial era de promover o debate sobre o tema, para depois produzir uma propaganda sobre o anticonsumo de forma coletiva. A produção da propaganda não foi possível, mas problematizamos o tema do anticonsumo, ou da recusa ao consumismo, e foi possível refletir alguns pontos sobre o tema.

De modo geral, havia um pessimismo quanto à possibilidade de “combater” um modo de vida consumista, ainda que não fosse essa a proposta da oficina, mas foi o tema que acabou por conduzir a conversa. Por outro lado, se problematizou alguns elementos que, para xs participantes da oficina, inspiravam comportamentos de recusa ao consumismo, tais como: a dimensão que o preço de um produto toma quando comparado a horas trabalhadas para adquiri-lo, a informação sobre o que se consome (substâncias colocadas na alimentação), o modo como são produzidos determinados produtos (relações trabalhistas, relações com o meio ambiente) e a indignação ao saber essas informações.

Relendo os diários de campo, fica nítida a minha relação de militância com o tema da pesquisa. Eu estava interessada em saber, de maneira indireta, se era possível produzir estratégias de resistências por meio do boicote ao consumo. Se isso fosse possível, seria uma possibilidade de luta. Nos primeiros relatos, essa relação fica expressa:

Hoje fiquei pensando ainda sobre a oficina no ELAOPA, pouca gente participou, bom, teve oficinas que foram canceladas, mas quem participou parece ter gostado muito, me pediram inclusive para dar um retorno para a plenária geral, fiquei com vergonha, não era esta a ideia, as oficinas não seriam compartilhadas em grande grupo, por que eu faria isto? Mas as pessoas acharam interessante, se mostraram indignadas com o assunto. Uma participante, que já me adicionou no seu Facebook, falou sobre o documentário muito além do peso e da indignação que dá em ver a perversidade das propagandas dirigidas para crianças. Para mim, é muito horrível perceber o que está acontecendo e me sentir impotente. Acho que este também é um dos motivos de eu ter me interessado em pesquisar, por acreditar que há potência na recusa, no não fazer, não consumir, não enriquecer, não desejar ter muitas posses, não

desejar ser famosa, viver feliz. (DIÁRIO DE CAMPO, 29 de janeiro de 2013)

Entretanto, por quase todo o trajeto de pesquisa estive preocupada em não me colocar numa postura militante, ação que me exigiu bastante esforço, tinha o receio de não conseguir desenvolver a atenção exigida a uma pesquisadora. Tal preocupação ficou registrada também no Diário de Campo que fiz pós o ELAOPA, no dia 29 de janeiro de 2013, em que refleti sobre o uso do termo anticonsumo ou recusa ao consumismo. Segue as considerações que escrevi no diário de pesquisa:

Pensei no termo, anticonsumo ou recusa ao consumismo, me parece que as pessoas que discutem politicamente estas questões estão mais acostumadas com o primeiro termo, fiquei pensando se seria adequando escrever recusa ao consumismo, como já venho fazendo. Ao mesmo tempo, esta é uma pesquisa que exige uma reflexão sobre o cotidiano, sobre o que está acontecendo, e o termo anticonsumo não parece ser adequado à discussão, pois, há diferenças entre a atividade de consumo, que todos fazemos, e o consumismo, que é mais do que uma atividade, se configura como um modo de estar no mundo. Pensei que talvez esta pequena reflexão já possa significar uma abertura que o processo de pesquisa tem produzido no meu modo de pensar, possibilitando a aproximação com a pesquisadora, não apenas com a militante. (DIÁRIO DE CAMPO, 29 de janeiro de 2013)

Após a oficina no ELAOPA, iniciei os contatos por telefone e por e-mail com xs futurxs participantes, na tentativa de investigar se haveria algum grupo que participaria do estudo, tornando a pesquisa viável. Ao acompanhar processos, em vez de guiá-los, pude escutar de um dos participantes da Pedal Express que seu grupo não estava ligado ao anticonsumo, logo, não poderiam participar da pesquisa. Conforme Passos e Eirado (2012), a intervenção feita pelo cartógrafo não se caracteriza como uma condução de processos, mas sim “acompanha processo, que, se ele guia, faz tal como o guia de cegos que não determina para onde o cego vai, mas segue também às cegas, tateando, acompanhando um processo que ele também não conhece de antemão” (Passos, Eirado, 2012, p.123). Foi, nesse momento, que precisei rever a pergunta da pesquisa, segue abaixo um trecho do Diário de Campo em que explico qual a questão inicial da pesquisa:

Pensei em perguntar aos/às participantes da pesquisa: vocês praticam alguma ação ou tem alguma atitude de recusa ao consumismo, ou anticonsumista? Quais ações ou atitudes vocês relacionam como sendo de recusa ao consumismo ou

anticonsumista? Pensei em construir algumas categorias de “estratégias” a partir das discussões nos grupos. (DIÁRIO DE CAMPO, março de 2013)

Foi necessário mudar a pergunta da pesquisa, mudar o meu modo de compreendê-la e de pesquisar. Todo este processo inicial, questionamentos, problematizações, análise de implicação, análise do objeto de pesquisa, análise dos motivos que me levaram a pesquisar foram construindo não apenas as modificações necessárias ao projeto de pesquisa para construir uma tese de doutorado, mas também o modo como eu pensava a própria pesquisa e a realidade.

Ainda no momento inicial, enquanto eu pensava sobre a pergunta a ser feita aos/às participantes, busquei informações sobre grupos com práticas de recusa ao consumismo por meio de buscas no Google a partir de palavras como: contra-consumo, anticonsumo, recusa ao consumismo, consumismo e resistência. Esses estudos ficaram registrados apenas no projeto de pesquisa, não os utilizei na escrita da tese. Para a escrita da tese, baseei-me em artigos da plataforma Scielo (Scientific Electronic Library Online)³⁹, encontrados em pesquisas por consumo e consumismo, além de indicações de leituras e vídeos feitas por parte dxs participantes e dos grupos de pesquisa aos quais este estudo pertence.

³⁹ Scielo é uma biblioteca eletrônica na qual se encontram artigos científicos. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?lng=pt>. Acesso em 19 out. 2015.

4 O PERCURSO CARTOGRÁFICO: ANDANÇAS E CONVIVÊNCIAS COM OS GRUPOS

Neste capítulo, analiso o percurso de pesquisa, cada experiência foi singular, pois evidenciaram distintas dimensões sobre os consumos, compondo este estudo. Apesar de as experiências terem sido muito ricas, escolhi evidenciar uma característica em cada grupo sobre a relação com o consumo, ou seja, analisar de forma teórica apenas um aspecto que me pareceu mais expressivo. Decidi organizar o material de pesquisa desta forma devido ao grande volume de materiais colhidos.

Nos subtítulos deste capítulo, são narradas as experiências de pesquisa com cada grupo. No próximo capítulo, escrevo a experiência do percurso de pesquisa para além de cada coletivo, buscando visibilizar aquilo que eles compartilhavam entre si. O encontro plural possibilitou partilhar o que eu vinha escrevendo e o que xs participantes estavam pensando sobre o processo de pesquisa. Além disso, foi por meio da relação de coautoria que foi possível aos/às participantes intervirem nos rumos da escrita. Neste momento, ficou evidente a relação entre consumos e modos de vida, no qual os consumos aparecem mais como expressões de estilos de vida.

Para a composição dos “dados” de pesquisa, selecionei as informações relevantes a partir das leituras dos diários de campo, de elementos que chamaram a minha atenção. É importante explicitar que a atenção utilizada na cartografia tem uma formulação conceitual, que recebe contribuições da psicanálise, como o conceito de atenção flutuante. Outra contribuição é a atenção aberta que, conforme Kastrup (2012, p.36), permite a “captação não apenas dos elementos que formam um texto coerente e à disposição da consciência do analista, mas também do material 'desconexo e em desordem caótica”. As principais aproximações entre a atenção proposta por Freud e a atenção em cartografia, segundo Kastrup (2012, p.36), são quanto à “suspensão de inclinações, expectativas do eu, que operariam uma seleção prévia” e ao trabalho com elementos fragmentados, dispersos, desconexos.

A cartografia exige que se busque uma atenção que vai além da atenção auditiva proposta pela psicanálise a partir da utilização “de outras modalidades sensoriais, [...], como é o caso da visão” (KASTRUP, 2012, p.36). Para não correr o risco de dispersar demais a atenção, é necessário empregar a redireção, que seria

uma resistência aos dispersores (KASTRUP, 2012). Quando a atenção parecia aberta demais e a escuta ficava muito ampla, eu voltava ao objetivo da pesquisa, à questão norteadora da pesquisa. Enquanto pesquisava, muitas perguntas me acompanhavam ao mesmo tempo em que eu acompanhava os grupos em seus cotidianos. A pergunta sobre como se faz para suspender a atenção estava sempre presente e me levava a outra: por que chamamos de intervenção se continuamos querendo apenas observar? Ainda que eu tenha compreensão de que todo pesquisar é intervir e que estar enquanto pesquisadora em um lugar já é intervir, o questionamento sobre qual a postura adequada para uma cartógrafa no seu trabalho de campo foi constante. Em uma passagem do Diário de Campo, escrevi sobre essa sensação desconfortável em relação à suspensão da atenção:

Relendo os diários, lendo este texto da Kastrup (2012) sobre a suspensão da atenção, me pareceu que sim, existe um método mais adequado para determinado problema, mas também existe um método que precisa ser adequado a/ao pesquisador/a que também tem suas limitações. Às vezes, se dispende uma grande energia para que a pesquisadora se coloque numa posição de suspensão da atenção. Penso que observei com a atenção “aberta”, mas não suspendo meus interesses no assunto, não suspendo o meu desejo de conversar com as pessoas, o que fazer? (DIÁRIO DE CAMPO, 01 de março de 2014)

A partir da análise de implicação, busquei evidenciar os meus interesses sobre o pesquisar, mas a minha dúvida era de ordem prática. Como é fazer uma pesquisa-intervenção? Se estou sempre intervindo apenas por estar ali, como analisar esta relação? Não encontrei uma resposta, mas as dúvidas me fizeram prestar atenção, ainda que em muitos momentos eu pensasse que poderia não ter dito algo ou que poderia ter comentado de outra forma.

Para analisar o material de pesquisa, além de destacar uma característica de cada grupo sobre o consumo, criei “categorias” com temas que surgiram nas falas dxs participantes. Percebi que, em todas as narrativas, acabei respondendo a três perguntas: quem são xs participantes, como trabalham e como se relacionam com o consumo. Então, resolvi expor de forma mais padronizada as dimensões de análise que surgiram, semelhante à análise de conteúdo, entretanto, acrescentei nas “categorias” informações que considere pertinentes, mesmo que tenham surgido na fala de alguém apenas uma vez. Logo, a seleção do material de pesquisa não aconteceu apenas pela quantidade de vezes que determinado assunto surgiu nas

falas, mas importaram as circunstâncias de tal fala, a intensidade da informação/ideia apresentada durante as conversas (se a pessoa que falou deu algum enfoque ao que disse) e o modo como eu consegui escutar e escrever sobre o que foi dito.

O material de pesquisa que trata diretamente sobre o percurso com os grupos passou por várias modificações no modo como os expus. Num primeiro momento, foi organizado dispondo apenas de uma caracterização sobre os grupos e outra a respeito do que falavam sobre os consumos. Num segundo momento, organizei o material de pesquisa contendo uma caracterização do grupo, os modos de trabalhar, os modos de consumir e uma característica que eu considere singular em cada grupo. Num terceiro momento, compreendi que aquilo que considere singular estava relacionado aos consumos e, então, organizei o material desta forma: caracterização do grupo, modos de trabalhar, relação com os consumos. Essa última elaboração do material de pesquisa está disposta nas narrativas que virão a seguir.

A escolha sobre quais grupos participar, como já escrevi anteriormente aconteceu quando eu buscava grupos com características que eu considerava anticonsumistas. No grupo de teatro, me chamou a atenção o fato de não buscarem recursos financeiros de empresas para produzir as peças, optando por utilizar materiais recicláveis ou reutilizando materiais já existentes, ou seja, um outro modo de consumir os materiais para a produção do espetáculo. Essa atitude permitiu que não procurassem patrocínio empresarial, acessando apenas editais públicos⁴⁰, se distanciando da ideia de tornar o grupo uma mercadoria. Quanto aos/às messageiros, o trabalho com bicicletas já evidenciava outra relação com o consumo. Num momento em que os noticiários de televisão anunciavam recordes de vendas de automóvel no Brasil nos últimos 10 anos⁴¹, andar de bicicleta mostrava-se em

⁴⁰ Os editais acessados lhes oferecem poucos recursos, mas, ainda assim, auxiliam bastante o grupo.

⁴¹ Conforme manchetes de sites: Conforme manchetes de sites: “A produção de carros é a maior da história” (sobre 2005). In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1201200609.htm>. Acessado em: 16 fev. 2015. “Venda a prazo puxa recorde anual da indústria de carros no Brasil”. In: http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,AA1377358-9356,00.html. Acessado em: 16 fev. 2015. “Venda de carros novos bate recorde no Brasil em dezembro” (sobre 2007). In: <http://www.noticiasautomotivas.com.br/venda-de-carros-novos-bate-recorde-em-dezembro-no-brasil/>. Acessado em: 16 fev. 2015. “Venda de veículos cresce 14,15% em 2008 e bate recorde diz FENABRAVE”. In: <http://economia.uol.com.br/ultnot/2009/01/06/ult4294u2078.jhtm>. Acessado em: 16 fev. 2015. “Venda de veículos novos bateu novo recorde em 2009”. In: <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/venda-de-veiculos-novos-bateu-recorde-em-2009/37383/>. Acessado em 16 fev. 2015. “Vendas de veículos batem novo recorde anual em 2010”. in: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/2010-e-ano-recorde-de-venda-de-veiculos>. Acessado em: 16 fev. 2015. “Venda de veículos bate novo recorde em 2011, segundo FENABRAVE”.

desacordo com essa lógica. A Cooperativa de Consumo, apesar de prestar um serviço de venda de alimentos orgânicos que já existe em Porto Alegre, o diferencial é a solidariedade que recebem do pessoal da cidade e a busca por divulgar a reforma agrária. O Coletivo Até o Talo me chamou a atenção por estar mais próximo ao que eu estava pensando no início da pesquisa sobre grupos anticonsumistas, por exemplo, elxs faziam jantas na sua casa, não se dispoñdo a serem prestadores de serviços que cozinhavam para clientes.

Alguns/mas participantes da pesquisa perguntaram sobre qual relação fiz para unir todos os grupos nesta pesquisa. Em suas propostas de trabalho, o único que se propõe a algo semelhante ao que chamei, inicialmente, de recusa ao consumismo seria o Coletivo de Até o Talo. Como já escrevi em outro momento, não busquei grupos por serem semelhantes, mas por características singulares, acreditando que, ao percorrer por caminhos distintos, compartilhando experiências singulares, conseguiria pensar os consumos não a partir da lógica do consumo de massas, a lógica de generalizações, mas a partir daquilo que os distingue dxs demais. Mesmo no momento em que estava buscando estratégias de recusa ao consumismo, já compreendia os consumos como algo que ultrapassava a ideia de uso de produtos, algo que atuava inclusive nas relações que as pessoas estabelecem com o mundo (BAUMAN, 2008).

Ao buscar visibilizar outros modos de se relacionar com o consumo, pensei nos efeitos que este estudo pode ter produzido. Para Renault de Barros e Barros de Barros (2013, p. 386), “a análise da pesquisa deve nos informar a respeito do quão interessantes foram os efeitos produzidos e quais foram as articulações engendradas.” Posso dizer que, no modo como eu estava pesquisando, houve uma grande mudança, ao deixar de compreender determinadas formas de consumos como lados avessos/inversos do capitalismo. A partir deste estudo, pude compreender que o consumo não só expõe hierarquias sociais e econômicas, mas também faz parte do processo de produção de singularidades, constituição de

In:<http://g1.globo.com/carros/noticia/2012/01/venda-de-veiculos-bate-novo-recorde-em-2011-segundo-fenabrave.html>. Acessado em: 16/02/2015. “O Brasil fecha 2012 com novo recorde de vendas de veículos, diz FENABRAVE”. In: <http://g1.globo.com/carros/noticia/2013/01/brasil-fecha-2012-com-novo-recorde-de-vendas-aponta-fenabrave.html>, acessada em: 16/02/2015. “Venda de automóvel é recorde no acumulado até julho” (sobre 2013). In: <http://economia.terra.com.br/carros-motos/venda-de-automoveis-e-recorde-no-acumulado-ate-julho,e48176814bf30410VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>. Acessado em: 16 fev. 2015. “Vendas de carro no Brasil batem recorde histórico em 2014”. In: <http://techroad.com.br/vendas-de-carros-no-brasil-batem-recorde-historico-em-2014/>. Acessado em: 16 fev. 2015.

identidades, evidencia diferenças.

4.1 Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela

Quando me lembro do grupo de teatro, a imagem que surge em meus pensamentos é a de um grupo de pessoas vestidas com roupas de cores em vermelho e preto, cheias de energia, localizadas na esquina democrática⁴², com muitos espectadores ao redor. Faz parte do cotidiano do grupo estar na rua, cercadxs por passantes que, em vez de seguir adiante seu caminho, param para assistir ao que está acontecendo. O grupo teatral insiste em lembrar coisas que a mídia em geral quer fazer com que a população esqueça, produzindo apresentações teatrais sempre muito críticas, seja sobre a reforma agrária, a copa do mundo, a valorização da mulher, etc.

Conforme o blog Levanta Favela, a linguagem do AGITPROP, junção abreviada das palavras agitação e propaganda, é um estilo criado na Rússia pelo partido Comunista Soviético para divulgar “campanhas político-culturais”. Além disso, é possível utilizar o termo para um teatro mais crítico, como as obras do dramaturgo Bertold Brecht e do produtor Erwin Piscator e a produção teatral feita a partir dos anos de 1960 que tendia a “sobrepôr a ideologia à sua representação estética”⁴³.

A Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela trabalha com a ideia de que é possível, a qualquer pessoa, expressar-se “através do teatro, essencialmente o de rua”⁴⁴. Atuando em locais públicos, o Levanta Favela se apresenta com pouco “aparato de montagem ou divulgação, intervindo no cotidiano do meio urbano, apresentando para quem estiver no aqui e agora”⁴⁵. Evidenciam um modo crítico de intervenção cênica na cidade, construindo não apenas um estilo mais radical, mas também propondo uma pausa para refletir, para pensar sobre a vida, sobre o mundo, interrogando os sujeitos que caminham pelo centro da cidade, pelas ruas e lugares públicos, envoltos em suas próprias questões/atividades. Ademais, ao dispensarem a necessidade de um grande aparato logístico, evidenciam outras

⁴² Esta esquina fica no centro de Porto Alegre, é um lugar em que, tradicionalmente, acontecem manifestações políticas e culturais.

⁴³ Conforme postado no blog Levanta Favela. Disponível em: <http://levantafavela.blogspot.com.br>. Acesso em 28 jan. 2015.

⁴⁴ *Idem.*

⁴⁵ *Idem.*

possibilidades de produção cênica, uma outra estética, bem como a possibilidade de construir um espetáculo sem a necessidade de grandes empresas patrocinadoras. Na peça “O Futebol, Paixão Nacional”, brincam com essa relação:

Elxs começam a peça agradecendo aos apoiadores, que vai desde a senhora que vende incenso, passando pelo senhor da pipoca e até o tio que vende água. Dão uma vaia para o Ministério da cultura, secretaria da cultura, prefeito, etc, por não darem apoio algum. O espetáculo é bastante crítico e termina com a música: quem semeia miséria colhe fúria! O Estado é a negação da humanidade. (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de junho de 2013)

Para este estudo, criei nomes fictícios aos/às participantes. Os nomes modificados são: Luana, Denise, Fernando, Paula, Guilherme, Patrícia, Jenifer, Marcelo, Mateus. Foi um total de 12 encontros, entre o convite a participar da pesquisa até o encontro final com todos os grupos participantes. No quadro abaixo, relacionei os dias de acompanhamento e as atividades vivenciadas por mim junto aos/às participantes do Levanta Favela:

Dia do encontro	Atividade
08/05/2013	1º contato presencial com o grupo: fiz o convite de participação na pesquisa.
04/06/2013	2º acompanhamento do grupo: assisti a uma audiência na Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, na comissão de Direitos Humanos, sobre a denúncia feita pelo grupo contra alguns episódios de perseguição da BM em relação a elxs.
14/06/2013	3º acompanhamento do grupo: no local de ensaio, apresentei o Termo de Consentimento Livre e Informado, falei novamente sobre a pesquisa.
15/06/2013	4º acompanhamento do grupo: assisti à apresentação de Tebas ou a Trilogia Tebana no Gasômetro.
20/06/2013	5º acompanhamento do grupo: assisti ao processo de criação de um novo espetáculo do grupo.
27/06/2013	6º acompanhamento do grupo: assisti ao processo de criação de um novo espetáculo do grupo.
30/06/2013	7º acompanhamento do grupo: assisti à apresentação de “O Futebol” e estive presente na reunião do grupo.
01/07/2013	8º acompanhamento do grupo: assisti à oficina de teatro.

02/07/2013	9º acompanhamento do grupo: participei dos exercícios de aquecimento e assisti ao processo de criação de um novo espetáculo.
12/07/2013	10º acompanhamento do grupo: assisti ao ensaio e fizemos a discussão sobre o tema da pesquisa.
19/07/2013	11º acompanhamento do grupo: fizemos a discussão sobre o tema da pesquisa.
27/05/2014	12º acompanhamento do grupo: conversa com todos os grupos participantes da pesquisa no Ateneu Libertário.

4.1.1 Modos de organizar o trabalho, processo de criação e encantamento pelo que se faz

Para acompanhá-los por um mês em suas atividades e como existem muitas atividades semanais, combinamos que eu participaria acompanhando-os em um dia fixo durante a semana (quintas-feiras) e um dia mais flexível, em outro dia da semana (que poderia ser qualquer dia), entretanto, nem sempre consegui seguir dessa forma⁴⁶. Durante a semana, se dedicavam aos ensaios, exercícios cênicos e a produção/criação de novas peças; no sábado apresentavam “Tebas ou a Trilogia Tebana”⁴⁷ (2013) e no domingo “O Futebol Nossa Paixão – Para falar de Política, Futebol e Religião”⁴⁸ (2011). O espetáculo de domingo foi feito para ser apresentado na rua e apresentado em qualquer bairro, no Centro ou mesmo em outro município, mas no dia em que assisti a apresentação foi no Gasômetro. “Tebas ou a Trilogia Tebana” é um espetáculo em local fechado, é cobrado ingresso e acontecia no pátio do Gasômetro. A atividade das quintas-feiras que acompanhei era um dos dias de produção de um novo espetáculo teatral, “A Belíssima Fábula de Xuá-xua, a Fêmea Pré-humana que Descobriu o Teatro”⁴⁹ (2013). Uma das participantes me explicou que, quando já estão com a peça em cena, não ensaiam mais, mas que, quando

⁴⁶ Houve alguns imprevistos, tanto de ordem pessoal (Um carro colidiu com o meu quando estava me dirigindo para encontrar o pessoal do teatro.), quanto por cancelamento de atividades, quando choveu e não apresentaram a peça “O Futebol”, por exemplo.

⁴⁷ O espetáculo “Tebas ou a Trilogia Tebana” (2013), adaptação dos textos de tragédia grega: Édipo, Édipo Rei e Antígona de Sófocles.

⁴⁸ O espetáculo “Futebol Nossa Paixão – Para falar de Política, Futebol e Religião” (2011), adaptação do texto “Corinthians meu amor” (1969) de César Vieira. Devido ao nome da peça ser muito longo, vou denominar apenas O Futebol.

⁴⁹ O espetáculo “A Belíssima Fábula de Xuá-Xuá, a Fêmea Pré-Humana que descobriu o teatro” (2013) é uma peça adaptada do texto de Augusto Boal, do livro Jogos para atores e não atores (2012). Devido ao nome da peça ser muito longo, vou denominar apenas Xuá-xua.

não apresentam, quando chove, por exemplo, ensaiam ao menos uma vez na semana. Devido ao fato de tanto o nome do grupo quanto o nome dos espetáculos serem longos, vou utilizar as expressões que xs artistas usavam nas suas falas coloquiais para se referirem ao grupo e aos espetáculos.

No primeiro dia de acompanhamento do grupo no local de ensaios, fomos para uma sala que era toda preta, nem todxs estavam vestidos com roupas pretas, mas a maioria vestia, havia uma meia-luz, sentei no local dxs espectadorxs. O grupo tem 14 participantes, mas neste dia estavam presentes oito pessoas. Estavam construindo o novo espetáculo Xuá-xua, e pude participar de uma parte do processo de criação, me senti privilegiada. As roupas pretas também são usadas nas intervenções na rua, facilitando na montagem estética, pois não precisam preparar uma roupa específica para cada intervenção (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de julho de 2013).

Neste dia, uma das participantes, Luana, me explicou que fazem uma espécie de rodízio na coordenação, não possuem uma pessoa instituída para a tarefa, x coordenador/a tem a função de conduzir o ensaio. Entretanto, as decisões em relação ao grupo são tomadas todas em grupo, nas reuniões do Levanta Favela. Além disso, trabalham com a ideia de que pessoas que nunca fizeram teatro também conseguem se inserir na apresentação, contaram que isso começou quando estavam em outro grupo de teatro. O espetáculo “Momo”⁵⁰ também foi reapresentado enquanto eu acompanhava o grupo e, apesar de eu não ter conseguido participar da apresentação, me chamou a atenção o fato de colocarem atores/atrizes iniciantes para atuar. Xuá-xua tem quatro participantes iniciantes e quatro mais experientes. Luana contou que “as intervenções têm a ver com o teatro, mas o teatro se propõe a ter técnica” (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de julho de 2013). Apesar de inserirem pessoas iniciantes nas apresentações, há uma preocupação grande com a técnica e, dessa maneira, ensaiam e estudam muito, dedicando várias horas da semana a tal atividade.

Durante o acompanhamento dos ensaios, acontecia uma certa rotina, começavam com o aquecimento, exercícios cênicos que duravam quase duas horas, depois dividiam-se em dois grupos de quatro pessoas para o processo de criação da nova montagem teatral. O processo de criação da montagem também tinha uma

⁵⁰ O espetáculo é uma adaptação da peça O Rei Momo, de César Vieira.

ordenação: primeiro liam o texto, depois inventavam uma “montagem” específica para aquela leitura do dia, então, apresentavam entre elxs e escolhiam/elegiam as melhores/mais adequadas criações para construir o espetáculo. Quando iniciei o acompanhamento, estavam lendo o capítulo “Xuá-xuá, a fêmea pré-histórica que inventou o teatro”, do livro “Teatro para atores e não atores”, de Augusto Boal. Trata-se de uma história sobre a invenção do teatro por uma mulher na pré-história.

Para construírem a montagem cênica, combinaram de produzir um momento de apresentação no qual atuariam como se fosse para um público. Nesse processo de produção da Xuá-xuá, passaram por dois meses criando por meio de ensaios livres, dois meses construindo o roteiro do espetáculo, outros dois confeccionando roupas e cenário e, por fim, dois meses ensaiando. Tudo isso a partir de um cronograma construído inicialmente. Ficava evidente a preocupação com o profissionalismo, com a técnica, com a disciplina, apesar das dificuldades financeiras, conforme o registro no Diário de Campo sobre a fala de Paula:

Contou que foram fazer uma apresentação para elxs mesmxs, quando estavam criando o roteiro, no último dia pensaram em fazer como se fosse uma apresentação para um público, fazer doces, se maquiar, arrumar as coisas para isto. Então ela teve que comprar um pacote de balões que custou R\$ 7,00, mas estava achando um absurdo gastar este dinheiro só para fazer uma apresentação para elxs mesmxs. Seria um dinheiro jogado fora e ainda por cima era um saco de balão com todos da mesma cor. Mas depois ela achou que valeu muito a pena, não achou que jogou fora o dinheiro, era para o teatro. (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de julho de 2013)

Contam sobre as dificuldades, mas também sobre o prazer em levar o teatro a pessoas que não tem acesso ao relembrarem situações em que o público se emocionou e ao recordarem-se de sorrisos, olhares e falas de agradecimento dxs espectadores. Uma participante contou que “uma senhora disse que nunca tinha visto teatro de rua” (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de julho de 2013). O grupo de teatro relatou que foram a lugares muito distantes, com difícil acesso, quando estiveram em Fortaleza. Por outro lado, uma participante falou que 90% dxs participantes não teria como fazer uma viagem dessas se não estivesse em um grupo de teatro.

Em um momento, Mateus contou que o teatro é uma militância e que acredita no teatro como um instrumento de transformação social – essas aspirações por transformação social se manifestam nas apresentações na rua. Denise explicou, inclusive, sobre a necessidade de “dialogar com a população, ter maior aceitação

sobre as coisas que são do povo, ainda que contrarie a opinião dela, deu exemplo do nacionalismo” (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de julho de 2013).

4.1.2 As relações com os consumos

Quanto à pergunta sobre como se relacionam com o consumo, xs participantes foram respondendo aos poucos, durante o percurso, mas também no momento específico para a discussão do assunto. Como exemplo, vou citar duas situações, uma que aconteceu no dia em fui assistir à “Tebas ou a Trilogia Tebana”, e a outra no dia em que fomos conversar sobre a questão da pesquisa.

Patrícia, uma das participantes, me disse durante a apresentação de “Tebas ou a Trilogia Tebana”: “Ah, tu quer saber sobre o consumo, então anota aí: a gente gasta R\$ 30,00 em cada apresentação de sábado” (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de junho de 2013). Gastavam para comprar elementos que compunham o espetáculo: uma pomba, uvas dedo de dama e vinho. Depois a participante falou que não tinha creche para seu filho e que, para participar das apresentações, precisava deixar o filho com a avó – e que isso também se relacionava ao consumo. Ela me mostrou alguns objetos que trouxe de casa para compor o cenário da peça, tais como bandejas, copos, etc. A bandeja foi feita por um amigo da participante. Ainda nesse dia, logo que cheguei ao Gasômetro, falei que buscaria um café no bar, então, a participante me ofereceu o copo que estava utilizando, era um copo descartável de isopor, pensei na economia de copos descartáveis como um gesto comum.

Fernando falou sobre o consumo em relação à Coca-Cola, contou que ficou dez anos sem beber, mas que atualmente não faz restrição a nada, acredita que algumas atitudes acabam sendo um pouco hostis com as outras pessoas e que apesar de beber refrigerante atualmente, não é algo cotidiano. Contou que “se as pessoas que estiverem com ele tomarem Coca-Cola, ele vai tomar, acha ruim até meio antipático a pessoa não tomar isto ou aquilo (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de julho de 2013).

Além dessas falas, pensei no cenário artesanal, quando Patrícia relatou sobre o amigo que fez a bandeja, lembrei-me de outros objetos com história, como o caso do baú que acharam no lixo, dos colares feitos a mão que demoraram meses para ficarem prontos, das máscaras que fizeram sem ter muita prática, da saia feita com lacres de latinhas de alumínio, etc., revelando que a produção artesanal das

montagens cênicas é uma produção com objetos que tem sua história.

Além da produção artesanal, reciclam/transformam alguns materiais. Por exemplo, em um dos dias de acompanhamento, Luana chegou com uma sacola de fantasias que ganharam de uma Escola de Samba, pretendiam aproveitar, reformar, transformar as fantasias. Também arrecadam materiais como carretéis de fio e caixas de madeira em lojas e no Mercado Público. Apesar de conseguirem resolver de muitas maneiras o problema da falta de recurso para comprar materiais que necessitam e de acharem importante que todxs saibam um pouco sobre tudo, há coisas que precisam terceirizar, como os serviços de costura. Segue um trecho do Diário de Campo em que registrei sobre esse assunto:

Cada artista é responsável por fazer a sua vestimenta, muitas roupas têm sementes, pedacinhos de galhos, canela, anis, cascas, entre outros elementos. Perguntei como foi para os homens aprenderem a costurar, Mateus respondeu que havia aprendido naquele ano, que furou muito o dedo, mas aprendeu. (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de junho de 2013).

Xs artistas do Levanta Favela confeccionam suas roupas, os acessórios, o cenário, fazem máscaras, criam músicas, produzem e dirigem o espetáculo. O limite dado pelo orçamento restrito faz com que não consigam produzir vídeos sobre o grupo, ou mesmo fazer intercâmbios entre atores, diretores, ir a mais comunidades, etc. Entretanto, se, por um lado, o orçamento restringe uma maior produção do cenário e do figurino e a compra de equipamentos para iluminação e sonoplastia, por outro, a parte de criação, produção e atuação são as atividades em que exercem sua liberdade a partir práticas coletivas. Esse acabou sendo o maior ponto de destaque, para mim, na relação do grupo com o consumo: a busca por não tornarem-se coisa vendável.

Tal reflexão ficou mais evidente quando escutei algumas histórias do Levanta Favela sobre a perplexidade que algumas pessoas ficavam ao saber que o coletivo não ganhava dinheiro, ou ganhava pouco, com o trabalho que fazia. No caso do grupo de teatro, ao dedicarem a maior parte de seu tempo a praticar uma atividade não remunerada (oficinas de teatro gratuitas, ensaios e produções para espetáculos e intervenções de rua), demonstram um distanciamento do imperativo trabalhar e/para ganhar mais dinheiro. Faziam do seu trabalho, enquanto artistas, não uma atividade para ser remunerada (ainda que, eventualmente, recebam alguma

remuneração quando são selecionadas em algum edital público para algum projeto), mas uma fonte de prazer, de militância, de experimentação da arte. Luana explicou a relação do grupo com o teatro, conforme registrei no Diário de Campo:

É uma atividade que gera mais dívida, contou que toda a vida delxs acaba se organizando em função do teatro, as pessoas se espantam com isto, às vezes, elxs precisam ensaiar três turnos, gastam com passagens de ônibus e lanche e este dinheiro gasto é muito para a grande maioria delxs. (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de julho de 2013)

Esse modo de vida suscita/suscitou questionamentos por parte de pessoas que acabavam sabendo dessa situação. Em muitos momentos, eram questionadxs se recebiam algo para se dedicarem ao teatro, Fernando contou que, na pré-estreia do espetáculo de teatro de rua “A Belíssima Fábula de Xuá-Xuá, a Fêmea Pré-Humana que Descobriu o Teatro”, uma pessoa falou para irem ganhar dinheiro, “no sentido de que se vocês estão fazendo isto, porque não estão ganhando dinheiro?” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2015). Durante a conversa no encontro com todos os grupos, Camila, participante do Coletivo Até o Talo, complementou a fala afirmando também que “a troca sempre tem que ser o dinheiro” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2015), problematizando que tudo passa a ser uma relação comercial no mundo capitalista. Esta lógica citada parece não ser totalizante quando, neste estudo, evidenciamos que existem outros modos de vida. Durante o acompanhamento, quando assisti à peça de teatro de rua “O Futebol”, ao final do espetáculo, “vi pessoas com um olhar de questionamento... e este espaço não seria possível se a lógica fosse sempre a do privado e a cultura/arte fosse sempre um produto a ser vendido” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014).

Xs participantes do Levanta Favela já haviam falado sobre esta relação de entrega ao teatro durante o encontro em que responderam à pergunta sobre sua relação com o consumo. Contaram que “a ligação dxs participantes se dá de forma efetiva com o grupo quando são demitidxs, pois, acabam não tendo mais que faltar aos ensaios e se comprometem integralmente com o teatro. (...) Contaram que é difícil manter um emprego formal e o trabalho que fazem” (DIÁRIO DE CAMPO, 12 de julho de 2013). No caso do Levanta Favela, Fernando falou um pouco dos limites dessa relação com o teatro, contou que já fazia teatro há 17 anos e percebeu que há uma certa idade em que as pessoas acabam fazendo outras coisas e deixam de ter esse tipo de dedicação.

Ainda assim, pensando nos anos vividos nesse modo de vida, a cada pergunta feita aos/às artistas sobre o modo como viviam, surgia uma possibilidade de refletirem sobre o vivido, tendo a possibilidade de confirmar, ou não, suas escolhas. Ao mesmo tempo, o modo como vivem a vida se faz pergunta para quem xs olha, pois ao viverem de um modo distinto/singular, possibilitam que outras pessoas reflitam, questionem-se sobre a própria vida: Tem gente vivendo de outra forma? Por que tem gente vivendo assim? Por que alguém se dedica exaustivamente a uma atividade sem remuneração?

O modo de viver que suscita perguntas perpassou, mais ou menos, pelos outros grupos, ainda que com repercussões e limitações bem distintas. Mas isso me fez perceber que há modos de vida que podem fazer com que outras pessoas se perguntem sobre o seu viver, para tanto, seria necessário evidenciá-los. Xs participantes da Pedal Express e do Coletivo Até o Talo também expressaram esta problemática durante o percurso, ainda que num nível mais pessoal (não enquanto grupo), ao serem questionados por familiares ou pessoas um pouco mais próximas sobre suas escolhas de vida. Ao refletirem sobre o seu próprio viver, xs participantes abrem possibilidade para uma vida menos massificada, mais livre, pensando a ética como “prática reflexiva da liberdade” (FOUCAULT, 2004, p.267). Dessa forma, as perguntas também contribuem para o processo reflexivo, tanto pessoal quanto coletivo e, no exercício cotidiano de reflexão sobre a autonomia, os grupos vão se constituindo⁵¹.

Ao deixarem de buscar patrocínios empresariais, estão em desacordo com o que Bauman (2008) chamou de especificidade da sociedade de consumo, que é a de transformar a si mesmo como mercadoria vendável. Além disso, estão em desacordo com a lógica do empresário de si, do liberalismo norte-americano, que pensa o trabalhador/a como máquina que produz renda, máquina-salário, na qual o próprio trabalhador/a é pensado como “uma espécie de empresa para si mesmo” (FOUCAULT, 2008, p. 210). Dessa forma, podemos dizer que fazem um contraponto a estilos de vida mais massificados, ao se oporem à lógica de mercantilização das relações humanas, lógica que tenta diluir as barreiras que separam objetos de consumo de consumidorxs. Essa diluição pode trazer como consequência uma

⁵¹ Há outras formas de prática reflexiva de liberdade, e o fato de participar de um grupo com princípios mais libertários não garante, por si só, uma prática reflexiva ou uma prática de liberdade. Por outro lado, há pessoas com trabalhos muito tradicionais que podem ter práticas de liberdade. Analisei apenas os grupos que participaram da pesquisa e não a sociedade como um todo.

ampliação do modo como os seres humanos se relacionam com os objetos do mundo para o modo como se relacionam com outras pessoas (BAUMAN, 2008).

Existem algumas coisas que o grupo pretende combater, como o fato de, muitas vezes, pessoas solicitarem que apresentem algum espetáculo ou intervenção, mas não lhes oferecem o mínimo necessário como o transporte e alimentação. Infelizmente, muitas pessoas têm dificuldade em valorizar os/as artistas que se apresentam na rua.

Durante o percurso, presenciei mais duas estudantes fazendo trabalho acadêmico com elxs. Uma das estudantes fez uma explicação mais formal, participou de uma reunião do grupo. A outra estudante ficou apenas assistindo a um ensaio e saiu sem dizer nada. Registrei no Diário de Campo esta situação:

Teve um fato curioso hoje, apareceu uma moça, aluna das ciências sociais, disse que conversou com um dos participantes para fazer um trabalho da faculdade com o grupo. O rapaz com quem ela havia falado não tinha chegado, então ela falou com quem estava lá, ela chegou antes de começar o aquecimento e pode se explicar, minimamente, mas saiu antes de acabar, sem se despedir. Ficou muito estranho. No final, o pessoal falou sobre isto, que elxs são muito abertos, qualquer uma/um pode participar, mas elxs nunca tem um retorno sobre o que foi feito com o que escreveram sobre elxs. Denise contou que, pelo que entendeu, a estudante é colega da que apareceu no domingo, ambas fazem uma disciplina nas ciências sociais e que são do início do curso... (DIÁRIO DE CAMPO, 2 de julho de 2013)

Não sei os destinos de seus trabalhos, mas é importante refletir sobre a relação que os estudantes de graduação e pós-graduação constroem com a população em geral. Para que (m) serve o teu conhecimento?⁵² Muitas vezes, serve para ganhar uma nota em uma disciplina da faculdade, para receber um diploma de mestrado, de doutorado.

4.2 Pedal Express

Elxs estão pedalando pelas ruas de Porto Alegre, pedalam rápido, o visual dxs ciclistas chama atenção, utilizam bermudas de jeans rasgadas, alguns/mas têm o cabelo com *dreadlock*, camisetas pretas desbotadas, não parecem estar

⁵² Frase que foi pintada no muro do Campus do Vale da UFRGS, em Porto Alegre, no ano de 2008 e que gerou polêmica porque o Coletivo Muralha Rubro Negra, responsável pela atividade de muralismo, não pediu permissão. Depois disto, a frase foi reproduzida em muitos muros da cidade.

trabalhando, mas trabalham na Pedal Express. São homens e mulheres, pedalam longas distâncias rapidamente para fazer entregas. É um trabalho, como outros que existem, fazem jornadas de oito horas, trabalham um mês inteiro para receber seu salário ao final do mês. Entretanto, isso que é comum, é feito de forma singular, desde o modo como começam o trabalho pela manhã, como se relacionam com xs clientes, como organizam seu trabalho... Para um dos participantes, “é uma alternativa de consumo, é um serviço alternativo. E isto de usar a tração humana se diferencia na cidade que prioriza o uso do automóvel, a cidade é preparada para o uso do automóvel” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de outubro de 2013).

Segundo os participantes, o grupo começou no início de 2010, contava com seis ciclistas, porém desses apenas três continuam participando, sendo que um deles se desligou por um tempo do trabalho e voltou depois. Cada ciclista saiu por um motivo diferente, alguns saíram por causa da faculdade, para terminar os estudos, outro saiu porque passou em um concurso, etc. Alguns dxs ciclistas que trabalham agora na Pedal Express participavam do Massa Crítica no início do movimento em Porto Alegre, e isso também foi algo que me fez olhar para a Pedal Express como um trabalho que questiona a soberania do automóvel nos deslocamentos urbanos.

Contaram que xs primeirxs clientes da Pedal Exspress eram pessoas conhecidas, que foram divulgando a outras, mas hoje há todo o tipo de cliente, desde empresárixs que se preocupam com a questão ambiental até pessoas que não sabem que as entregas são feitas por messageirxs de bicicletas. Em um dos dias de acompanhamento, conversei com o participante mais antigo sobre a questão ambiental.⁵³ Ele respondeu que “no início foi isto que xs motivou a começarem esta atividade e que ele já tinha trabalhado como mensageiro no exterior, mas que agora não saberia dizer se a questão ambiental ainda era um motivador para todxs xs messageirxs”, ainda que todxs se preocupem com tal problema (DIÁRIO DE CAMPO, 2 de setembro de 2013).

A proposta de acompanhamento ficou restrita a alguns/umas participantes, o acompanhamento aconteceu apenas nos locais em que faziam a base, eu não participei de nenhuma entrega. O trabalho acontecia na rua, com xs ciclistas, mas também em um local que chamavam de base, no qual recebiam as chamadas

⁵³ No blog da Pedal Express estava escrito: “Ciclo-entregas rápidas, econômicas e ecológicas.” Não encontrei mais esta mensagem.

telefônicas com os pedidos dos clientes e encaminhavam por telefone para algum/ma ciclista que estivesse livre (sem nenhum pedido de entrega). A base acontecia na residência de um/uma dxs ciclistas, era rotativo, por exemplo, nas segundas-feiras acontecia na casa de um/uma dxs participantes, nas terças-feiras na casa de outrx participante e assim por diante. Acompanhei xs participantes em três bases diferentes, em dois momentos diferentes, primeiro para fazer o convite de participação e depois fazer o acompanhamento.

Após o acompanhamento, fizemos a discussão sobre a pergunta da pesquisa, entretanto, entre o primeiro e segundo encontro para a discussão específica da pesquisa passaram-se alguns meses, pois pensei que seria um pouco exaustivo solicitar aos/às messageirxs que, após uma jornada de trabalho, ainda se dispusessem a conversar sobre a pesquisa. Modifiquei a proposta inicial, entretanto, como restavam algumas dúvidas, precisei rever a combinação e solicitar mais um encontro para discutir a pergunta da pesquisa. Após os dois encontros, três dxs cinco participantes foram ao Ateneu, com os demais grupos.⁵⁴

Os nomes dxs participantes da pesquisa foram alterados para a escrita deste estudo. Os nomes fictícios adotados foram: Paulo, João, Ana, Pedro e Marcos. Para compreensão de como aconteceu o acompanhamento, segue abaixo um quadro com os dias que encontrei xs participantes da pesquisa e as atividades que vivenciamos:

Dia do encontro	Atividade
06/08/2013	1º dia de encontro presencial com um dxs participantes para convidar a participar da pesquisa
15/08/2013	2º dia de encontro presencial com um dxs participantes para convidar a participar da pesquisa
22/08/2013	3º dia de acompanhamento do trabalho dx primeirx participantes na base.
27/08/2013	4º dia de acompanhamento do trabalho dx segundx participantes na base.
02/09/2013	5º dia de acompanhamento do trabalho dx terceirx participante na base.
30/09/2013	6º dia de acompanhamento: conversa sobre a questão da pesquisa

⁵⁴ Atualmente, duas pessoas, das cinco que participaram, não estão mais na Pedal Express.

22/04/2014	7º dia de acompanhamento: conversa sobre a questão da pesquisa
27/05/2014	8º dia de acompanhamento: conversa com todos os grupos participantes da pesquisa no Ateneu Libertário.

4.2.1 Os modos de trabalhar e de organizar o trabalho

Cada participante sai de sua casa, não há um lugar para “bater o ponto”, é necessário apenas aguardar uma ligação da base que vai informar sobre qual entrega terá que fazer. Xs mensageirxs vivenciam bem a vida no centro da cidade, apesar de não atuarem só neste território. Conhecem xs moradores de rua, reconhecem motoboys, contam que, há um tempo, só xs mensageirxs e entregadorxs de água andavam de bicicleta no centro. Reconhecem-se entre estxs trabalhadorxs. Contam histórias sobre o território em que pedalam:

Teve um dia que um motoboy falou admirado para um delxs que o havia visto em um lugar distante e agora já estava no centro. Contaram que algumas crianças que brincam na rua onde passam já os conhecem e, às vezes pedem para andar na bicicleta. João falou que um dia estava passando com uma bicicleta de cor rosa e as crianças perguntaram se a bicicleta era da Ana, e ela respondeu que não gostava de rosa... Brincam com esta história. (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de outubro de 2013)

A base acontecia na casa de um/uma dxs mensageirxs, uma ou duas vezes por semana. Quem ficava na base recebia as ligações dxs clientes, há um telefone para receber as chamadas de clientes e outro para entrar em contato com xs mensageirxs. A outra forma de receber pedidos de entrega é pelo site, desta forma, quem fica na base precisa ter também um computador com acesso à internet em casa.

O sistema não serve apenas para receber os pedidos, serve também para registrar as entregas de cada mensageirx e ter o controle financeiro da Pedal. Paulo, contou que um amigo fez o sistema em solidariedade a Pedal, ainda no início da Cooperativa. Xs ciclistas não atuam por área, apesar de serem grandes as distâncias percorridas, como há necessidade de encontrarem muitos endereços, necessitam de mapas das ruas para se localizarem. Ana contou que algumas vezes os endereços se repetem, isto torna o trabalho mais fácil, “outras vezes a pessoa que está na base informa qual o caminho mais rápido, (...) este é o papel da base também, facilitar este trajeto” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de agosto de 2013). O

pagamento é feito por serviço prestado e pode ser realizado de duas formas: na hora da entrega da encomenda ou por boleto bancário (em geral para clientes mais antigos). Em um registro do Diário de Campo, descrevi um pouco de minha percepção sobre o cotidiano do trabalho de quem está na base:

Cheguei para fazer o acompanhamento na Base, a casa tinha um ar de casa e de ocupação, com muitos zines pendurados, cartazes e pôsteres com dizeres sobre feminismo, contra o capitalismo, etc. Quando cheguei, havia uma televisão que funcionava como tela de computador com o sistema de pedidos aberto e a participante ficava na frente da tela, marcando o que já havia sido feito e o que estava por fazer. Também precisa ligar para xs messageirx, perguntando se já estava liberadx para atender algum pedido ainda pendente. A participante ficava bem tomada por esta atividade, pois recebia chamadas telefônicas a cada instante, não apenas de clientes, mas também dxs messageirxs. (DIÁRIO DE CAMPO, dia 15 de agosto de 2013)

Quanto à organização do grupo, além da descentralização da base, há também uma distinção no modo de fazer a partilha dos rendimentos com as entregas em relação há empresas que fazem o mesmo tipo de serviço. Pedro informou que 60% dos rendimentos ficam com xs ciclistas, 20% com a pessoa que fica como base e 5% para quem faz o serviço administrativo. Neste modo de trabalhar, se privilegia quem está mais na “ponta”, fazendo o trabalho mais duro e não quem faz a administração do serviço. Conforme Pedro, “qualquer um/uma pode fazer a administração, as pessoas podem se candidatar a isto” (DIÁRIO DE CAMPO, 06 de agosto de 2013). Apesar das singularidades nos modos de trabalhar, escutei de três dos cinco participantes, em momentos diferentes, que o trabalho está inserido no modo de trabalho capitalista, no sentido de prestarem serviços até mesmo para grandes empresas. Entendi que não fazem do trabalho uma espécie de militância, ainda que tenham preocupações em relação ao consumo e ao uso do automóvel e que nem era a proposta do grupo. A cooperativa é uma alternativa de trabalho para quem não quer trabalhar em lugares cuja lógica de trabalho seja a da exploração de quem trabalha, da falta de liberdade em relação às questões do trabalho, da padronização nos modos de vestir-se e comportar-se. Conforme registros no Diário de Campo:

Ana falou que é um trabalho bem capitalista, pois ganham dinheiro com isto e tal. Ainda que também ache que usar a bicicleta é algo singular, e que a divisão do dinheiro também é distinta. Contou que tentam produzir uma relação dentro da associação bem horizontal, na qual todas e todos se sintam responsáveis, além da relação mais preocupada com os clientes. Sobre a horizontalidade dentro da associação, falou que isto é uma coisa muito difícil, principalmente para quem entra, porque as pessoas estão acostumadas com padrões. (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de agosto de 2013)

Para Pedro, a relação não hierarquizada dentro da Associação de ciclistas é aceita pelos novos messageiros, falou sobre sua situação pessoal, que já trabalhou em muitos trabalhos precarizados, mas que este é o melhor trabalho até então (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de agosto de 2013). Alguns/mas participantes relatam que há dificuldade em as pessoas entenderem tal horizontalidade proposta pela Pedal, para outros não há. Mas, certamente, há um trabalho a ser feito com quem ingressa na cooperativa sobre os modos de trabalho que buscam a horizontalidade nas relações. Contaram que há pessoas acostumadas com a lógica de trabalho hierárquica, inclusive há clientes que quando querem fazer uma queixa, ligam para a base e reclamam como se fossem o patrão e os ciclistas fossem empregados. A busca por horizontalidade nas relações é, para Paulo, “o que teria de mais distinto das relações capitalistas, e que talvez seja o que faz as pessoas continuarem na Pedal Express, já que ganham pouco. Se fosse um outro trabalho, ganhando a mesma coisa, provavelmente as pessoas não ficariam” (DIÁRIO DE CAMPO, 02 de setembro de 2013). Escrevi “busca por horizontalidade” porque, apesar de não haver “hierarquia organizacional e nem econômica” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de outubro de 2013), há uma proposta que precisa ser aceita por quem está ingressando no trabalho, ainda que os messageiros façam um esforço para garantir a igualdade nas relações de trabalho. Para Ana, esse modo de organizar o trabalho “gera responsabilidades e também a necessidade de saber de tudo um pouco, não havendo especialistas, ainda que existam pessoas que fazem mais coisas que outras” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de outubro de 2013). Essa necessidade de saber de tudo um pouco lembra os membros do grupo de teatro Levanta Favela, que também precisaram desenvolver várias habilidades, como, por exemplo, aprender a costurar para fazer a confecção de roupas.

A Pedal ainda enfrenta desafios em relação à precarização de seu trabalho e

busca construir alternativas para usufruir algum tipo de seguridade em caso de acidente no trabalho, questões que estavam sendo discutidas no período de acompanhamento. Preocupações como o estresse causado pelo trânsito e o risco de vida ou de acidente também surgiram nas falas. Ficou muito evidente que, mesmo que existam pessoas educadas no trânsito, boa parte dxs motoristas de automóveis, ônibus, táxis e, até mesmo, motocicletas não respeitam xs ciclistas.

Além do problema de segurança, há necessidade de maior valorização dos serviços prestados. Para Paulo, alguns serviços são desvalorizados:

Quando alguém paga para outra pessoa fazer algo para si, no caso de alguns tipos de serviços, se supõe que este serviço deva receber uma remuneração menor do que a sua, para valer a pena, daí, os serviços de empregada doméstica, motoboy, entre outros, são mal pagos, para “valer a pena”. Contou que na Pedal elxs não baixam o preço para competir, que o valor é tal e quem quiser que chame o serviço. (DIÁRIO DE CAMPO, 02 de setembro de 2013)

João falou sobre a valorização/desvalorização do trabalho a partir da análise do “consumo do tempo”. Para ele, às vezes, uma pessoa faz um pedido para pegar algo que está muito próximo, mas para ela não vale a pena fazer este deslocamento porque o “tempo dela vale mais que o nosso, por isso ela compra o nosso serviço” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de outubro de 2013). Nesse sentido, a crença de que o tempo de uma pessoa vale mais do que o de outra teria como um dos efeitos a intolerância no trânsito. Quanto à desvalorização, também é possível relacionar uma queixa do Levanta Favela sobre a falta de valorização do seu trabalho, quando, por exemplo, recebem convites para se apresentarem, mas não disponibilizam nem mesmo transporte e alimentação para xs artistas, como já mencionado.

Um ponto positivo, que valorizam no seu trabalho, é que apesar de uma remuneração não muito alta o modo como gerenciam o seu próprio trabalho acaba lhes atraindo. Quanto a remuneração, xs participantes comentaram que “se tivessem mais pedidos poderiam fazer mais entregas num mesmo trajeto, aproveitando bem o tempo da entrega” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014) e isso lhes daria um rendimento maior.

4.2.2 As relações com os consumos e o uso da bicicleta

Em muitos momentos, se falou sobre os consumos a partir de respostas mais

individuais. De certa forma, é difícil falar sobre como o grupo se relaciona com o consumo sem falar de si, e imagino que aí está a invenção da pesquisa intervenção, ou seja, foi criada uma situação que exigiu reflexão enquanto grupo. Então, fomos produzindo uma resposta; a cada encontro, alguém relatava algo que havia pensado sobre a pesquisa, eu anotava colocações e perguntava novamente.

As problematizações em torno do uso da bicicleta caracterizaram as discussões mais coletivas sobre o consumo, com reflexões a respeito da bicicleta como uma prática de resistência que vai contra a lógica do uso do automóvel, lógica que não prioriza os pedestres, e dela no espaço urbano. Lembraram que a bicicleta consome muito menos que o carro, não há gasolina, troca de óleo, e a troca de peças é bem menos dispendiosa. Para João, “o consumo permeia nossa vida, podemos ser mais ou menos consumistas, e nisso a bicicleta se diferencia porque não está consumindo petróleo, está livre do consumo de petróleo, que movimenta quase tudo na sociedade” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de outubro de 2013). A ideia de utilizar objetos que levam a comprar outros objetos surgiu em algumas falas como uma preocupação, como algo que deva ser refletido. Sobre isso, registrei no Diário de Campo uma conversa com Ana:

Durante a conversa, começou a chuva, o céu ficou bem cinza... Enquanto tomávamos café, falamos sobre o trabalho na Pedal Express e o consumo... Uma das coisas que falamos sobre o uso da bicicleta é que pode visibilizar outros modos menos poluidores de se locomover, problematizando o quanto o carro é visto como o centro da mobilidade urbana. Mas, por outro lado, a bicicleta também pode estar associada a toda uma relação de compras de acessórios para bicicletas, tornando a relação muito semelhante a que as pessoas que têm um carro e ficam trocando rodas, comprando equipamentos para incrementar o carro. (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de agosto de 2013)

Ao visibilizar outros modos de se locomover, é possível fazer com que outras pessoas se questionem sobre seus próprios hábitos. Mesmo assim, xs participantes da Pedal Express preferem lançar problematizações, questionamentos, mais do que afirmações, não queriam supervalorizar o que faziam, nem desvalorizar.

Em relação a seus hábitos pessoais, Ana contou que se preocupa em analisar aquilo que compra, em sua casa não assiste à televisão, prefere filmes e documentários pela internet, compra poucas roupas e objetos para a casa. Para essa participante, algumas pessoas podem pensar que “quem procura não ser

consumista não se diverte, mas não é o caso” (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de agosto de 2013). Pedro considera-se uma pessoa que compra pouco, mas não um anticonsumista, apesar de já fazer três anos que não compra roupas novas. Contou que gostaria de conseguir comprar menos e que, quando precisa de algo, junta o dinheiro e compra à vista, procurando não se endividar. Muitos falaram que fazem sua própria comida, que raramente frequentam restaurantes e que, coincidentemente, muitos são vegetarianos na Pedal Express (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de outubro de 2013). Para Paulo, falar em consumo é algo “complicado”, pois “existe uma grande pressão social, familiar, cultural para que se consuma” (DIÁRIO DE CAMPO, 02 de setembro de 2013), ainda assim, ele também tem algumas restrições em relação ao que compra.

Ana criticou a lógica do descarte a partir de sua experiência pessoal, pois tinha um processador de suco que estragou e acabou sendo mais barato comprar um novo do que consertar o antigo. Contou que compra poucas roupas, quando quer comprar algo, vai procrastinando e, às vezes, acaba nem comprando. Falou sobre as mulheres que vão ao cabeleireiro, ela se questiona o quanto é para atingir determinado padrão de beleza exigido pelo patriarcado ou se é uma prática gerada pelo modo consumista de viver “porque é um consumo tu ter que ir pintar as unhas toda a semana” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014).

Quanto ao uso do carro, para ela o principal problema está em as pessoas utilizarem o automóvel para qualquer deslocamento, sem refletir se há outros modos de se deslocar, porém para viajar, por exemplo, o uso do automóvel lhe parece bem interessante (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de agosto de 2013). Quando a escutei falar sobre isso, lembrei ter lido que existem alguns serviços de carros compartilhados no mundo, as pessoas compartilham o uso e os gastos com manutenção de carros, mas que são usados para deslocamentos maiores. Há algumas décadas já existe o serviço de compartilhamento de carros na Europa e nos EUA, entretanto, era necessário que o cliente apanhasse o carro em algum local específico e o devolvesse também em outro lugar específico, além disso, era necessário fazer reserva, sendo serviços pré-pagos⁵⁵. Em algumas cidades da Europa, como Berlim, o serviço acontece também com trajetos livres, usando “GPS e aplicativos de smartphone. Os carros ficam estacionados nas ruas da cidade, e os usuários deixam

⁵⁵ Conforme informações encontradas em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/07/1310587-cresce-compartilhamento-de-carros-de-trajeto-livre.shtml>. Acesso em agosto de 2015.

os veículos onde encontrarem vaga para estacionar, a cobrança é pelo tempo gasto ao volante⁵⁶. Algumas pessoas que não desejam possuir um carro acabam aderindo ao serviço, seja para ir ao trabalho, para sair ou ir a uma reunião.

Existem duas grandes montadoras de carros as responsáveis por iniciar este serviço, DriveNow e a Car2Go⁵⁷, elas conquistam clientes que querem compartilhar os gastos obtidos com o uso e a manutenção de um carro. A reportagem sinaliza, porém, que o serviço pode estimular o uso de automóvel, principalmente para pessoas que precisam fazer baldeações para chegar ao seu trajeto final, por exemplo. Além disso, esse modo de compartilhamento de veículos também não diminui o grande número de carros nas ruas, nem a violência no trânsito, mas vai contra a lógica de propriedade, deslocando-se para uma lógica de uso compartilhado.

Para quem vive em grandes cidades, os meios de transporte coletivo seriam os mais adequados devido ao problema do trânsito congestionado, falta de vagas para estacionamento e violência no trânsito. Por outro lado, o automóvel possibilita mais conforto e, muitas vezes, quem possui um acaba optando por utilizar um meio de transporte mais individual. Porém, para quem necessita se deslocar por distâncias menores, no centro de grandes cidades, a bicicleta acaba sendo a melhor opção, ainda que também seja um meio de transporte individual. Para Paulo, o uso da bicicleta é o meio mais rápido de fazer estes deslocamentos nas cidades e deve aumentar a procura pelo seu uso (DIÁRIO DE CAMPO, 2 de setembro de 2013). Os participantes tiveram muito cuidado ao falar sobre o uso da bicicleta, tomando como um ato importante, já que dispensa o uso do automóvel, mas com a possibilidade de ser mais um serviço prestado por uma grande empresa, ou como mais um modo de consumir produtos.

Não podemos tomar a utilização da bicicleta e a dispensa ao uso do automóvel/motocicleta como necessariamente sendo um ato de resistência, porém é necessário lembrar que o automóvel é um símbolo do individualismo, efeito do modo capitalista de vida, imperativo da lógica que se impõe à mobilidade urbana. Para pensar as formas de resistência, um dos participantes ciclistas apontou que andar de bicicleta é uma ato de resistência, dependendo do lugar, da época, das pessoas envolvidas na situação, etc., expressando a ideia de que não há um ato/ação que

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ *Idem.*

por si só seja um símbolo de resistência ao modo de vida capitalista.

Sendo assim, o uso da bicicleta pode produzir resistências aos modos massificados dependendo do contexto, do local, dos sujeitos participantes. Conforme João, o uso da bicicleta em Porto Alegre ainda é um ato de resistência. Segue o trecho do Diário de Campo do dia 27 de maio de 2014:

É importante pensar também no status que tem o carro, andar de bicicleta pode ser uma resistência. Mas eu vejo a resistência como uma coisa local, porque em outros lugares, como na China, a bicicleta tá deixando de ser massificada porque o carro tá começando a ganhar espaço e como tão fabricando carros, os carros tão ficando populares. Ou como em várias cidades da Europa que o prefeito vai trabalhar de bicicleta, então é algo comum, não é algo que seja resistência. Mas aqui, em Porto Alegre é resistência ainda, esperamos que até não seja mais daqui a pouco, esperamos que seja algo comum, que todo mundo faça.

O uso da bicicleta contribui para as práticas de resistência, que podem, ou não, se transformarem em práticas de liberdade (FOUCAULT, 2004), na qual os sujeitos podem se constituírem de forma mais autônoma. Para Foucault (2004, p.267), “a liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade”, dessa forma, práticas de liberdade e de liberação são distintas, as práticas de liberação podem ser pensados, por exemplo, no campo da sexualidade como a liberação da sexualidade. Entretanto, uma prática de liberação não necessariamente levará a uma prática de liberdade, por outro lado, há certas opressões, como as infligidas a determinados povos, que a “luta pela liberação são de fato indispensáveis para a prática de liberdade” (FOUCAULT, 2004, p.267). Não há garantias sobre isso, mas podemos apontar a reflexão coletiva sobre o vivido como uma possibilidade de prática de liberdade. A liberação seriam práticas em que se vive de um modo mais livre, mas não necessariamente são práticas de liberdade, pois estas envolvem a reflexão e a ética.

Entretanto, ao questionar o que seria uma prática de resistência ao modo de vida capitalista, o grupo evidencia algo que é da lógica do capitalismo que é inclusão de todos, tornando tudo “parte do sistema”. Ao fazerem ponderações sobre o uso da bicicleta, problematizam a necessidade de questionamento e reflexão sobre as práticas de resistência, o que me leva a refletir sobre o que Foucault (1995, p.234) chamou de “relações de poder através do antagonismo das estratégias”, ou seja, se o uso da bicicleta é uma forma de resistência, é porque há determinadas formas de

poder incidindo sobre o modo como consumimos esses meios de transporte.

Para Velloso Rocha (2005), a ideia de resistência não faz sentido num contexto no qual tudo poder ser incluído, mesmo o inconformismo e a revolta, como aconteceu com “o movimento *hippie* nos anos 1960, o *punk* nos anos 1980 e o *grunge* nas últimas décadas do século passado, que teve seus comportamentos, roupas e adereços característicos produzidos em série e integrados como elementos de consumo (VELOSO ROCHA, 2005, p.118). A publicidade trabalha com a ideia de individualidade, produção de estilos, mas a partir da padronização.

Esse paradoxo é ilustrado de maneira exemplar por uma publicidade das sandálias Melissa veiculada há algum tempo nos meios de comunicação: Vontade de ser diferente? Tenho, sim. O problema é que os outros também têm. Diferentes assim, acabam iguaizinhos entre si. Só que, para ficar diferente dos diferentes, posso acabar igualzinha aos iguaizinhos. Conclusão: acho que vou pegar uma praia.. Quando a identidade e a diferença remetem à lógica das significações, a única subjetividade possível reside no modo como se vai combinar essas variáveis. Mas aqui é preciso lembrar: a imagem da cultura de massa como instância de homogeneização e padronização, levando todos os indivíduos a se vestir, pensar, comer e viver de maneira idêntica, não cabe mais aqui. (VELLOSO ROCHA, 2005, p.119)

A sociedade de consumo se caracteriza também pela inclusão de diferentes modos de consumir, ficando muito difícil pensar o que seria fazer resistência a tal modo de vida. Entretanto, não acredito que seja possível dizer que não há resistências, e que todas as formas de resistência são/foram incluídas no capitalismo.

Para João, ter um carro representa um “status” social, e algumas pessoas acreditam que quem anda de bicicleta não tem dinheiro para comprar um carro, “o que não é verdade, às vezes, tem gente com bicicleta de 20 mil andando pela rua” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Além disso, os carros pagam IPVA, o que resguardaria, na opinião de muitos motoristas, um direito a mais para transitar nas ruas, “o cara do carro diz: 'sai da rua porque eu pago IPVA” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Os serviços de mensageria disputam as ruas e vão impoanto outros modos de se locomover e outros consumos em relação aos meios de locomoção.

Apesar de o consumo sustentável estar escrito no blog da Pedal Express⁵⁸ como sendo um dos princípios, durante o percurso xs participantes não falaram sobre isso, a não ser enquanto crítica ao “capitalismo verde”, no qual empresas vendem produtos a essa fatia de mercado de pessoas preocupadas com as questões ambientais. Denunciam a cooptação que o capitalismo acaba fazendo a partir do uso da bicicleta. Conforme Marcos, no Diário de Campo de 27 de maio de 2014, a bicicleta acaba virando mais um produto do capitalismo:

Vejo muito esta coisa da bicicleta sendo cooptada por um capitalismo verde e a bicicleta virando um novo produto do capitalismo. De repente tu tem um movimento tipo o Massa Crítica, criado em São Francisco, em 1992, que era uma coisa do uso da bicicleta bem no sentido do anticonsumo, antipetróleo. Passados alguns anos, acabou tendo uma releitura neoliberal da bicicleta, por exemplo, ao construir ciclovias com financiamento do Zaffari, fazendo uma lavagem verde das empresas. (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014)

Marcos também denunciou as empresas que exploram trabalhadorxs ciclistas, vendendo uma ideia de um serviço ambientalmente sustentável, mas gerindo o serviço dentro da lógica capitalista de exploração do trabalho, “o cliente desta empresa tá pagando pouco ao ciclista, e ainda vai ter uma carinha de empresa bonitinha assim” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014).

Apesar das contradições, a bicicleta ainda é um meio de transporte menos violento que o automóvel e a motocicleta. Para Ana, Diário de Campo de 27 de maio de 2014:

Eu acho que tudo pode ser cooptado pelo capitalismo, o teatro pode ser cooptado pelo capitalismo, é cooptado pelo capitalismo. Então acho que da mesma forma, um trabalho de mensageria, que é o que a gente faz, pode ser. Eu concordo que a bicicleta pode gerar um consumo desenfreado, porém eu acho que tem outros fatores que são bem mais positivos do que de um carro na cidade, como por exemplo, a poluição, a diminuição da violência, da agressividade no trânsito. Porque o carro é uma arma.

O carro é uma arma na mão de quem dirige e um perigo para quem circula pelas ruas, mesmo que em outros carros. Para a participante, a rua deveria ser o

⁵⁸ No dia 18 de fevereiro de 2015, entrei no blog da Pedal Express novamente para reler o texto sobre seus serviços e já não estava lá o pequeno parágrafo. Agora o que há é uma frase: “Coletas e entregas rápidas e eficientes. A agilidade da bicicleta, aliada à experiência e profissionalismo de nossos ciclistas, permite que ofereçamos pontualidade em suas entregas.” Disponível em: <https://pedalexpress.wordpress.com/>. Acesso em fev. 2015.

lugar que privilegiasse os pedestres, permitindo que joguem bola, que brinquem. Além disso, andar de bicicleta não seria propriamente uma novidade, já que há pessoas com situação de baixa renda que há muito tempo se locomovem ao trabalho de bicicleta, assim como há “gente que usa o carro não como uma forma de consumo ou moda” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Quanto ao apropriar-se da rua, lembrei novamente o grupo de teatro Levanta Favela, ao pensar a rua como o lugar de manifestação e disputa.

Apesar das ponderações, no momento atual, em Porto Alegre, a bicicleta se constitui como um ato de resistência, no que diz respeito à locomoção, que vai contra a ideia dominante do uso do automóvel. Refletir sobre seu uso leva a pensar sobre a questão ambiental, a violência no trânsito e os impactos sociais devido ao uso de automóveis e motocicletas que excluem os pedestres das ruas.

4.3 Cooperativa de Consumo: Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra e O Ateneu Libertário A Batalha da Várzea

A parceria entre o Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra e o Ateneu Libertário a Batalha da Várzea teve início em 2011, mas acabou tendo pouca adesão encerrando suas atividades no final daquele ano, durando apenas alguns meses. Na primeira experiência, além das entregas no Ateneu Libertário, também faziam a entrega de 50 cestas para catadorxs do Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável, no núcleo de Gravataí⁵⁹. Em 2012, retomaram as atividades no Ateneu; em 2013, ampliaram as entregas para um Instituto Federal de Canoas (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de março de 2014).

O Coletivo de Produção e Apoio Mútuo é formado por três famílias de um assentamento em Nova Santa Rita, mas estão abertxs à adesão de novas famílias. Os lotes de terra são conquista da Reforma Agrária, cada família tem um lote para cultivar. Preferem utilizar o termo agricultura camponesa para falar sobre seu modo de produção, mas fazem a crítica de que não existe mais “o camponês” que vive e planta apenas para a subsistência. No Coletivo de Produção e Apoio Mútuo, a busca por horizontalidade também está presente, assim como nos outros grupos, decidem as questões organizativas em reuniões, não há coordenadorxs no Coletivo.

⁵⁹ As entregas foram conquistadas pelxs catadorxs junto à prefeitura, que custeava a compra, entretanto, ao mudar a conjuntura política na cidade, o repasse foi rompido.

Xs participantes do Ateneu Libertário desempenham a atividade de apoio de forma solidária (voluntária) aos/às camponesxs, organizando a logística para venda dos alimentos e para as atividades político/culturais que fazem. Cada participante do Ateneu Libertário tem um trabalho formal com o qual se sustenta. Enquanto grupo, o Ateneu Libertário A Batalha da Várzea tem inspiração nos antigos ateneus anarquistas do início do século XX. O espaço abriga uma biblioteca – a Conquista do Pão, além de outras atividades culturais. Além dessas, o Ateneu disponibiliza seu espaço para atividades realizadas por outros grupos. O nome A Batalha da Várzea faz referência a um confronto entre anarquistas e a brigada militar que aconteceu em Porto Alegre, na Avenida João Pessoa, durante a Greve Geral de 1917.

No Ateneu, o ambiente é acolhedor, havendo sempre um chimarrão convidativo, fazendo com que xs cooperativadxs que chegam sem muita pressa, acabem sentando e conversando um pouco. Alice conhecia todxs xs cooperativadxs, é quem mais realiza a intermediação entre xs camponesxs e cooperativadxs. As conversas que acompanhavam o chimarrão eram principalmente sobre política, mas também sobre alimentação saudável, educação, etc. O clima acolhedor e a biblioteca do Ateneu dividindo espaço com as verduras e legumes inspira uma outra relação que, definitivamente, não era a de um cliente em um supermercado. Em um registro no Diário de Campo, descrevi um pouco as pessoas que circulavam pelo Ateneu no dia da entrega das cestas:

Um casal em específico me chamou atenção, um homem e uma mulher com mais de 50 anos, não parecem ser nenhum tipo de radical de esquerda, fiquei pensando em como chegaram a conhecer o espaço, acho que foi pelo sindicato dxs municipárixs. Apareceu também um rapaz que fala em castelhano, não sei de onde é, depois fiquei sabendo que ele também estuda sobre o consumo. Apareceu um professor de história fazendo uma filmagem para um documentário com seus alunxs de um cursinho pré-vestibular. Lá sempre tem alguém querendo conversar sobre algo, é um espaço muito vivo. Havia uma moça fotografando, era aluna do professor. Alexandre havia liberado para fotografar a entrega das cestas, desde que não aparecessem as pessoas. (DIÁRIO DE CAMPO, 23 de novembro de 2013)

Alguns dos produtos que compõem as cestas de verduras e legumes são: alface, chicória, espinafre, rabanete, beterraba, couve-flor, brócolis, repolho, pepino, cebola, pimentão, batata-doce, aipim, couve chinesa, temperinho verde, abobrinha, berinjela, etc. Também vendem outros produtos por encomenda, são vendidos

separadamente, tais como: pães, mel, ovos, chás, frutas, cuca, feijão, arroz, suco, etc., evidenciando uma grande variedade na oferta de alimentos. A venda de produtos orgânicos em Porto Alegre já acontece no espaço da Feira Ecológica do Brique da Redenção, além de outros bairros da cidade como Mãe de Deus, Petrópolis, Tristeza e Três Figueiras⁶⁰. Entretanto, o que há de peculiar nesta iniciativa são os objetivos, que estão para além da venda de produtos, como: proporcionar renda para quem vive da terra garantindo que as famílias assentadas permaneçam no campo, defender a soberania alimentar⁶¹ e promover o debate sobre a reforma agrária e sobre a produção de alimentos sem agrotóxico. A soberania alimentar é um conceito defendido pela Via Campesina para reivindicar o direito dos povos à alimentação e a decisões sobre a produção alimentar, priorizando a produção de alimentos saudáveis, etc.⁶²

Além disso, para uma das participantes, a Feira Ecológica do Brique da Redenção já tem o público bem constituído e não acredita que sejam concorrência ao trabalho que fazem no Ateneu Libertário. Para ela, “ainda que sejam o mesmo público, ressalta que a Cooperativa tem outra proposta, que não apenas a de vender produtos, mas fazer disso um ato político, falar sobre a reforma agrária, fazer solidariedade aos/às trabalhadorxs do campo” (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de outubro de 2013). Dessa forma, a Cooperativa de Consumo não se caracteriza como sendo apenas uma operação de venda de produtos orgânicos, o que já seria de muito valor, mas em fazer política. Quando promovem debates sobre o consumo de alimentos com agrotóxicos e criticam o agronegócio e seu modo de produção, expressam que uma atividade cotidiana, como o ato de comprar comida, pode ser um ato político.

Proporcionar renda para assentadxs da reforma agrária é mais do que um negócio comercial, pois se avalia que é necessário apoiar as iniciativas que consigam manter xs camponeses plantando no campo, afinal, “se o campo não planta, a cidade não janta.”⁶³ Esse grito ecoa nas manifestações dos movimentos

⁶⁰ Conforme informações encontradas no site da Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/default.php?p_secao=206. Acesso em 23 mar. 2015.

⁶¹ Conforme informações encontradas no site da Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: <http://www.social.org.br/cartilhas/cartilha003/cartilha012.htm>. Acesso em 21 out. 2015.

⁶² Acrescentei esta explicação sobre a soberania alimentar após a defesa da tese, quando fiz mais um encontro com o Coletivo de Produção e Apoio Mútuo, no qual falaram da necessidade de colocar como um dos objetivos a defesa da soberania alimentar.

⁶³ Escutei esta frase muitas vezes de militantes do MST e da Via Campesina durante as minhas práticas militantes ao longo dos últimos 13 anos.

sociais participantes da Via Campesina, evidenciando a relação de dependência alimentar das cidades em relação ao campo. Mas, para obter uma alimentação saudável na mesa dxs consumidorxs, não basta manter xs camponesxs no campo, é necessário dar condições para o plantio. Plantar orgânicos é algo trabalhoso, necessita de muito cuidado por parte de quem planta e a aprendizagem de técnicas de manejo do solo. A reforma agrária e a luta por plantar alimentos sem agrotóxico é uma reivindicação exigida apenas pela Via Campesina e o MST, como se estes assuntos não tivessem relação com a alimentação de todas as pessoas. Conforme uma das participantes, citando dados do IBGE, 70% dos alimentos que vão para a mesa dxs brasileirxs são oriundos da agricultura familiar⁶⁴, entretanto, o governo envia subsídios aos grandes empresários do agronegócio.

No final do ano de 2013, o Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra, acompanhado de participantes do Ateneu Libertário a Batalha da Várzea promoveram um encontro entre quem planta os alimentos e quem compra as cestas. A intenção foi de tentar construir uma relação de maior proximidade, não reproduzindo a lógica entre produtor/a e consumidor/. Tal proximidade se revela também a partir de atitudes simples, como, por exemplo, o fato de xs cooperativadx não escolherem os produtos que estão comprando, porque isto depende da safra, da época do ano e do que é possível plantar no período, mantendo o número mínimo de oito produtos. Por outro lado, quando o produto oferecido é muito pequeno, por exemplo a alface, colocam dois pés para “compensar”.

A iniciativa de buscar aproximação e responsabilidades entre produtorxs e compradorxs, entre a cidade e o assentamento por meio da Cooperativa de Consumo, é também uma forma de divulgação das histórias de lutas que xs assentadx travaram na conquista pela terra, ainda que os “problemas não se encontrem resolvidos, pois continuam lutando para conseguir plantar, buscando condições técnicas e formas de venderem seus produtos, a partir de relações de solidariedade” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de março de 2014). A busca por construir relações de proximidade e de solidariedade com outros grupos, com xs cooperativadx e xs assentadx, é uma característica que se destaca, sendo algo singular na relação da Cooperativa com os consumos.

⁶⁴ Conforme informações encontradas na Revista Desafios do Desenvolvimento, revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2512:catid=28&Itemid=23. Acesso em 06 mai. 2015.

Neste estudo, os nomes dxs participantes da pesquisa foram também modificados. Os nomes fictícios adotados para xs assentadxs são: Alexandre, Augusto, Mercedes, Renato e Lourdes. O nome escolhido para a participante apoiadora urbana é Alice, e a única cooperativada participante sou eu, mas me coloco apenas como pesquisadora. No quadro abaixo, ilustrei os dias de acompanhamento e as atividades que vivenciei com xs participantes, num total de oito encontros:

Dias de encontro	Atividade
19/10/2013	1º dia: convite para participar da pesquisa e início do acompanhamento do grupo na reunião da Cooperativa que aconteceu em Nova Santa Rita.
26/10/2013	2º dia de acompanhamento: entrega de cestas no Ateneu Libertário, em Porto Alegre.
08/11/2013	3º dia de acompanhamento: reunião dxs assetandxs em Nova Santa Rita para decidir sobre os alimentos que irão compor a cesta nesta quinzena.
23/11/2013	4º dia de acompanhamento: participei da entrega de cestas no Ateneu Libertário, em Porto Alegre.
15/12/2013	5º dia de acompanhamento: participei do almoço de confraternização de final de ano que aconteceu no Sindicato dxs Municipárixs de Porto Alegre.
22/03/2014	6º dia de acompanhamento: encontro para discussão sobre a questão da pesquisa.
07/04/2014	7º dia de acompanhamento: encontro para discussão sobre a questão a pesquisa.
27/05/2014	8º dia de acompanhamento: conversa com todos os grupos participantes da pesquisa no Ateneu Libertário.

4.3.1 Os modos de organizar o trabalho, a precarização das condições de trabalho e as relações solidárias

O caminho para chegar ao assentamento em Nova Santa Rita já me é muito familiar, mas, no primeiro dia de acompanhamento ao Coletivo, fui como pesquisadora. São terras conquistadas por meio da luta pela reforma agrária, ocupações de terra por pessoas que moravam em barracos de lona preta. Augusto contou que viveu alguns anos na barraca de lona, que não tinha nada; agora cria

animais, planta na horta, tem açude – foram muitas conquistas. A terra foi distribuída em lotes, cada família cuida de seu lote, onde antes havia concentração de terra, hoje há pessoas construindo suas vidas no campo.

O Coletivo de Produção e Apoio Mútuo e xs participantes do Ateneu Libertário A Batalha da Várzea organizam sua parceria dividindo tarefas. A comunicação com xs cooperativadxs é feita pelo Ateneu Libertário, ainda que algumas vezes seja feita pelo Coletivo Mãos na Terra. Acontece preferencialmente por e-mail e pelo Facebook e, eventualmente, quando alguém se esquece de ir pegar sua cesta, fazem ligações telefônicas e enviam mensagens. Envia e-mails informando sobre os produtos que virão na cesta, decisão que é feita por quem planta, em reunião no assentamento, já que depende do que há para oferecer nas hortas. Para Alice, esta relação é uma possibilidade de aprender a respeitar e lidar com o que a terra oferece, comer os alimentos que são produzidas naquela época do ano, lidar com o clima, a chuva, a seca, “se dá um frio, eu penso: será que vai estragar alguma coisa?” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de março de 2014). A experiência de participar da Cooperativa de Consumo possibilita aprender, ou ao menos a ficar mais sensível, sobre a relação existente entre a alimentação e o clima, alimentação e o modo de vida dx camponês/a.

Na comunicação, além das informações sobre os produtos que virão na cesta, informam sobre algumas datas de luta, como, por exemplo, no dia 20 de novembro, enviaram informações sobre o dia da Consciência Negra. Xs apoiadores do Ateneu Libertário enviaram a imagem de uma mulher negra, com links para músicas de Chico César, e o Coletivo Mãos na Terra enviou uma música cantada por Clara Nunes, composta por Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro⁶⁵. Segue um registro do Diário de Campo da pesquisa, contendo um e-mail enviado pelo Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra:

A chuva nos visitou ontem... e a terra ainda está com esse cheirinho bom!! Estamos trabalhando bastante... no fim de semana passado, nosso Coletivo Mãos na Terra participou da Festa do Melão em Nova Santa Rita. Foi muito bom para nós compartilhar esses dias, difundindo a ideia de que precisamos fortalecer a Reforma Agrária, e sobre tudo, nosso compromisso de continuar produzindo alimentos baratos e sem venenos em nossos territórios. (DIÁRIO DE CAMPO, 04 de dezembro de 2013)

⁶⁵ Disponível em : <http://letras.mus.br/clara-nunes/83169/>. Acesso em 09 mar. 2015.

A luta por produzir alimentos orgânicos passa por produzir redes que compreendam o valor da alimentação saudável, para tanto, a Cooperativa de Consumo se põe a refletir e pensar sobre suas práticas, avaliando como melhorar a experiência. Em um dos encontros, assisti uma reunião entre o Coletivo de Produção e Apoio Mútuos Mãos na Terra e seus apoiadorxs no Ateneu Libertário A Batalha da Várzea. Uma das pautas da reunião foi sobre outras experiências semelhantes a que estavam tendo com a Cooperativa de Consumo, além disso, queriam ouvir a opinião do pessoal que faz o apoio urbano sobre a qualidade das verduras, se tinham alguma proposta para melhorar a parceria e também fazer uma avaliação de como vinham trabalhando para qualificar a proposta. Uma das coisas que Alice falou é sobre o repolho. Quando enviam repolho seguidamente, xs cooperativadxs reclamaram um pouco. O pessoal que mora no assentamento se espantou como a cesta dura até quinze dias para o pessoal da cidade, e Augusto comentou que o pessoal come pouco na cidade. Ele também falou um pouco de seu cotidiano de trabalho e da relação solidária que procuram manter com outros grupos:

Contou que choveu muito, prejudicando horta e o trator não tinha como entrar, prejudicando também o consumidor/a, então tiveram que mandar o repolho em duas entregas seguidas. Falou que não podem mandar um produto ruim para quem compra. Além disso, lembrou sobre uma ação de solidariedade que tiveram com o pessoal da cidade, que enviaram apim duas vezes para a luta dos carambolas (quilombolas) e ajudarão no que puderem, explicitando a relação de solidariedade firmada entre alguns grupos que lutam. Para ele, nada “cai do céu”, há sete anos não tinha nem casa e hoje, além da casa, tem dois galpões, um açude cheio de peixes, mas “sem luta não se consegue nada”. Falou que estão “faceiro porque o pessoal na cidade está dirigindo as coisas lá” (referindo-se aos/às apoiadorxs no Ateneu Libertário). (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de outubro de 2013)

Augusto contou, inclusive, sobre seus pensamentos quando caminhava pela roça, “a gente vai caminhando e vai pensando ali na roça, se eu plantar isso, vai dar. Tudo que eu planto, eu planto para dar” (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de abril de 2014). Plantam e colhem relações solidárias. Lembrei-me do ditado popular sobre “a gente colhe o que planta”, além dos alimentos orgânicos, plantaram relações solidárias, e agora colhem a partir da Cooperativa de Consumo.

Por outro lado, há muitas dificuldades enfrentadas pelxs assentadxs na luta pela reforma agrária; dificuldades técnicas, de transporte da produção, econômicas,

entre outras – ainda que xs participantes estejam numa situação quase de privilégio em relação aos outros assentamentos. Conforme Alexandre, em torno de 85% dos assentamentos estão numa situação extremamente precária, mas, em Nova Santa Rita, estão bem localizados e gozam de mais serviços e estruturas em relação aos outros e, além disso, as famílias têm “acesso à saúde, educação, água potável e energia.”⁶⁶

Quanto ao Coletivo de Produção e Apoio Mútuo, apesar de estarem numa situação melhor que outros assentamentos, Renato explicou que não conseguem planejar o que vão plantar no próximo ano, não há assistência técnica para assessorar o trabalho, e muitas famílias acabam construindo soluções individuais, a partir de relações com políticos e “políticas eleitoreiras”. Para Renato, tal sistema provoca esse tipo de relação, não são políticas públicas, as famílias acabam se atrelando a políticos e/ou partidos e não conseguem ter autonomia política (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de outubro de 2013). Querem garantir a autonomia do Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra a partir de relações mais solidárias, como a proposta pela Cooperativa de Consumo. No entanto, há muitas dificuldades enfrentadas no cotidiano do assentamento, tais como:

O transporte dos produtos plantados, a impossibilidade de um planejamento para médio e longo prazo, a necessidades de ampliar a entrega de cesta (mais locais de venda) para que se possa incluir novas famílias assentadas no grupo. O transporte das cestas está sendo feito por uma das famílias do Mãos na Terra, de forma provisória, até que se viabilize uma alternativa coletiva para o problema. (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de dezembro de 2013)

Alexandre contou que há todo um desenvolvimento científico e tecnológico para auxiliar a produção do agronegócio, além de vastos subsídios à disposição dos produtores, porém, a agricultura camponesa não tem este tipo de auxílio. É necessário pesquisar e tornar acessível as pesquisas sobre a agricultura orgânica e o manejo do solo, contribuindo para o trabalho dos camponeses. Xs assentadxs contaram uma situação em que as pessoas do assentamento compraram adubo de uma empresa, entretanto, era salinizado e deixou a terra mais seca, “contaram que todos por ali têm problemas com adubo e irrigação e que perderam dinheiro com o

⁶⁶ Estas considerações sobre a precariedade de outros assentamentos foram enviadas por e-mail para mim, após a defesa da tese, quando Alexandre conseguiu ler o trabalho. Ele elogiou o trabalho e fez apenas esta consideração.

adubo salinizado”. (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de março de 2014). Para além das relações solidárias, xs camponeses necessitam de Políticas Públicas realmente efetivas para que se concretize a reforma agrária.

4.3.2 As relações com os consumos

Expliquei sobre a pesquisa no primeiro dia de acompanhamento ao grupo, mas já havia conversado individualmente com alguns/mas participantes durante a entrega das cestas. Depois que expliquei sobre a pesquisa, Augusto fez algumas perguntas que me ajudaram a pensar sobre os consumos, conforme já descrevi no primeiro capítulo. Xs assentadxs vivem de forma simples, mas não lhes falta o que se costuma chamar de “básico”: uma boa casa, boa alimentação, acesso a alguns serviços como escola e unidade básica de saúde. Tudo conquistado com muita luta e que, infelizmente, não é a realidade da grande maioria dxs assentametadxs pela Reforma Agrária.

Alexandre disse que ficou pensando sobre a pesquisa após o convite que fiz a ele no Ateneu Libertário, pensou que “talvez pudesse me interessar o fato de que muitas das coisas que utilizam na alimentação são produzidas no assentamento, por elxs próprios ou por vizinhos, ainda que muitas coisas não” (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de outubro de 2013). Uma das famílias do Coletivo Mãos na Terra produz queijo e manteiga, os que não produzem, trocam ou compram leite e derivados de vizinhos, além de outros produtos. Em uma das idas ao assentamento, almocei na casa de Alexandre, era “uma comida maravilhosa, carne de porco com alho-poró, arroz, salada de batata com maionese, salada de pepino, salada de brócolis e salada de beterraba” (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de novembro de 2013).

Xs participantes têm trajetórias de vida muito distintas, não há uma homogeneização de respostas, existem falas que se complementaram, e foi a partir delas que construí esta narrativa sobre como se relacionam com os consumos. O principal ponto a destacar é que, ao serem questionadxs sobre suas relações com os consumos, descrevem o modo de vida no campo e apontam o apoio mútuo e a solidariedade como condição para esta vida mais autônoma. Na discussão sobre o modo de vida, incluíram a busca por relações de proximidade com as pessoas, a identidade sobre o que é ser colono, o trabalho precarizado e a permanência dxs camponeses no campo.

O modo de vida que xs participantes relacionam ao consumo produziu uma discussão sobre o que é ser colono. Augusto contou como foi o início da vida como assentado em Nova Santa Rita, quando deixou de ser acampando, ele explicou que “algumas pessoas têm vontade de produzir, mas não conseguem. Se em cinco anos o cara não se adaptou à terra, não se instalou, não se tornou um colono, não aplicou dinheiro, ele não tem mais como fazer” (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de abril de 2014). Conforme Augusto, para ser colono é necessário ter uma carroça, uma junta de bois, um galpão, uma vaca de leite. Alexandre questionou Augusto se haveria algum colono no assentamento a partir daqueles critérios colocados. Para Alexandre, os critérios de Augusto para definir um colono vêm de sua origem na roça; hoje, a situação da agricultura camponesa é mais precária, além disso, não trabalham com uma junta de bois, pois podem alugar um trator, por exemplo, facilitando o trabalho. Esse assunto gerou bastante debate durante nossa conversa, questionaram Augusto se não haveria relação com a vizinhança, com a terra. Relatei abaixo um diálogo entre Augusto, Renato e Alexandre sobre o que é ser colono e sobre a agricultura camponesa:

Augusto: não é só isto, um colono tem que construir um ao outro... eu me criei na roça, me construí. A gente tem que se construir um pouco...

Renato: O conceito de colono da Via Campesina passa pela produção para sobrevivência, ou parte da sobrevivência, mas também pelo social, pela relação com a terra. O que é um processo de construção de uma identidade, construção da sobrevivência. Tem gente que diz que tu podes ser colono vendendo quase tudo que produz desde que tenha estas relações sociais, locais com o ambiente e com a terra. A gente não pode ser contra a técnica, não precisamos ficar brochando boi, não podemos ser contra a técnica se a técnica nos ajuda, em vez de ter uma junta de boi, existem outras técnicas para lavrar a terra.

Alexandre: existe a ideia de colono que trabalha muito e quase não tem vida social, preso à terra.

Renato: a ideia também de agricultura familiar é questionável, o cara pode ter 200 hectares de terra é estar produzindo soja, milho, e isto é considerado agricultura familiar.

Augusto: trabalhar na terra para se sustentar e vender o que sobra, é que é o colono. (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de abril de 2014)

Xs participantes questionam que alguns proprietários de terra sejam incluídos na categoria de agricultura familiar, pois produzem na mesma lógica e aos mesmos moldes do agronegócio. Preferem utilizar o termo agricultura camponesa, distinção que vem sendo feita pela própria Via Campesina. Dentro da agricultura camponesa,

xs participantes expressam a necessidade de investimento, de aperfeiçoamento e formação dxs trabalhadorxs e da criação de tecnologias para esse tipo de agricultura. O uso da tecnologia auxilia não só no trabalho, mas também nos custos da produção. Renato questionou: Para que serve criar bois por 10 anos para fazer um arado? Para ele não vale a pena do ponto de vista econômico. Para xs participantes, a utilização de adubo e calcário, que são corretivos de acidez do solo, envolve saberes científicos. Conforme Renato, os empresários do agronegócio “não plantam sem fazer uma análise do solo, das condições para o plantio e isto falta aos pequenos agricultores e aos agricultores que plantam produtos orgânicos. Isto também faz parte do consumo” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de março de 2014).

As problematizações sobre o que é ser colono, para xs participantes, passa pela relação social com a terra. Há uma grande preocupação em como manter as pessoas trabalhando no campo, principalmente as pessoas jovens. Lourdes contou que “se criou na roça também, que quando era jovem só tinha a opção de trabalhar, não estudou, mas que hoje ninguém mais quer mais ficar na terra” (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de abril de 2014). Para Mercedes, a falta de condições faz também com que xs jovens não se vejam no trabalho no campo, para ela, “os novos rurais se enxergam na terra” (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de abril de 2014). Xs participantes entendem que a juventude não quer viver no campo também pelas questões sociais, pois querem estudar, passear, conhecer outros lugares, e é necessário dar condições para que a vida no campo não seja um impeditivo aos estudos e ao lazer. Além disso, questionam que não há estudos voltados para este jovem aperfeiçoar o trabalho no campo, que as faculdades de agronomia e veterinárias são voltadas para o trabalho no agronegócio, no caso da Veterinária também, a *petshop*.

A permanência dxs camponesxs na terra é um problema que perpassam pela questão econômica e social, mas também é condição para a soberania alimentar e por isto precisa ser valorizado. Conforme Renato, o trabalho que executam é conduzido por uma demanda de consumo, “nós produzimos para comer ou para o comércio, nós não produzimos qualquer coisa, nós passamos a produzir na horta há três anos por causa da Cooperativa de Consumo em Porto Alegre e por causa do PAA” (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de abril de 2014). O PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) foi criado em 2003 e “possui duas finalidades básicas: promover o

acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar.”⁶⁷Xs participantes explicam que não vale a pena produzir para vender ao PAA, pois pagam pouco, são políticas compensatórias e serve apenas para dizer que estão fazendo algo pela Reforma Agrária, mas é quase uma forma de fazer xs camponeses desistirem da terra.

Há uma superexploração da mão de obra camponesa, já que é a produção feita pelxs pequenxs agricultorxs que contribui com a maior parte dos alimentos que vão para a mesa dxs brasileirxs. Não há uma regulamentação, por exemplo, de que se tenha que trabalhar oito horas diárias, dificultando calcular o valor da produção a partir do trabalho. Para Alice, é um “nó dar o preço para os alimentos, pois tu não tens como medir o custo de uma produção em horas trabalhadas, por exemplo, como se mede o tempo de trabalho de um/uma agricultor/a?” (DIÁRIO DE CAMPO, 07 de abril de 2014). Como qualificar esse trabalho?

A busca por construir relações solidárias com quem compra os produtos e com o apoio mútuo entre xs próprixs camponesxs também compõe este modo de vida. Querem vivenciar uma prática social diferente, construindo uma relação de proximidade e reciprocidade entre as próprias famílias do assentamento e, conforme Alexandre, aproximando “as pessoas que compram para realidade do assentamento, isto seria um diferencial também em relação a outras propostas de pessoas que trabalham com alimentos orgânicos” (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de outubro de 2013). Para Renato, é preciso evidenciar que não é só um produto orgânico que vendem, “por trás dos produtos tem famílias que os vendem”; para Alexandre, “não é só o produto orgânico, tem a reforma agrária, a vida no assentamento” (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de outubro de 2013). Para construir uma relação mais próxima com a vizinhança no assentamento, propõem o apoio mútuo, já que viver no campo exige a permanência dxs camponesxs em tempo integral na terra devido ao cuidado com o plantio e com as criações de animais.

Xs participantes da Cooperativa de Consumo respondem à pergunta: Qual a relação de vocês com o consumo? Com uma resposta sobre o seu modo de vida, ao mesmo tempo, apontaram como condição a construção de relações mais solidárias com xs compradorxs e a relação de apoio mútuo entre xs assentadxs. Pensei nessas características como uma forma de resistência ao que Bauman (2008)

⁶⁷ Informação encontrada no site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/aquisicao-e-comercializacao-da-agricultura-familiar>. Acesso em 23 mai. 2015.

chamou de mercantilização das relações. Ao buscar transformar as relações a partir de laços solidários e de apoio mútuo, procuram sair da lógica da mercantilização, incluindo uma outra relação, mais fraterna e comprometida.

Lazarrato (2006), ao falar sobre a sociedade de controle, problematiza as novas relações de poder, que sem exercem por meio de políticas de controle da memória e da atenção, a noopolítica. Para Lazarrato (2006, p.100), “si las disciplinas moldeaban los cuerpos constituyendo hábitos principalmente en la memoria corporal, las sociedades de control modulan los cerebros y constituyen hábitos principalmente en la memoria espiritual” – constituído-se, então, como um conjunto de técnicas de modulação do pensamento.

Para Hur (2013), ao problematizar os escritos de Deleuze&Guattari em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 5*, mais do que a transmissão de imagens, as políticas do pensamento produzem uma matriz de funcionamento, ou seja, não só “imagens modelos que são reproduzidas pelo pensamento, mas sim uma maquinação na própria forma do pensar. Conjecturamos então que na noopolítica, o aparelho de captura mais difunde um 'funcionamento' de pensamento, que é o da axiomática do capital” (Apud. HUR, 2013, p. 211). Quando os pensamentos das pessoas passam a funcionar dentro dessa lógica, um dos efeitos é que os modos de vida passam a ser modulados pela lógica neoliberal, “afastando suas preocupações da política, gerando coletivos despolitizados e vorazes por dinheiro” (HUR, 2013, p.211).

Ao modular o pensamento, todos os âmbitos da vida passam a ser regulados a partir da lógica capitalista, pensar as formas alternativas a estilos massificados de vida também é pensar os modos de viver dentro de uma lógica distinta dessa matriz axiomática. Para Hur (2013, p.213):

[...] a máxima da reprodução do capital, compromissada com o aumento da produção, do acúmulo, da competitividade e do consumo, faz com que os processos de subjetivação sejam norteados e referenciados por esses princípios, afastando-se assim dos tradicionais códigos sociais instituídos. A gestão noopolítica incita a concorrência, a desigualdade social e individual, a lógica de empresa e a despolitização do potencial insurgente, pois isola e opõe os indivíduos numa lógica competitiva, despotencializando a composição política coletiva.

Ao propor a organização do trabalho a partir do apoio mútuo e uma forma de comercialização a partir da ideia de solidariedade e comprometimento recíproco entre produtorxs e compradorxs, xs participantes demonstram outras possibilidades de viver e que, apesar de todas as políticas de captura, há muitas formas de existência brotando pelo mundo.

Uma forma de resistir às políticas do pensamento, segundo Lazarrato (2006), seria, justamente, a busca por relações mais horizontais, a cooperação, a ajuda mútua e, acrescento, a reflexão sobre o próprio modo de vida. Dessa forma, podemos dizer que xs participantes da Cooperativa de Consumo se contrapõem, na sua lógica de vida, a estilos de vida e trabalho massificados.

4.4 Coletivo Até o Talo

O nome do coletivo Até o Talo faz referência ao aproveitamento de alimentos. O grupo tem a proposta de produzir/cozinhar alimentação saudável, com baixo custo, a partir de alimentos não convencionais ou a partir de receitas alternativas com alimentos que já conhecemos, como, por exemplo, almondega de feijão, “queijo” de batata, massas folhadas sem gordura, etc. Conforme um dos participantes, “o Até o Talo, enquanto coletivo que vive de fazer comida, é, ao mesmo tempo, uma estratégia em que a gente vai conhecendo outras pessoas, fazendo política e buscando relações de apoio mútuo” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014). Desta forma, o Coletivo Até o Talo é mais do que um grupo que produz comida para vender, elxs também buscam propagar outros modos de se relacionar com o consumo, questionando a alimentação baseada na ingestão de carne, denunciando a alimentação a partir de produtos processados pela indústria e o uso de agrotóxicos na alimentação. Estimulam, propagam e ensinam sobre a alimentação rica em nutrientes e saborosa.

Há uma preocupação com o que se come e como se come, evitando o desperdício de alimentos, tornando a alimentação mais barata e rica. Outro elemento importante é a propagação dessas ideias, para tanto, o coletivo tem duas atividades principais: as oficinas de culinária vegana e as jantas, que são oferecidas em casa. As oficinas e jantas são pagas, os valores são baixos, mas garantem que as pessoas do coletivo possam viver desse trabalho. Além dessas duas atividades, eles também aceitam encomendas de alimentos (congelados ou salgadinhos e

docinhos para festas). Em um relato no Diário de Campo, descrevo uma refeição que fiz com o Coletivo:

Hoje almocei novamente com o pessoal do Até o Talo. O cardápio era estrogonofe de abobrinha com molho de beterraba (batida no liquidificador) e leite de coco; almôndegas de feijão com lentilha; arroz; salada de couve com rabanete; uma fatia de pão feito em casa recheada com couve refogada, brócolis e leite de coco; um hambúrguer de feijão com lentilha; finalizando com um suco de abacaxi com mel. Tudo muito delicioso. (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de abril de 2014)

O estilo de cardápio saboroso e nutritivo também é servido nas jantas que o Coletivo oferece. São feitas muitas combinações de alimentos, evidenciando que a comida vegana pode ter muito sabor. Para tanto, apostam na informação, para eles “o conceito de boa alimentação está muito longe do dinheiro e muito mais perto da troca e acréscimo de conhecimentos básicos.”⁶⁸ A proposta do coletivo é alimentar com informação sobre o que se consome.

No blog do Até o Talo, há algumas referências ao modo de vida mais prático, adotado por muitas pessoas na contemporaneidade, dando-se preferência a tudo que for rápido e fácil: “a ‘forma de coleta’ foi extremamente modificada com o passar dos anos, e hoje preferimos a praticidade de uma prateleira ao ritual de escolhermos o melhor alimento, da melhor fonte, preocupando-se um pouco mais com a nossa alimentação e menos com a embalagem.”⁶⁹ O Coletivo Até o Talo faz referência à sociedade coletora fazendo uma alusão aos novos hábitos de consumo que se assemelham à coleta, só que agora em um supermercado. Há uma crítica às escolhas de uma parcela da população que optou por não mais fazer sua própria alimentação, ao mesmo tempo em que não propõe um retorno ao passado, mas pelo contrário, a invenção de um presente diferente.

Para esse estudo, os nomes dxs participantes foram modificados. Os nomes fictícios adotados são: Letícia, Camila, Rodrigo e Jonathan. No quadro abaixo, expresso os dias de acompanhamento e as atividades vivenciadas por mim junto aos/às participantes, somando um total de oito encontros:

⁶⁸ Conforme informações no blog coletivo Até o Talo. Disponível em: <http://coletivoateotalo.blogspot.com.br/p/o-que-e.html>. Acesso em 28 jan. 2015.

⁶⁹ *Idem*.

Dia do encontro	Atividades
08/04/2014	1º dia de acompanhamento: primeiro contato presencial com o grupo no qual fiz a proposta de participação na pesquisa, dando início ao acompanhamento. O Coletivo fez marmitas para congelar, enquanto faziam o almoço, almocei com o grupo.
15/04/2014	2º dia de acompanhamento: o Coletivo fez marmitas para congelar, enquanto faziam o almoço, almocei com o grupo.
22/04/2014	3º dia de acompanhamento: reunião do Coletivo.
24/04/2014	4º dia de acompanhamento: acompanhei um dos participantes em uma oficina de culinária vegana para crianças.
07/05/2014	5º dia de acompanhamento: janta vegana na Espaço Feminista.
20/05/2014	6º dia de acompanhamento: encontro para a discussão sobre a pergunta da pesquisa.
27/05/2014	7º dia de acompanhamento: encontro para a discussão sobre a pergunta da pesquisa.
27/05/2014 (à noite)	8º no mesmo dia, teve o encontro com todxs os grupos participantes da pesquisa.

4.4.1 O cotidiano, os modos de trabalhar e de organizar o trabalho

Durante a pesquisa, o Coletivo contava com quatro participantes em Porto Alegre, uma em Rio Grande e uma na cidade de Porto, em Portugal. A organização do grupo é informal, contando com a ajuda de amigxs para algum evento, caso necessitem. Durante o tempo de acompanhamento, estavam buscando uma forma de organizar melhor o trabalho, aproveitando melhor o tempo dxs participantes e os recursos financeiros que dispunham. Algumas das atividades do Coletivo são: produção de marmitas, organização de jantas “abertas ao público”, curso de culinária, produção de salgados e doces para vender em eventos como shows, feiras, encontros, etc. e a atividade do recicle.

Eu acompanhei o pessoal às terças-feiras, que era um dos dias em que faziam o almoço e já aproveitavam para fazer as marmitas de comida pronta e congelada, porém saudável, sem conservantes, feita a partir de um processo de trabalho mais livre, feito sem a exploração de trabalhadorxs. O processo de produção das marmitas acontecia com música, risos, histórias divertidas sobre coisas interessantes que faziam.

Particpei de uma janta que foi parceria do Coletivo Até o Talo com a Espaço Feminista. A cozinha do Coletivo Até o Talo passou a dividir o lugar com a Espaço Feminista, a qual estava surgindo enquanto eu fazia o acompanhamento do grupo. No dia da janta, não pude conversar muito com as participantes que estavam organizando a janta. A proposta para aquela atividade era arrecadar dinheiro para a Espaço Feminista, e o Coletivo Até o Talo estava apoiando a Espaço com a janta. Os alimentos utilizados foram arrecadados a partir de um recicle em uma feira modelo de Porto Alegre.

Entre as atividades que o grupo executa, destaco o recicle, que consiste em “chegar no final da feira e coletar coisas que os feirantes vão descartar. Elxs aproveitam para fazer comida com os alimentos coletados no recicle” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014). Pensei na sociedade coletora, já que coletam alimentos, porém aqui a relação é de aproveitar alimentos que seriam jogados fora. Como seria classificada essa lógica na sociedade capitalista? Não são compradores, tampouco pessoas muito pobres que necessitam viver de coisas que são jogas fora.

Outro destaque importante é que a agenda longa de atividades inclui, muitas vezes, eventos pequenos. Rodrigo comentou que “levou comida para o uma casa que algumas amigas estavam transformando em um teatro. Disse que vendeu pouco, uns três brownies e que só tinha três pessoas” (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de abril de 2014). Em outro dia, quando estavam fazendo a comida para congelar, havia apenas duas encomendas. Dxs quatro participantes, apenas um consegue viver do trabalho no Coletivo, xs outrxs possuem outras atividades para complementar a renda.

Quanto aos modos de organizar o trabalho, o Coletivo aluga uma casa na qual residem e executam suas atividades. A casa tem um pátio com algumas árvores ao fundo, há um sofá velho com uma abóbora plantada na rua, suas folhas se estendem pelo chão, espalhando-se. Há alguns objetos aguardando no pátio que Rodrigo pretende utilizar para fazer alguma outra coisa. As jantas acontecem no espaço da casa que seria uma garagem, tem alguns cartazes nas paredes, bancos, uma mesa, alguns canecos na parede que parecem ter sido deixados pelo antigo morador da casa.

As jantas são frequentas por pessoas jovens, nem todos vegetarianxs, nem toda a alimentação é feita sem agrotóxico devido aos altos custos dos alimentos orgânicos. As jantas não são cobradas, é deixada uma caixinha para que xs

participantes contribuam com algum dinheiro, o quanto podem ou querem pagar. Na última janta em que fui, observei um bilhete junto a caixinha sugerindo um valor de contribuição, a caixinha não fica escondida, ninguém a cuida, fica em algum lugar visível, para que possam observá-la. A relação com xs frequentadorxs das jantas é distinta, no blog do Coletivo Até o Talo, aparece a imagem de um cartaz com avisos sobre o tipo de relação que querem estabelecer com os frequentadores da casa. O aviso dizia o seguinte:

Isto não é um restaurante, você não é nosso cliente. Somos um coletivo buscando estabelecer outros modos de se relacionar com a comida, com o trabalho, com as pessoas. Aqui dentro você faz parte dele. Colabore com nosso esforço, lave sua louça, auxilie no que achar necessário. Temos muito o que aprender juntxs. Pergunte o que quiser para quem você quiser!⁷⁰

Logo, não é apenas uma relação entre prestadora de serviços e consumidor/a, mas sim uma problematização das relações entre quem produz e quem consome, o modo como se consome, o que se consome, os lugares que ocupamos nas relações de consumo. As problematizações se estendem também às relações de trabalho que vivenciam. Letícia comenta que conversam muito no Coletivo, e que “o Até o Talo muda sua dinâmica para incluir a pessoa que está entrando. Cada pessoa coloca sua característica no grupo e isto é diferente de uma empresa” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014). Letícia contou que no sistema capitalista as pessoas são substituíveis, “tanto que te dizem que se tu não quer trabalhar, tem mais 400 pessoas que querem, até que se tenha uma máquina que faça o trabalho. No Até o Talo, o coletivo se molda a cada pessoa que chega” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014).

O Coletivo também busca construir relações horizontais, problematizam as dificuldades encontradas na prática. Para Rodrigo, a questão “não é de negar que algumas pessoas se destaquem em determinadas tarefas, mas sim de não deixarem que apenas uma faça aquela tarefa, ainda que tenha maior habilidade para tal coisa” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014). A busca por horizontalidade é um aprendizado pessoal e coletivo, de saber se colocar, mesmo quando não se sabe bem como fazer.

⁷⁰Conforme informações encontradas no blog: <http://coletivoateotalo.blogspot.com.br/p/fotos.html>. Acessado em 18 mar. 2015.

A criatividade está presente nas atividades cotidianas, e as problematizações sobre política, educação, cultura, feminismo fazem parte desse cotidiano. Durante uma reunião, aconteceu uma enxurrada de ideias, Rodrigo chegou a dizer “que escreveria um cartaz dizendo que era proibido ter mais que três ideias geniais por dia, rimos muito. Naquele momento, Camila me contou que foi ela quem escreveu o cartaz dizendo que era proibido criar buracos negros na cozinha” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014). Os buracos negros acontecem quando se coloca algo num lugar que normalmente não se coloca, depois se coloca outra coisa junto, que também está fora do lugar, logo, não se encontra os objetos da cozinha.

Rodrigo e Jonathan contaram sobre a ideia de fazer cachaças com frutas coletadas na rua, “pensaram em dar o nome de cachaça coletora, fazendo uma referência às sociedades primitivas consideradas coletoras” (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de abril de 2014). Camila trouxe um fermento biológico que, segundo ela, tem 100 anos. É um fermento com farinha feito em casa, contou que “conheceu uma moça que deu a ela e disse que este fermento estava há cem anos na família dela, passando geração em geração” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014). Rodrigo disse que era possível fazer este tipo de fermento “com arroz, figo, não apenas farinha” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014). Em outro dia, Rodrigo e Jonathan estavam cantando o Hino de Baçara, que é um lugar onde se planta banana e juçara e se vive um estilo de vida livre. Estavam sempre com alguma programação para fazer, um lugar para ir, alguma coisa nova para começar...

As conversas com o Coletivo foram muito interessantes, um dos assuntos foi, inclusive, a educação. Indicaram que eu assistisse ao vídeo “Escolarizando o Mundo”⁷¹, que conta a história da instalação de uma escola em uma comunidade na Índia. Nesse local, as crianças tradicionalmente eram cuidadas pelas mães em casa, mas, quando iam para a escola, que era inglesa, deixavam de aprender sobre a cultura local e eram obrigadas a falar em inglês. As crianças e adolescentes não conseguiam ter êxito nesse processo de aprendizagem, por outro lado, não sabiam mais sobre a sua própria cultura e língua, ficando sem referência. Um pouco similar a todos os processos de colonização feitos por alguns países da Europa em relação à América Latina, à África, à Ásia. Falaram um “pouco sobre a escola e a deformação que ela faz nas crianças”, tolhendo a criatividade (DIÁRIO DE CAMPO,

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Xux89-8MX4>. Acesso em 18 mar. 2015.

08 de abril de 2014).

No documentário indicado, havia algumas mulheres contando que aconteceu uma desvalorização do conhecimento das mulheres mais velhas. Quando alguém perguntava para uma delas sobre algo, elas diziam para perguntar ao neto que sabia mais do que ela porque foi à escola. Lembrei-me de Camila falando sobre sua avó, que tem banheiro seco, mora numa cidade do interior e sabe fazer farinha em casa, entre muitas outras coisas. Ela estava valorizando um conhecimento que não é acadêmico e que gostaria de aprender (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014).

Quanto ao futuro do Até o Talo, Rodrigo almeja que um dia tenha umas 10 pessoas trabalhando junto e que seja “um restaurante autônomo, onde tenha um tipo de rodízio para organizar o trabalho, que uma pessoa trabalhe por seis meses e fique com os outros seis meses para viajar, ou fazer outra coisa. Não necessitando trabalhar todo o tempo” (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de abril de 2014). O Coletivo não possui um pensamento único, mas compartilham muitas aspirações sobre o mundo, no que diz respeito ao consumo, ao feminismo e ao modo de viver.

4.4.2 Relações com os consumos e as críticas ao capitalismo

O Coletivo Até o Talo relaciona o consumo diretamente aos problemas ambientais, sendo assim, fazem uma distinção entre os agentes poluidores. Acreditam que os impactos gerados pelo consumo da população em geral são muito menores do que os produzidos pelas empresas no meio ambiente em relação à poluição (ar, água, terra), ao gasto hídrico e energético (luz, petróleo), ao consumo de matérias-primas, etc. Alertam que a respeito da poluição do planeta e da degradação do meio ambiente, os grandes culpados são as empresas, pois consomem uma quantidade imensamente maior do que todas as pessoas juntas. Entretanto, apesar de compreender que os maiores poluidores não são as pessoas, mas as empresas e o agronegócio com seus modos de produção poluidores, vivem uma vida de modo a reduzir os impactos que seus modos de consumir possam ter no meio ambiente.

O Coletivo busca um modo de viver que reduza o consumo, sem a ilusão de estar “fora do sistema”, procuram viver conforme suas aspirações por uma sociedade diferente, melhor, mais justa, viver conforme aquilo que almejam para o mundo, mesmo sabendo da limitação de suas ações. No diálogo sobre a pergunta

da pesquisa, isso fica expresso:

Letícia: o capitalismo joga para o indivíduo a responsabilidade, mas as empresas consomem por todas as pessoas. Não tem nenhuma mudança nisto, se todas as pessoas parassem de utilizar recursos naturais não mudaria nada na sociedade. Mas individualmente, a gente se satisfaz vivendo deste jeito.

Camila: se satisfaz reproduzindo aquilo que a gente acredita.

Letícia: a gente é uma experiência da sociedade que a gente projeta. (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014)

Sobre as empresas, Rodrigo comenta que Al Gore⁷² denunciava que as mudanças em relação à poluição e à degradação do planeta são uma questão de vontade política em barrar tal situação. Para ele, as pessoas estão trabalhando muito, estão cansadas de pensar sobre isto, elas se sentem “desempoderadas no sentido de fazer alguma coisa que chega a ser difícil conversar sobre o assunto com alguém. (...) As pessoas te dizem: tá, mas o que tu vai fazer então? Me diga o que eu tenho que fazer porque eu não sei nem por onde começar” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Para Rodrigo, as pessoas se sentem perdidas, há muitas informações sobre o aquecimento global, por exemplo, que deixam as pessoas com medo e se perguntando: O que fazer? Além disso, Rodrigo acredita que as pessoas são, de alguma forma, ingênuas por acreditar que as empresas não fariam produtos que as fizesse mal, acreditam que, se algo é ruim, não seria comercializado.

Para Fontenelle (2010), a culpabilização dos indivíduos é apontada também no discurso do consumo responsável, ao afirmar que o indivíduo pode escolher entre os produtos que agridem o meio ambiente e os que não agridem, evocando a ideia de um sujeito que governa a si mesmo. Alguns discursos sobre o meio ambiente apontam para tal perspectiva. Para Fontenelle (2010, p.219):

Exemplar nesse sentido é a Agenda 21, um programa de ação global, com metas mundiais para a busca da sustentabilidade no século XXI, que foi elaborada na Conferência sobre o clima – a Rio-92 – no Rio de Janeiro quando, com a participação de delegações de 175 países, pela primeira vez, a temática do consumo e a crítica ao consumo de massas passaram a ser abordadas de maneira direta. A um primeiro olhar, esses discursos surpreendem porque tratam de uma demanda por racionalidade na esfera do consumo, historicamente constituída longe de um olhar e de um discurso público centrado em uma política de autocontrole do consumidor.

⁷² Ele foi ex-vice presidente dos EUA entre 1993 e 2001 e ficou conhecido também por seu documentário sobre as mudanças climáticas chamado “Uma Verdade Inconveniente” (2006).

Apesar de essas discussões marcarem diferenças em relação às anteriores que tratavam o consumo enquanto entretenimento e diversão acabam culpabilizando os indivíduos, “tais discursos podem ser inseridos dentro da temática da 'gestão do eu', em que está explícita uma proposta de 'liberdade de escolha' e, conseqüentemente, de uma responsabilidade pessoal pelos atos praticados” (FONTELLE, 2010, p.220). Essa ideia, conforme Fontenelle (2010) ganhou mais expressão a partir do relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática) de 2007, que afirmava a relação direta entre as atividades dos seres humanos e o aquecimento global. O documentário “Uma verdade inconveniente” (2006), apresentado por Al Gore, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, também relaciona o aquecimento global responsabilizando o consumidor por suas escolhas (FONTENELLE, 2010).

Na conversa citada mais acima, entre Camila e Letícia, no Diário de Campo do dia 20 de maio de 2014, após a discussão sobre a individualização dos problemas em relação ao meio ambiente, Camila afirma que se satisfazem fazendo aquilo que acreditam. Isso me fez pensar no modo de vida dos cínicos, apresentados por Foucault (2011) no livro *A coragem da verdade*, ao falar sobre a parresía, a fala franca. Para Foucault (2011), pelo menos num primeiro momento da história, o modo de vida sustentava a prática filosófica dos cínicos⁷³, sobre a qual comentarei no capítulo quatro. Então, mesmo que o Coletivo acredite que, por exemplo, não será apenas fechando a torneira enquanto escovam os dentes que diminuirão os problemas da água, optam por economizar água, reciclar, reutilizar, reaproveitar materiais, customizar roupas e, assim, também vão constituindo-se enquanto sujeitos, suas práticas sustentam uma opção por um modo de vida.

É interessante pensar que não só fizeram de suas vidas uma expressão da sociedade que almejavam, mas também afirmam que suas restrições em relação ao consumo não têm relevância no sentido de amenizar os impactos no meio ambiente, já que o problema é muito maior e está conectado à lógica de produção das empresas. Ampliando a discussão, podemos dizer que o problema está ligado à lógica de vida para o consumo que marca nossa contemporaneidade (BAUMAN,

⁷³ O cinismo tem origem grega e pode ser considerado uma escola filosófica, criada por Antístenes, aproximadamente no ano 400 a. C. Foi seguida por Sócrates, “mas seu nome de maior destaque foi Diógenes de Sínope. Esses filósofos menosprezavam os pactos sociais, defendiam o desprendimento dos bens materiais e a existência nômade que levavam”. Informações encontradas no site: <http://www.infoescola.com/filosofia/cinismo/>. Acesso em 18 mai. 2015.

2008).

Para responder à pergunta sobre como se relacionam com o consumo, falaram que precisam desconstruir a relação que aprenderam a ter com ele, aprendendo a saber fazer coisas para ter autonomia (construir, costurar, plantar, etc.). Fazem uma crítica à lógica de trabalhar mais para consumir mais, e a impossibilidade de viver fora do sistema capitalista. Criticam o modo de vida no capitalismo que faz com que as pessoas se endividem para comprar objetos que logo se tornam obsoletos.

Xs participantes do Coletivo desenvolvem alguns argumentos sobre os motivos de encontrar uma outra relação com os consumos, ainda que entendam que os maiores impactos destruidores do meio ambiente advenham das empresas. Ao desconstruírem a forma como foram educados a se relacionar com os consumos, aprendendo a fazer as coisas que necessitam para viver, problematizam o distanciamento da relação entre quem produz algo e quem consome o que foi produzido, distanciamento produzido pelo modo de vida no capitalismo. A preocupação do Coletivo está voltada para a dimensão ética, em suas relações com outras pessoas e com o mundo em que vivem.

Para essa desconstrução do seu próprio modo de relacionar-se com o consumo e a construção de um novo modo de vida, Letícia fala que é necessário resgatar a “posição de não ser só um consumidor/a, todo mundo é educado só para consumir. É o que queremos resgatar – a autonomia – fugir desta ideia de que toda pessoa é um consumidor/a em potencial. Para que tu vai fazer se tu pode comprar pronto?” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014). A autonomia citada é no sentido de aprender a fazer de tudo um pouco, sem necessitar de grandes aparatos para a sobrevivência, por exemplo, saber cozinhar, costurar, construir (casas, móveis), plantar, etc.

Letícia dá exemplos sobre as coisas que se compram prontas, como a alimentação *fast food*, criticando que é algo que as próprias pessoas podem fazer, já que não exige um conhecimento técnico. Conforme Rodrigo, “cada vez mais as pessoas são só produtoras de coisas simbólicas, porque ninguém mais sabe fazer as coisas com as próprias mãos” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Para Camila, a importância de fazer o alimento com as próprias mãos está em conhecer aquilo que se come, pois não sabemos que produtos compõem um *nuggets*, por exemplo. Além disso, as pessoas precisam “aprender a colocar um pouco de

energia naquilo que elas se alimentam, a relação que as pessoas têm com a comida é superficial, o alimento é utilizado não só para sobrevivência ou degustação, mas como uma droga, para anestesiar a ansiedade” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Camila comenta que não é muito lógico trabalhar muito, para ganhar mais dinheiro, e gastar o dinheiro para comprar comida pronta, por exemplo, ainda que entreguem comidas prontas. Para ela, “isto aí vai muito dos valores que a pessoa tem, porque a pessoa poderia comer coisas mais saudáveis e se relacionar mais com o alimento se ela diminuísse a carga horária de trabalho dela” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014).

Entretanto, Camila deixa claro que há muitos conflitos na construção de outras possibilidades de se relacionar com os consumos, “desconstruir não é negar porque a gente vive nesse sistema é um processo para ver como ter mais autonomia neste sistema” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014). Ela acredita que é necessário aprender a como lidar com as necessidades e a busca por maior autonomia: “enxerguei tudo o que o dinheiro fazia, tudo o que o capitalismo fazia, eu comecei a negar tudo e negar tudo não te deixa se movimentar” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). O conflito acontece a partir da vontade de não viver uma vida muito precária, mas também de não viver uma vida voltada ao trabalho e ao consumismo. Rodrigo acredita ser importante garantir a subsistência de modo a não ficar correndo em círculo, “achando que estamos resistindo ao capitalismo, quando estamos apanhando para pagar as contas, esperando que em algum momento as coisas vão mudar” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Querem se organizar financeiramente para conseguir fazer outras coisas, como oferecer as oficinas de culinária de forma gratuita.

É importante lembrar que o Coletivo gostaria de se dedicar à atividade de ensinar as pessoas a comer melhor, que trabalham vendendo comida pronta, mas problematizam o fato de as pessoas comerem comidas congeladas devido à necessidade de fazer tudo rápido. Comprar comida pronta nesta lógica é apenas uma forma de ter mais tempo para trabalhar e consumir mais, não para obter tempo livre para fazer outras coisas. O modo como aprendemos a viver parece incomodar ao Coletivo, que acreditam que fomos ensinados pela escola e pela sociedade como um todo a ter uma vida voltada para o trabalho e para o consumismo.

Camila afirma que o consumo em si não é ruim, já que seria necessário para “suprir as nossas necessidades básicas como ser humano” (DIÁRIO DE CAMPO, 20

de maio de 2014). Para ela, a palavra consumo não é boa, porque o “consumo, até onde eu entendo, na raiz da palavra, é o que a gente utiliza para sobreviver e não tudo que a gente tem utilizado que é muito mais do que o suficiente” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). O problema para Letícia seria a relação de insatisfação, na qual as pessoas querem sempre mais, sendo necessário “desconstruir a nossa visão sobre o consumo” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014). Conforme Bauman (2008), a busca por maior felicidade nunca é alcançada na sociedade de consumidores, que se caracteriza pela produção permanente de desejos.

Outro ponto discutido foi o fato de que alguns serviços só valem a pena para um cliente porque são precarizados. Acontecem porque o tempo de alguma pessoa vale mais que o tempo de outra. Dessa forma, a prestação de alguns serviços sempre é desvalorizada e, mesmo o Coletivo Até o Talo, nas relações que vem construindo, critica que, algumas vezes, há pessoas que “acham caro uma comida, ou outra atividade feita por outrxs companheirxs. Rodrigo ironiza que parece que só se pode pagar caro por coisas produzidas por multinacionais” (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de abril de 2014). Como se pode observar, assemelham-se, ainda que com diferenças, às críticas feitas pela Pedal Express e pelo Levanta Favela em relação à pouca valorização de seus trabalhos feita por algumas pessoas.

A crítica ao modo de vida no capitalismo acontece a partir da impossibilidade de viver “fora” do sistema, da desigualdade provocada por esse sistema e da vida voltada para o consumismo e o trabalho. A impossibilidade de viver fora das relações capitalistas é expressa por Letícia e Camila. Para elas, residindo em uma cidade, não é possível não consumir, mas sim consumir menos:

[...] não é possível escapar do capitalismo, dizer que fazemos isto seria uma atitude hipócrita, já que precisamos pagar aluguel, por exemplo. [...] Até tu arrumar outro jeito, tu tá dentro. Mesmo para que tu ocupes uma terra, tu precisas de capital para começar a produzir nela, para sair do capitalismo tu precisa ter capital. (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de novembro de 2014)

Letícia critica que uma pessoa pode passar a vida toda trabalhando apenas para acessar objetos de consumo, comprando objetos que logo se tornarão obsoletos, gerando uma dívida econômica pessoal que a impedirá de deixar o emprego por conta das dívidas. Ela exemplifica relando uma reportagem que viu na

televisão sobre uma empregada doméstica que pagou 10 mil reais por uma bolsa: “ela ficou feliz, mas me parece uma relação injusta, mas a pessoa tem o direito então isso se retroalimenta” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014).

O que se pode verificar é que, na busca por transformar o mundo em um lugar melhor, xs participantes modificaram-se e, ao mesmo tempo, foram modificando suas relações com o consumo.

5 PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA E OS CONSUMOS

O encontro, ao final do percurso empírico da pesquisa, foi o único momento em que xs participantes da pesquisa se encontraram enquanto participantes de uma pesquisa sobre os consumos. O objetivo do encontro foi o de compartilhar o que eu já estava escrevendo sobre o acompanhamento, escutar o que estavam pensando sobre a pesquisa e proporcionar um espaço de encontro entre os distintos grupos para discutir sobre o tema disparador da pesquisa.

Nesse dia, uma colega participante do grupo de pesquisa da professora Inês Hennigen⁷⁴acompanhou o encontro, dessa forma, as análises para este capítulo aconteceram a partir da leitura do Diário de Campo que escrevi e do Diário de Campo de minha colega, que chamarei de M. Além da análise dos Diários de Campo, relacionei com outras lembranças que eu tinha sobre a pesquisa e também com as teorias sobre consumo, a fim de complementar as reflexões.

O encontro aconteceu no Ateneu Libertário a Batalha da Várzea, esse momento foi importante para que xs participantes pudessem reconhecerem-se como fazendo parte de uma mesma pesquisa e, desse modo, compartilhar suas experiências com os consumos. Para preparar o momento de reunião com os grupos participantes, encomendei alguns pães integrais e pastas do Coletivo Até o Talo e cucas da Cooperativa de Consumo. Levei utensílios para fazer um café, queria criar um clima agradável, além disso, sabia que muitxs participantes estavam saindo do trabalho naquele momento e poderiam estar com fome. Nesse dia, apresentei algumas sistematizações dos materiais produzidos durante o percurso e que, ao final da pesquisa, ganharam outros contornos e nuances.

O que tentei construir ao final foi uma ideia geral sobre o percurso de pesquisa, falar sobre o que eu havia aprendido com os grupos. Na primeira sistematização do material de pesquisa para apresentar aos grupos, ficou nítido que

⁷⁴ Solicitei ajuda ao grupo de pesquisa de meu orientador e de minha coorientadora em relação ao acompanhamento do encontro plural. Pensei que seriam muitas pessoas conversando e, como utilizava apenas a escuta, fiquei com receio de não conseguir fazer um bom Diário de Campo do momento. A minha colega do grupo de pesquisa, M., também trabalha o tema do consumo na sua dissertação de mestrado, então, eu a convidei para participar do encontro e me auxiliar no relato; ela, gentilmente, aceitou. Como havia dúvidas se seria possível a sua participação, acabei levando e utilizando um gravador, que falhou na metade do encontro, registrando apenas parte do encontro.

existiam problemáticas comuns a todos os grupos. Acabei, então, escrevendo um capítulo sobre o que havia em comum, a começar pela relação que incluiu os grupos numa mesma pesquisa, que foi justamente o meio pelo qual conheci as pessoas, participando de certas “redes” de relações com grupos anarquistas, grupos que buscam maior autonomia e também horizontalidade nas suas relações. Além disso, ao percorrer os quatro grupos, o mais interessante seria explorar esse longo percurso como um conjunto de experiências do que me ater apenas às questões específicas de cada grupo. Durante o dia da conversa plural, expus parte da sistematização que estava fazendo sobre o percurso, mas só no momento da escrita, com um certo distanciamento temporal, foi possível fazer outras reflexões e análises do processo de pesquisa.

O espaço de conversa produzido foi a possibilidade de troca e escuta, momento em que me expus enquanto pesquisadora à crítica e ao olhar dxs participantes, e também me coloquei como objeto a ser analisado e escutado. Pensar os processos de coautoria leva a práticas mais democráticas, à criação não só de condições para que a fala seja livre, ao menos, o mais livre possível, mas também de condições reais de mudança no processo de pesquisa, no material de pesquisa a ser analisado.

Por meio dessas reflexões, duas **problematizações** ganharam relevância perante as análises do processo: uma foi sobre o **modo de vida pensado a partir de uma estilística**, uma vida que é produzida a partir de valores éticos; a outra sobre **os modos de consumir que apareceram como expressões das escolhas sobre como viver**. Para explicar melhor, separei a problematização sobre a estilística da existência das problematizações sobre os modos de consumir.

Dentre os **elementos que compõem essa estilística**, que perpassaram os grupos, estão a **busca por relações horizontais, maior autonomia em relação à organização do trabalho**⁷⁵, de forma a conciliar liberdade e trabalho, ou seja, a maior autonomia não deve vir acompanhada de precarização, e **a busca por relações de proximidade** que desestabilizem as composições binomiais tais como produtor x consumidor, prestador de serviço x cliente.

⁷⁵ A busca por autonomia era comentada em outros aspectos da vida, como nas relações de gênero, mas, para este estudo, construí uma narrativa mais focada nas falas dxs participantes sobre a autonomia relacionada ao consumo e ao trabalho.

5.1 O Modo de Vida Pensado a Partir de uma Estilística

O modo de vida pensado a partir de uma estilística que está voltada para a composição da vida a partir de valores éticos ficou visível durante o percurso de pesquisa em intensidades e formas distintas. Foucault (2011) no livro *A coragem da verdade*, relaciona os diálogos de Sócrates entre Laques e entre Alcibiades a respeito da *parresía*, apontando para uma dualidade no dar conta de si mesmo, entre “ser da alma” e “estilo da existência” (FOUCAULT, 2011, p.141). Em Alcibiades, esse questionamento leva “à descoberta e à instauração de si mesmo como realidade ontologicamente distinta do corpo”, é a alma, *psykhé* (FOUCAULT, 2011, p. 139). Já em Laques, o dar conta de si mesmo surge como “maneira de ser e maneira de fazer”, conduzindo “ao *bíos*, à vida, à existência e à maneira como se leva essa existência” (FOUCAULT, 2011, p.139). A estilística da existência seria a flexibilidade que os modos de existência assumem:

[...] estilística da [existência jamais poder ser] a projeção, a aplicação, a consequência ou a colocação em prática de algo como uma metafísica da alma. Entre as duas coisas as relações são elásticas e variáveis. A relação existe, mas suficientemente elástica para que se possa encontrar toda uma série de estilos de existência totalmente diferentes associados a uma só e mesma metafísica da alma. [...] Podem-se encontrar no cristianismo, sempre em referência a essa metafísica que permanece mais ou menos constante, estilos que foram sucessivamente muito diferentes. O estilo do ascetismo cristão nos séculos IV ou V da nossa era é muito diferente do [estilo do] ascetismo do século XVII, por exemplo. Logo: metafísica relativamente constante, e, no entanto, estilística que varia. (FOUCAULT, 2011, p.143)

Porém, também é possível encontrar estilos de existência constantes e metafísicas da alma diferentes que sustentam esses estilos (FOUCAULT, 2001). Utilizei o termo estilística para pensar a variabilidade nas possibilidades de existência, pensada a partir da dimensão do consumo em grupos com estilos de vida e trabalho alternativos a estilos de vida massificados. Dentro desse estilo de vida, há várias possibilidades de existir, várias estilísticas. A preocupação com o modo de vida esteve presente nas conversas com todos os grupos, expressando a preocupação consigo ligada à maneira de viver.

É importante lembrar que os participantes enfrentam, muitas vezes,

dificuldades financeiras pelo tipo de escolha feita no âmbito do trabalho. No caso da Cooperativa de Consumo, gostariam de melhores condições técnicas de plantar; a Pedal estuda possibilidades de efetivar uma seguridade no trabalho; o Coletivo Até o Talo busca uma forma de sustentação com a qual consiga manter-se fazendo suas atividades; o Levanta Favela também busca formas de garantir as condições mínimas para seguir seu trabalho, como transporte e alimentação aos/às participantes, ou seja, buscam melhores condições e valorização do trabalho. Dessa forma, xs participantes da pesquisa não evidenciam relações de recusa ao consumo, mas de recusa a determinados modos de consumo, que, muitas vezes, vêm associados a determinados modos de vida, evidenciando singularidades em tal relação.

O problema, para além das questões ecológicas⁷⁶ que envolvem o consumo, está no modo de obtenção de recursos destinados a ele. Fazem críticas ao modo de vida tomado pelo trabalho que permite as pessoas consumirem mais, mas a gozarem de um tempo livre menor; a trabalhos com pouca autonomia em relação às decisões organizacionais; às hierarquias rígidas entre os diferentes cargos dentro de um espaço formal de trabalho. Quanto aos consumos, os grupos tiveram mais ou menos críticas. O consumo mais estrito em relação ao que se come, se bebe, se veste, nem sempre foi problematizado e, quando foi, aconteceu de formas variadas, mas a crítica ao consumismo no sentido de que Bauman (2008) fala, sobre a mercantilização das relações, esteve presente em todos os grupos.

Como o objetivo da pesquisa é de pensar a relação dos grupos com os consumos, alguns/umas participantes falaram mais do grupo, generalizando a fala, outros falaram mais de como é para si essa relação, permitindo acesso a outro tipo de resposta. Para explicar melhor, vou exemplificar a partir de uma comparação entre a Pedal Express e o Coletivo Até o Talo. Quando xs participantes da Pedal Express fizeram todo “balanço” sobre o impacto do uso da bicicleta na cidade, deixam claro que não querem dar uma grande dimensão ou minimizar os efeitos do uso da bicicleta, mas fazer uma análise. Apesar de almejarem um mundo mais justo, preferem separar seu trabalho, que é uma dimensão de suas vidas, de outras atividades que executam, atividades pessoais mais engajadas com o vegetarianismo, com o feminismo, se opondo ao consumismo, etc. Mesmo que seu

⁷⁶ As questões ecológicas são importantes para todos os grupos, entretanto, para alguns esse foi um tema mais recorrente nas falas, como por exemplo, o Até Talo e a Cooperativa de Consumo.

trabalho tenha uma lógica de organização libertária e que o uso da bicicleta faça um grande contraponto em relação ao uso de automóvel nas ruas da cidade, preferem ponderar, pois trabalham com entregas, inclusive, para grandes empresas. Por outro lado, o Coletivo Até o Talo fez do seu trabalho uma expressão do modo de vida e falou sobre isso durante as conversas, o que me permitiu pensar sobre as análises que fizeram das mudanças nas suas relações com o mundo, principalmente no que diz respeito ao consumo. Dessa forma, como a Pedal falou mais sobre a dimensão do trabalho, não foi possível observar como foi essa “luta” consigo mesmo para transformar-se a partir de seus valores, como foi expressa pelo Coletivo Até o Talo.

5.1.1 Busca por relações horizontais e por autonomia

O primeiro elemento da estilística sobre o modo de vida que analisarei é a busca por relações horizontais e autonomia que compõe o modo como os grupos organizam suas relações no trabalho pelas quais evidenciam e colocam em prática as aspirações sobre aquilo que almejam para o mundo. Ao mesmo tempo, apontam para uma crítica sobre o poder a partir da proposta de horizontalidade nas relações. Para Foucault (1995, p.242), o poder existe em ação, em relação, “só há poder exercido 'uns' sobre os 'outros'; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apoia sobre estruturas permanentes”. Durante o percurso, os grupos não fizeram uma discussão sobre o poder, o que foi colocado em questão foram as formas de organizar uma construção coletiva das atividades desenvolvidas, sem que existam opressões e submissões de uns/umas em relação a outros. Mas, ao analisar essa busca por relações horizontais, fica evidente o cuidado dos participantes em não se colocarem uns/umas sobre os outros, mas de caminharem ao lado.

Num campo libertário, pensar a autonomia implica, necessariamente, pensar as relações de forma horizontal, pois pensar a autonomia, enquanto uma forma de lidar com liberdade, só é possível junto a outras pessoas. Bakunin (2002), um anarquista do século XIX, acredita que a liberdade não se dá no isolamento, mas com outras pessoas:

[...] a liberdade não é, pois, um fato de isolamento, mas de reflexão mútua, não de exclusão, mas de ligação; a liberdade de todo indivíduo é entendida apenas como a reflexão sobre sua humanidade ou sobre seu direito humano na consciência de todos os homens

livres, seus irmãos, seus semelhantes. Só posso considerar-me e sentir-me livre na presença e em relação a outros homens. [...] Só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, são igualmente livres. A liberdade do outro, longe de ser um limite ou a negação da minha liberdade, é, ao contrário, sua condição necessária e sua confirmação. (BAKUNIN, 2002, p.47)

Desse modo, podemos pensar que quanto mais livre as pessoas se sentem para praticar sua liberdade no campo da sexualidade, por exemplo, mais outras pessoas poderão se sentir livres para praticarem sua sexualidade a partir de seus desejos. A liberdade de outros é a condição para a minha liberdade. Nos grupos participantes da pesquisa, a autonomia é buscada não apenas dentro do próprio grupo, mas também em relação a outras formas instituídas de poder, como partidos. Esse modo de pensar a liberdade se opõe à ideia de uma liberdade privada.

Para pensar o modo de vida, relatei as reflexões de Foucault (2004) sobre a moral na Antiguidade, afirmando que eram essencialmente “uma prática, um estilo de liberdade” (FOUCAULT, 2004, p. 289). Ainda que na Antiguidade também existissem normas de conduta, “a vontade de ser um sujeito moral, a busca de uma ética da existência eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma, na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros” (FOUCAULT, 2004, p.289-290). Relaciono a busca por autonomia, por tornar-se sujeito em suas práticas, à ética da existência, já que, transformam a própria vida a partir de determinados valores, tomando a própria vida como o lugar de prática de seus valores éticos. O grupo de teatro⁷⁷ tem a liberdade como um valor, conforme Diário de Campo do segundo encontro com o grupo de teatro para discutir suas relações com o consumo:

Falaram que algumas formas de trabalhar poderiam tirar a liberdade em vários sentidos, como no caso do vínculo com empresas formais. Contaram que existe um preconceito da classe artística com elas, devido a estética que o Levanta chamava durante um tempo de estética da chinelagem. Luana disse que gostaria de ter um cenário melhor, gostaria de produzir melhor, mas não abrem mão da liberdade e por isso preferem não aceitar certos “incentivos” empresariais. (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de julho de 2013)

O que se tornou questão para o Levanta Favela em relação ao consumo,

⁷⁷ Quando generalizo a fala, dizendo o grupo de teatro, é porque ouvi falas similares sobre o mesmo assunto em mais de um momento.

mais do que a busca por uma produção artística com bons equipamentos, foi conseguir viver sem se atrelar a determinados vínculos com o setor privado, o que faria com que tivessem menor liberdade de criação e crítica nos espetáculos e intervenções cênicas, já que receberiam patrocínio. Além disso, discordam do modo como o capitalismo gerencia as relações de exploração e mercantilização do/no mundo, aceitar um patrocínio seria não só aceitar este tipo de relação mercantilizada, mas também submeter sua liberdade a uma jogada de marketing de uma empresa, por exemplo. Esse tipo de crítica, mas não apenas, leva o grupo a focarem seus esforços na formação e na atuação de atores e atrizes. Xs participantes contaram que leram Grotowski, que sistematizou o “teatro pobre”, no qual centra o teatro mais na atuação de atores atrizes, do que na produção de cenário. O grupo começou a fazer alguns exercícios a partir dessa abordagem, e Luana pareceu gostar muito da proposta.

Camila, participante do Coletivo Até o Talo, que é um grupo autogestionário, também fala sobre relação entre liberdade e ganhos com o trabalho: “nosso embate é viver apesar de todo o sistema, pois não podemos deixar de pagar as contas” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014) – viver a partir de seus valores, daquilo que almejam para o mundo e, ao mesmo tempo, fazer uma crítica ao modo de vida tomado por horas de trabalho, sem tempo livre.

A busca por relações mais autônomas e a busca por relações horizontais no local de trabalho são dimensões que todos os grupos compartilham e surgiram em várias falas durante o percurso de pesquisa. Para xs participantes da Pedal Express, o que haveria realmente de singular em seu trabalho é o modo como organizam o trabalho. A busca por relações horizontais, que necessita de maior participação de quem trabalha com o trabalho e com xs colegas, apesar de causar algum estranhamento inicial a quem chega na cooperativa de ciclistas, é o diferencial.

A Cooperativa de Consumo também busca construir relações mais horizontais no próprio grupo e também no local onde xs camponesxs vivem, que é um assentamento do MST. Sua proposta não é apenas de vender produtos orgânicos, mas de construir espaços mais autônomos em relação ao Estado, aos partidos políticos, divulgando a luta pela Reforma Agrária. Lourdes, participante da Cooperativa de Consumo, afirma gostar do modo como trabalha: “eu não me vejo trabalhando com um patrão para me mandar” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 DE MAIO DE 2015). Ela contou que, logo de manhã, os animais que cria fazem fila na porta para

serem alimentados, trata-se de uma relação mais afetiva com o trabalho e com o lugar onde vive.

Na busca por trabalhar a partir daquilo que acreditam ser o adequado no plano ético, como a busca por relações horizontais, encontram ao menos dois desafios: a inclusão de pessoas não habituadas com essa organização e a valorização do trabalho. A tentativa de incluir outras pessoas numa relação sem hierarquia de poder necessita que xs parceirxs desta caminhada aceitem a condição de serem sujeitos juntxs. É necessário maior envolvimento com os assuntos do grupo, maior responsabilidade perante as tarefas. Além disso, os grupos buscam melhores condições de trabalho, um trabalho mais valorizado, incluindo, ou não, a questão da remuneração, mas com maior grau de liberdade. Para muitxs participantes, as atividades desenvolvidas permitiam um modo de vida mais livre, entretanto, o trabalho se encontrava numa condição precária no que diz respeito a direitos e/ou benefícios sociais (INSS, vale-refeição vale-transporte). Segue um trecho do Diário de Campo do último encontro em que Ana, participante da Pedal Express, fala sobre isto:

Não é que as pessoas não querem ganhar mais, o que acontece é que não se quer ceder para ganhar mais. Ganhar mais seria ótimo, só que eu não quero me corromper aqui, não quero ceder o meu espaço, mas se for para fazer isso, isso, isso eu não quero, não quero ganhar mais fazendo isto. (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014)

Em muitos momentos, este tipo de fala ficou evidente, o modo como se vive a vida se expressa no modo como se consome determinados produtos, consumo que, muitas vezes, não acontece em uma lógica de escolhas. Não é possível generalizar nesse exemplo, há diferentes entendimentos sobre o consumo e sobre as restrições dele, mas muitxs participantes relataram que desejam comprar algo que não possuem, mesmo que seja para melhorar o trabalho, mas não o comprariam se para isso tivessem que fazer algo que não concordam ou se submeter a determinadas lógicas de trabalho.

Por último, mas não menos importante, é necessário lembrar que muitxs participantes já experimentavam práticas libertárias nos grupos pesquisados ou em outros grupos. Um dos princípios do anarquismo é a busca por autonomia e relações

horizontais. Politicamente, muitxs participantes, ainda que nem todxs⁷⁸, se opõem a democracia representativa por compreender que, dessa forma, as pessoas deixam de fazer a política delegando a outrx tal tarefa, se colocando à margem das decisões, não se posicionando como sujeito na ação política. Para Lazzarato (2014), ao longo do século XX, a democracia representativa foi institucionalizando os partidos e sindicatos:

[...] as formas coletivas de mobilização política contemporânea, seja manifestação de rua, ou lutas “sindicais”, seja pacífica ou violenta são atravessadas por uma mesma problemática: a recusa da representação e da experimentação e a invenção de formas de organização e de expressão que rompem com a tradição política moderna baseada na atribuição do poder a representantes do povo ou das classes. (LAZARRATO, 2014, p.173)

Dessa forma, a busca por relações horizontais e por autonomia não é apenas um modo de organizar os grupos, mas um modo de compreensão política. Experimentam na própria vida uma outra possibilidade de relação política. Por outro lado, ao buscarem compor a vida a partir desses elementos libertários, não buscam apenas uma vida bela, mas põem em prática o tipo de relação que almejam, relação consigo mesmo, com as outras pessoas e com o Planeta Terra. Sendo assim, é necessário considerar a si mesmo como possuidor de desejos, aspirações, sentimentos, considerar o outro como sendo um sujeito dotado desses mesmos desejos, aspirações, sentimentos, e considerar o Planeta Terra como detentor de direitos, entre eles, o de não ser devastado.

Foucault (2011) fala sobre a *parresía* dos cínicos, e sua vinculação com o modo de vida, pois não é apenas um modo de vida no qual se manifestam virtudes, mas um modo de vida que dá suporte a sua prática filosófica. As condições de possibilidade da fala franca nos cínicos são dadas a partir do modo de vida, da pobreza, do cajado, da errância, etc. Os cínicos:

[...] não se contentam portanto com acoplar ou fazer se corresponderem numa harmonia ou numa homofonia um tipo de discurso e uma vida conforme apenas aos princípios enunciados no discurso. O cinismo vincula o modo de vida e a verdade a um modo muito mais estrito, muito mais preciso. Ele faz da forma da existência uma condição essencial para o dizer-a-verdade. Ele faz da forma da existência a prática redutora que vai abrir espaço para o dizer-a-

⁷⁸ Nem todxs xs participantes são anarquistas, ainda que a maioria dxs participante se reivindique anarquista.

verdade. Ele faz enfim da forma da existência um modo de tornar visível, nos gestos, nos corpos, na maneira de se vestir, na maneira de se conduzir e de viver, a própria verdade. Em suma, o cinismo faz da vida, da existência, do *bíos* o que poderíamos chamar de uma aleturgia, uma manifestação da verdade. (FOUCAULT, 2011, p.150)

Relacionei o fato de os cínicos terem feito da própria vida uma manifestação da verdade a esta característica que perpassou, mais ou menos, os grupos sobre vivenciar os elementos de uma prática libertária e fazer da própria vida o lugar de práticas político-filosóficas em que acreditam. Em muitos momentos, escutei o quanto era difícil, por exemplo, o plantio contínuo de produtos orgânicos, ou o perigo de andar de bicicleta no trânsito, ou a manutenção da autonomia no trabalho sem tornar-se um produto cultural vendável... Essa luta por transformar-se e, ao mesmo tempo, resistir vivendo a partir de uma lógica mais libertária, exigiu um trabalho sobre si mesmo, o qual encontra suporte nas relações com outros grupos e pessoas e também com o próprio modo de vida. Assim como no modo de vida cínico, o modo como se vive alimenta o estilo de vida libertário e vice-versa. Na vida composta a partir de valores éticos, há uma compreensão de que a liberdade só é possível com outras pessoas, de forma geral, é possível dizer que o mais importante nesta estilística é de viver conforme “uma verdade”, ao menos aquela verdade que estabeleceram a partir de uma ética.

Durante o percurso, Rodrigo contou que tem momentos em que se sente muito “forte porque a gente sabe que tá mudando a nossa vida, as nossas relações, mas aí, às vezes, tu colocas um pé num outro mundo e vê tanta gente...” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Rodrigo não terminou a frase, mas o sentido era de que há muitas pessoas que não refletem ou não se importam em construir um mundo mais justo, com cuidados com os animais e com o meio ambiente, etc. Ele almeja a transformação do modo como aprendeu a viver, dessa forma, o convívio no Coletivo potencializa seu desejo de mudança, os sujeitos se constituem em grupo, na busca por viver conforme determinada ética, transformando a si mesmos na tentativa de transformar o mundo.

Foucault (2011) aponta o cinismo como uma maneira de ser, tendo uma história da Antiguidade até o presente. Os estudos sobre o tema na atualidade centram o problema do cinismo no individualismo, entretanto, a principal questão seria a relação existente entre “formas de existência e manifestação da verdade” (FOUCAULT 2011, p.158). O cinismo enquanto um modo de vida que expressa a

verdade esteve presente nos movimentos revolucionários durante o século XIX e ainda está presente nas práticas revolucionárias atuais, as quais Foucault (2011) denomina de “militantismo”, ou seja, a forma como a vida foi “definida, caracterizada, organizada regrada, a vida como atividade revolucionária, ou a atividade revolucionária como vida, podemos dizer que o militantismo, como vida revolucionária” (FOUCAULT, 2011, p.161). Esse militantismo se expressou, principalmente, de três formas: vida revolucionária enquanto “socialidade secreta” (clandestinidade, complôs, etc.), “organização visível” (sindicatos, movimentos sociais, grupos ativistas, partidos) e na forma de um “estilo da existência” (FOUCAULT, 2011, p.161).

O militantismo, enquanto estilo de existência, testemunho pela vida, se manifesta de forma visível e rompe com valores sociais vigentes evidenciando a possibilidade de viver uma outra vida, a vida verdadeira (FOUCAULT, 2011). Não poderia afirmar que xs participantes da pesquisa buscam viver uma vida verdadeira, pois não conversamos sobre isso. Penso que o mais adequado seria dizer que buscam viver uma vida condizente com seus valores éticos, pois não sei se acreditam que o seu modo de vida é o verdadeiro para todas as pessoas. Ao mesmo tempo, expuseram as dificuldades de, por exemplo, pôr em prática a autogestão, construindo relações mais horizontais no trabalho.

5.1.2 Busca por relações de proximidade

O segundo elemento da estilística que analisei é a busca por relações de proximidade, tanto com as pessoas quanto com aquilo que se consome, as quais foram expressas em diferentes falas, sobre diferentes assuntos. Generalizando, xs participantes fazem uma crítica à oposição feita entre produtxr e consumidxr e também ao fato de não produzirmos ou de não sabermos de onde vem e como foi produzida grande parte do que consumimos. Essas dualidades produzem e são produtos de uma grande impessoalidade nas relações, expressam o distanciamento entre oferecido pela produção em massa na sociedade capitalista.

Slater (2002) apresenta algumas características que a cultura do consumo assume na atualidade: apresentar universalidade e impessoalidade; ser uma cultura de consumo; ser uma sociedade de mercado; relacionar liberdade com escolhas de vida (escolha privada); identificar necessidades como sendo insaciáveis; meio de

reconhecimento (por identidade ou status) e ganha expressão no “moderno exercício do poder” (SLATER, 2002, p.38). Duas destas características, a do princípio da universalidade e da impessoalidade e o fato de ser uma sociedade de mercado, se relacionam com as críticas apresentadas pelos participantes quanto à impessoalidade na relação, seja com outras pessoas ou com aquilo que é produzido. Para Slater (2002), a cultura do consumo é, muitas vezes, identificada como a cultura de massa, porém:

[...] o consumo de massa é somente uma das manifestações de um princípio mais fundamental: a ideia de fabricar grandes quantidades de mercadorias para vender a um público genérico, em vez de fabricá-las para si, para um domicílio ou para a comunidade local, ou com base em uma encomenda pessoal. A ideia de vender um produto que não tenha sido feito sob medida para as necessidades de um indivíduo ou comunidade singular e conhecida, e sim para um indivíduo qualquer, de um lugar qualquer, pressupõe relações de trocas impessoais e generalizáveis como a base de mediação do consumo. (SLATER, 2002, p.34)

A cultura do consumo é uma especificidade dos modos de consumo desenvolvida na modernidade no Ocidente, ligada a valores que se materializam em práticas e instituições, e que ganha expressão pelo individualismo e por relações de mercado (SLATER, 2002). Entretanto, a cultura do consumo “não foi o único modo de reprodução cultural operante nos últimos trezentos anos, nem é o único que existe agora”, (SLATER, 2002, p.16), sendo apenas a expressão de uma forma dominante nos modos de consumir que surgiu no século XVIII e persiste até a atualidade (SLATER, 2002). Além disso, há transformações nesses modos de consumir que foram caracterizados de forma diferente por LIPOVETSKY (2007) e BAUMAN (2008).

Alguns elementos me chamaram a atenção no modo como trabalhavam os participantes da Pedal Express e da Cooperativa de Consumo. Na Pedal, havia uma busca por tratar as pessoas que faziam a encomenda de serviços de forma mais comprometida, tentando resolver a situação a qual se encarregaram de fazer, no caso, as entregas. Depois, nas reuniões, quando os participantes da Cooperativa de Consumo discutiram sobre a necessidade de aproximação entre os cooperativados e os assentados, bem como expressaram a importância de saber de onde vêm os

alimentos⁷⁹, o que me fez perceber a dimensão impessoal que o consumo toma na vida das pessoas. Alice, participante da Cooperativa de Consumo, lembrou-se de uma história que foi comentada em conversas coloquiais há algum tempo, na qual muitas crianças desconheceriam de onde vem o leite das caixinhas tetrapak⁸⁰. Um registro de M., minha colega pesquisadora, parece descrever bem essa situação:

Lembrando que o seu modo de vida não é da ordem da impessoalidade, pois sabem de onde vem o leite que tomam, da carne que comem. No supermercado ninguém sabe quem é o outro. É outra relação. É coisificar a pessoa em consumidor/a, o que é preciso é transformar o consumidor/a em pessoa. (DIÁRIO DE CAMPO de M., 27 de maio de 2014)

O Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra não tem como proposta viver com um consumo restrito, a partir de uma certa recusa ao consumismo, mas de fazer resistência a relações meramente mercantis, de buscar um modo mais solidário entre quem produz e quem compra seus produtos, divulgando a luta por reforma agrária. Desse modo, chamam as pessoas de cooperativadxs e não compradores, não promovem apenas a venda dos produtos da horta, mas muitos encontros com vídeo-debate, almoços em Porto Alegre e também visitas ao assentamento para falar sobre reforma agrária, soberania alimentar, alimentos orgânicos e vida no campo. Expressam que quem consome os produtos não está apenas comprando alimentos orgânicos, mas possibilitando que xs assentadxs possam viver no/do campo. Buscam construir uma relação de apoio mútuo e não uma relação mercantil, precisam vender o que produzem, e as pessoas que residem nas cidades precisam de alimentos. Lourdes comenta: “quero produzir uma verdura para uma pessoa e não para um consumidor” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 27 de maio de 2014). A Cooperativa buscou uma alternativa de renda para alguns assentadxs, mas, além disso, procurou refletir sobre o seu próprio fazer, conforme Diário de Campo de M., do dia 27 de maio de 2014:

Lembram que nem queriam usar no nome da Cooperativa a palavra consumo, mas foi ficando assim... Falaram que o seu foco não é o

⁷⁹ Xs participanes se lembram do leite que tem sido envenenado e vendido nos supermercados e valorizam o fato de saberem de onde vem a carne, que as hortaliças não tem veneno, etc.

⁸⁰ Fiz uma busca pelo Google e não consegui encontrar muitas informações sobre isso, a não ser em um site do Diário de Rio Doce, com a manchete “Crianças descobrem a origem do leite em projeto na Expoagro-Governador Valadares”. Esse projeto explica a cadeia produtiva da indústria do leite. Disponível em: <http://www.drd.com.br/news.asp?id=50089114233839511881>. Acesso em 18 fev. 2015.

consumo e sim a maneira de produzir. E também de buscar fazer reflexões sobre como vivem: o que é ser colono? Para ser colono ainda precisa ter uma junta de bois?

A busca por uma relação que não seja apenas a partir da dimensão produtor/a e consumidor/a também perpassa pela Pedal Express e o Coletivo Até o Talo. Em um dos registros do Diário de Campo, Ana, participante da Pedal Express, falou que, apesar de ter uma relação mais formal com empresas, xs messageirxs tentam tornar a relação um pouco menos impessoal, quando fazem uma entrega e não há ninguém para esperar, ligam para x cliente e perguntam o que fazer, se responsabilizando pelo que fazem. Um outro exemplo que percebi durante o acompanhamento na base de uma das casas é que a participante informou a um dos ciclistas que sua namorada, também mensageira, estava pelo centro, caso ele quisesse aguardar a próxima entrega em companhia dela. São pequenas gentilezas que transformam as relações.

O Coletivo Até o Talo também busca construir relações de maior proximidade, sem a dualidade comprador x consumidor, fazendo uma crítica de que a pessoa que compra um produto é olhada apenas a partir da dimensão do consumo no capitalismo. Para Letícia, participante do Coletivo Até o Talo: “o consumidor é um objeto, se toda pessoa passa ser um consumidor/a em potencial, deixa de ser apenas pessoa” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014). Rodrigo também questiona o modo como as pessoas estão deixando de aprender a fazer coisas simples para a sua sobrevivência no mundo, tais como cozinhar, plantar, costurar, ter conhecimento sobre ervas medicinais, etc.

Quanto ao Levanta Favela, a opção por fazer teatro de rua já xs coloca nesta situação de criticar as formas de arte que são inacessíveis à população em geral. Ao não se submeterem a certas relações mercantis, priorizaram a atuação e não a produção, preferem as ruas ao teatro fechado com um público privado. Em um dos encontros, contaram o quanto era importante justamente este olhar do público, esta relação que constroem e a possibilidade de levar o teatro a quem não poderia assistir (DIÁRIO DE CAMPO, 19 de junho de 2013). Não produzem um espetáculo para um/uma consumidor/a ou cliente, mas para uma pessoa a quem pretendem encantar, deixar perplexa, fazer questionar-se.

Vivemos numa sociedade em que quase tudo que se consome foi produzido para um mercado e vendido a consumidorxs (SLATER, 2002), desse modo, não

sabemos de onde vem a carne que consumimos ou o que há realmente no leite das caixas tetrapak. As relações de mercado são generalizantes, ainda que se tenha toda uma modificação nos modos de pensar esse mercado, pois o cliente não é uma pessoa conhecida, podendo ser pensada enquanto um objeto, “alvo de uma ofensiva de marketing, o perfil produzido por uma pesquisa de mercado, um mercado de massa ou um segmento de mercado” (SLATER, 2002, p.34).

Para Camila e Letícia, as relações atuais de consumo coisificam as pessoas, tornando as relações impessoais e possibilitando a banalização da violência contra a mulher, por exemplo. Para Letícia, estão “tornando as pessoas coisas, tu pode violentar elas então. É o que a mídia faz com a mulher” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014). Conforme esta participante, o modo como as mulheres aparecem na televisão é, muitas vezes, uma forma de consumo, “já que as mulheres são transformadas em objetos a serem consumidos pelos homens, as mulheres precisam ser bonitas para arrumar um cara rico que as banque e os caras precisam ser ricos...” (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de abril de 2014).

Outro exemplo gerado pela impessoalidade nas relações são os venenos colocados na alimentação. Quando há uma produção para um comprador desconhecido, “isso faz com que as pessoas não se importem umas com as outras. As pessoas não teriam coragem de fazer uma coisa envenenada para alguém que conhecessem” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de novembro de 2014). Para Letícia e Camila, pequenos produtores teriam a possibilidade de construir relações mais próximas entre produtorxs e consumidorxs. Ao nos aproximarmos mais de quem produz, podemos estar mais atentos inclusive às relações de trabalho precárias e/ou escravas, denunciando esse tipo de problema. Além disso, conforme Camila, quando compramos algo de um pequeno produtor, estamos ajudando a pessoa ou a família a se sustentar e, assim, diminuiremos os problemas relacionados ao transporte de produtos, reduzindo o uso de combustíveis – questão proposta pela Cooperativa de Consumo. Para Rodrigo, o consumo local acaba com o atravessador, “que é a pessoa que ganha sem produzir nada” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014).

A cultura de consumo instiga a ideia de que os produtos produzidos são para todxs (SLATER, 2002), porém, já sabemos que o acesso aos consumos é restrito a quem pode pagar. A propagação da ideia de que a cultura do consumo envolve todas as pessoas gera um entendimento de que há a democratização do consumo,

levando a crer que seja um “direito humano fundamental, consumir livremente e ter potencial técnico de consumir bem, que é dado pela modernidade: o direito e a capacidade de ser um consumidor é ideologicamente o direito inato do sujeito ocidental moderno” (SLATER, 2002, p.34). Essa ideia de que todos podem consumir se expande e gera a compreensão de que tudo pode ser consumido (SLATER, 2002).

Contudo, Letícia acredita que nem todos podem consumir, e a desigualdade social é o que mais lhe incomoda: “o capitalismo diz quem pode e quem não pode consumir. Se tem uma pessoa que está passando fome na frente do supermercado, o capitalismo nega a esta pessoa o direito de alimentar” (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de maio de 2014). No capitalismo, ao se gerenciar as vidas a partir da lógica das relações econômicas, é negado às pessoas os direitos mínimos de moradia, de alimentação, de saúde, etc,

5.2 Os Modos de Consumir como Expressão de uma Estilística da Existência

Os modos de consumir como expressão em relação às escolhas sobre como viver se evidenciam a partir das escolhas em relação aos equipamentos e materiais comprados para incrementar a produção artística, as bicicletas, as hortas, a cozinha do Até o Talo. Os tipos de materiais utilizados para as produções artísticas do Levanta Favela, por exemplo, são muito mais efeitos da busca por não se atrelarem a determinados tipos de financiamentos do que uma busca por consumir menos. Ao restringirem o orçamento, acabam tendo que buscar alternativas para a continuidade de seus trabalhos. Entretanto, não é possível afirmar que não gostam da estética produzida, pelo contrário, alguns/mas participantes expressaram gostar do modo como vivem, expressando um certo orgulho dessa situação em que necessitam de poucos recursos para fazer um espetáculo teatral. Fernando afirma que, mesmo que tivessem mais verba para comprar materiais, se preocupariam com o desperdício e com o cuidado com os materiais.

No caso da Pedal Express, quase todos os participantes tinham trabalhado em outros empregos nos quais ganhavam mais. A escolha de trabalhar na Pedal Express foi pelo modo como o trabalho se organizava, com exceção de um participante que não sabia muito bem da proposta no princípio, mas que afirmava ter

gostado muito. Paulo, o participante que foi um dos fundadores, deixou claro que era um trabalho interessante, mas que era um trabalho que sobrevivia a partir da ótica capitalista, trabalhavam por uma remuneração e o diferencial era a busca por relações horizontais na organização do trabalho dentro da cooperativa de ciclistas.

Na Cooperativa de Consumo, a busca não era apenas por vender mais produtos, mas por incluir famílias, fortalecendo o grupo. No Coletivo de Produção e Apoio Mútuo Mãos na Terra, além das hortas, fazem pães, massas, doces, queijos, etc. Lourdes contou que comprou um cilindro para fazer massa, e isso lhe poupou muito tempo de trabalho; ela gostava de planejar o próprio trabalho, sem ter que responder a um patrão. No assentamento, se tivessem mais dinheiro, comprariam mais equipamentos que melhorariam as condições de trabalho, mas optaram por não se atrelar a políticos ou a outras formas de sobrevivência que consideram amarras ao modo de vida, não apenas pela ótica da liberdade, ainda que também, mas por compreender que determinadas relações, como as com políticos, não os levariam a uma condição de vida melhor.

O Coletivo Até o Talo vivencia algo mais próximo do que eu pensava inicialmente como recusa ao consumismo e, talvez por isso, façam uma crítica ao modo de vida que não permite uma conciliação entre receber uma remuneração digna para a viver e maior tempo livre para viver e fazer outras atividades. Contaram que é preciso encontrar alguma atividade que permita uma vida digna e, ao mesmo tempo, possibilite fazer coisas que acham importante como as oficinas sobre alimentação vegana. Conforme Rodrigo:

A gente não tem tempo de desenvolver alguma coisa mais séria. A gente tá sempre correndo atrás do rabo para pagar as contas. No momento que a gente conseguir se organizar financeiramente e vender algumas coisas para outras pessoas, entrando em alguns nichos de mercado que nos dê mais dinheiro, a gente pode fazer aquilo que a gente mais gostaria que é dar as oficinas de graça. Sabe, a gente tá começando a pensar mais sobre isto e ser mais heterodoxo. A gente sempre foi heterodoxo. (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014)

As escolhas sobre como viver apareceram para esses grupos⁸¹, em primeiro

⁸¹ É preciso lembrar que de forma individual xs participantes não foram questionados, ainda que muitas respostas tenham sido dadas a partir da fala de uma pessoa no grupo e também a partir de suas próprias relações com os consumos. Dessa forma, não haverá um/uma participante que concorde com todas as ideias, com tudo que foi escrito, pois essa foi a forma como eu me apropriei daquilo que foi falado.

plano, se contrapondo à lógica de vida voltada para o consumo. Algumas autoras como Klein (2002) e Fontenelle (2005) evidenciam as investidas do marketing sobre os sujeitos consumidores, na tentativa de vender, não apenas produtos, mas modos de vida. Nesse estudo, observamos que tal lógica não se afirma de modo totalizante, pois há outras possibilidades, outros caminhos para seguir.

Conforme Klein (2002), junto com o processo de fabricação de produtos em massa, surgiu também a necessidade do marketing baseado nas marcas, para diferenciar os produtos e torná-los competitivos, “o papel da publicidade mudou, passando do fornecimento de informes sobre produtos para a construção de uma imagem em torno de uma variedade identificada de um produto” (KLEIN, 2002, p.30). Entretanto, diferenças significativas aconteceram em meados dos anos de 1980, quando as grandes corporações passaram a modificar sua produção para obter mais sucesso, valorizando e investindo em marcas, e deixaram para segundo plano a produção de bens (KLEIN, 2002). Um modo mais lucrativo entra em vigor, fazendo com que as empresas diminuíssem o número de seus funcionários e investissem mais na sua imagem, para Klein (2002, p.28), nesse período:

[...] um novo tipo de corporação começou a disputar mercado com os fabricantes americanos tradicionais; eram as Nikes e Microsofts, e mais recentemente, as Tommy Hilfigers e as Intels. Esses pioneiros declararam audaciosamente que produzir bens era apenas um aspecto incidental de suas operações e que, graças às recentes vitórias na liberalização do comércio e na reforma das leis trabalhistas, seus produtos podiam ser feitos para eles por terceiros, muitos no exterior. O que essas empresas produziam principalmente não eram coisas, diziam eles, mas *imagens* de suas marcas. Seu verdadeiro trabalho não estava na fabricação, mas no marketing.

Sendo assim, uma possibilidade de compreender o marketing é a partir dessa lógica em que determinadas marcas buscam produzir efeitos nos sujeitos, tonando-se central na manutenção do capitalismo contemporâneo. Fontenelle (2005) aponta que o marketing ganhou “destaque justamente quando a cultura assume o lugar de principal mercadoria do capitalismo contemporâneo” (FONTELLE, 2005, p.65). Ao estudar a pesquisa enquanto um instrumento do marketing, Fontenelle (2005, p.65) constatou que, nas primeiras décadas do século XX, as pesquisas “estiveram voltadas para entender o consumidor”, para compreender e atender o consumidor real, o qual as teorias econômicas não davam conta mais de explicar. O marketing

se tornou uma ferramenta preciosa para pensar a subjetividade contemporânea, bem como as transformações culturais que têm acontecido na sociedade:

De um lado, podemos então tomar o marketing como sintoma de uma realidade social mais ampla, marcada pela aceleração do tempo, pela desterritorialização, pela conseqüente implosão de todas as suas formas produzidas, resultando naquilo que Bauman⁸² (2001) chamou tão apropriadamente de “modernidade líquida”. Mas de outro, o marketing também pode ser acusado de protagonista do processo, ao buscar – mediante o uso de uma de suas ferramentas, a pesquisa – captar o “sujeito do inconsciente”, seus desejos e paixões mais profundos, e por meio de uma outra ferramenta (a publicidade), devolver esses desejos e paixões “reais” mediante a forma de fetiche. (FONTENELLE, 2005, p.65)

Fontenelle (2005) aponta para o fato de haver uma nova forma de capitalismo, cuja questão principal é “veicular não mais o produto, mas a experiência a ele atrelada – requer uma nova forma de relacionamento com o cliente, uma nova forma de trabalhar, e também formas novas de trabalho nas quais o próprio consumidor torna-se trabalhador e produtor de valor” (FONTENELLE, 2005, p.73). A ideia de acesso a uma experiência a partir da venda de serviços, desvinculando o consumo da relação com a propriedade certamente evidencia transformações na sociedade e a uma “nova etapa no capitalismo comercial, na qual a mercadoria torna-se, de fato, desnecessária” (FONTENELLE, 2005, p.77). O consumo enquanto experiência não é algo novo, mas pode ser tomado como novidade no sentido de ter se expandido para outras áreas além do entretenimento (FONTENELLE, 2005).

Para Klein (2002), aconteceram transformações nas estratégias de marketing, por meio de patrocínios a eventos comunitários, shows de músicas, teatros e, na metade dos anos de 1990, as empresas estavam interessadas em projetar no âmbito da cultura extensões de suas marcas, a partir de ideias e imagens. Essas transformações só foram possíveis devido às políticas de privatizações, corte de gastos públicos, redução de impostos para as grandes corporações (e a diminuição na arrecadação por parte dos governos) – perda de direitos que, segundo Klein (2002), vinham acontecendo nas últimas décadas em países como Canadá, Grã-Bretanha e, mais tarde, em grande parte do mundo. Esses cortes com gastos públicos fizeram com que muitos eventos passassem a acontecer com patrocínio

⁸² Fontenelle (2005) se referiu ao livro de Bauman, *Modernidade Líquida* (2001). Rio de Janeiro: Jorje Zahar.

empresarial, inclusive, privatizando espaços públicos, como foi o caso relatado sobre o auditório Araújo Vianna e o Largo Glênio Peres.

A partir dos estudos de Klein (2002), é possível entender como acontece a relação entre as grandes corporações e tudo aquilo que chamamos de público. Para Klein (2002), as grandes corporações, por volta dos anos de 1980, não estavam interessadas apenas em exibir sua marca e, assim, começaram a produzir eventos, comprando estabelecimentos, criando seus próprios espaços. Dessa forma, o marketing passou a ser não aquilo que acontecia no intervalo de um evento, mas o evento em si. Um exemplo disso foi o lançamento de uma propaganda da GAP⁸³, na qual o músico Rufus Wainwright teve suas vendas aumentadas após esta parceria e não o contrário (KLEIN, 2002). Assistir a determinado show, vestir determinada marca de roupa, acessar determinados serviços já não evidenciam apenas uma possibilidade econômica, mas um estilo de vida, afinal, quando uma pessoa veste uma roupa da Benetton⁸⁴, ela veste também a imagem construída pela marca que está estampada em suas propagandas, por outro lado, não é uma relação de “mão única”, a imagem construída também se constitui a partir de quem veste determinada marca.

A relação entre patrocinador e patrocinado também não acontece de modo dicotomizado, uma marca pode patrocinar um grande esportista, tornando-o seu símbolo, mas um grande esportista também pode construir uma marca e vender seus produtos, pois, “embora hoje as Spice Girls façam anúncios da Pepsi, elas poderão muito bem lançar sua própria Spice Cola amanhã” (KLEIN, 2002, p. 85). O *branding*⁸⁵, enquanto estratégia de marketing na qual é possível envolver uma série de produtos, criando um estilo, uma imagem da empresa e não apenas a venda de um determinado produto, tem invadido o espaço da música, dos esportes, mas também da mídia, da paisagem urbana, estando presente até mesmo nas escolas e universidades (KLEIN, 2002).

Apesar de o marketing ter invadido espaços como a cultura e os esportes, não é possível afirmar que os consumidores vivem um modo de dominação na qual não há liberdade alguma, sendo obrigados a consumir e descartar tudo o que

⁸³ Uma grife de roupas que entrou no processo de *branding*.

⁸⁴ Empresa transnacional ligada à moda jovem, com origem na Itália e responsável por campanhas publicitárias polêmicas, conforme informações disponíveis em: [_](#) Acesso em 17 mar. 2015.

⁸⁵ É a gestão da marca, se caracteriza como uma atividade multidisciplinar para pensar como fortalecer determinada marca e “envolve, essencialmente, disciplinas como marketing, planejamento, comunicação e design”. Informações encontradas no site: [_](#) Acesso em 02 jun. 2015.

consomem com a mesma intensidade e velocidade. Para Foucault (1995, p.242), o poder existe apenas “em ato”, uma “ação” que encontra destino em outra “ação”, não incidindo diretamente sobre o outro. As relações de poder se caracterizam a partir da ideia de que “o outro’ (aquele sobre o qual elas se exercem) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis” (FOUCAULT, 1995, p.243). Podemos entender a relação dx consumidor/a com o consumo como algo que acontece em liberdade, mas num jogo no qual um/uma conduz o outro/outra para determinado tipo de conduta, não é uma coação. O consentimento (das pessoas) e a violência (contra elas), para Foucault (FOUCAULT, 1995, p.243) não compõem a “natureza” ou “princípio” do poder, sendo mais “instrumentos ou efeitos” de poder. Para Velloso Rocha (2005, P.118), “*qualquer coisa* pode ser convertida ao serviço dos bens e transformada em mercadoria, ou seja, produzida, distribuída e consumida”, dessa forma, podemos pensar que não haveria uma indução ao consumo, como muitas vezes se supõe, mas a propagação de uma lógica que não utiliza a violência para convencer e nem precisa de consentimento para agir.

Ao problematizar sobre os consumos, penso que há transformações nos modos de consumir, mas que essas transformações não se expandiram a ponto de dizer que somos apenas consumidores, não são totalizantes, pois é possível perceber outros modos de vida mais preocupados com o mundo em que vivemos. Ao afirmar que os modos de consumir são expressões sobre as escolhas de vida, estamos evidenciando que, ainda que possa existir x “consumidor/a fantoche”, há outras possibilidades de relação, como Camila (do Até o Talo) afirmou, é uma luta que se trava consigo mesma para desconstruir o modo de se relacionar com os consumos. Essa lógica de transformar tudo em produto, transformar todas as relações em relações mercantis incide de maneira muito forte sobre os sujeitos. Para Slater (2002), as relações mercantis fazem parte da cultura do consumo, que, como Bauman (2008) já demonstrou, se expandiram para outros setores da vida, como em nossas relações afetivas. Slater (2002) assume uma postura menos totalizante, apesar de não negar a mercantilização das relações.

Porém, pensar os consumos enquanto expressões de escolhas a respeito do modo de vida levou ao questionamento sobre o que é necessário e o que supérfluo em relação ao consumo, pois outro efeito das escolhas sobre o modo de vida dxs

participantes foi uma relação mais precária com os equipamentos de trabalho e/ou condições de trabalho. Esse tipo de questionamento se fez presente no Coletivo Até o Talo e também na Pedal Express. Uma forma de refletir utilizada pelos participantes é a de analisar a relação custo-benefício para cada um/uma. O Coletivo Até o Talo conta que, quando compraram um fogão de seis bocas, o processo de trabalho se tornou mais rápido, para o Coletivo, conforme Diário de Campo de M. do dia 27 de maio de 2014:

A reflexão entre a necessidade e a relação com o consumo sempre está presente. Reconhecendo que a mudança não é só de consumo, e sim com a relação com a comida, com o tempo, com a cultura. E que a compra de um fogão de 6 bocas é avaliada pela sua necessidade e seu potencial de transformação para o coletivo.

Xs participantes da Pedal Express também fizeram essa discussão sobre a necessidade de comprar algo. No segundo encontro com o grupo para discussão da pergunta da pesquisa, um dos participantes falou sobre comprar peças para a bicicleta. Uma reflexão que fazem é a respeito da difícil tarefa de separar o que seria necessário e algo “que se assemelha a um consumo desnecessário, principalmente no que diz respeito às coisas da bicicleta, pois, muitas vezes ficam fazendo esta 'conta', tal coisa é importante para pedalar, mas o que se tem já está bom, então, fica difícil de saber” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de abril de 2014).

É importante destacar a dificuldade em teorizar sobre o que é necessário, já que há uma constante produção de desejos na sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008). O consumismo não relaciona felicidade à satisfação daquilo que poderia ser considerado necessário, “mas a um *volume e a uma intensidade de desejos sempre crescentes*, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la” (BAUMAN, 2008, p.44). Portanto, podemos pensar sim numa produção de “necessidades”. Para Ana, as necessidades são inventadas, pois há poucos anos não existia o celular, sendo possível sair às ruas sem que alguém tivesse a necessidade de te encontrar com urgência, entretanto, “agora tu tens que estar disponível o tempo todo” (DIÁRIO DE CAMPO, 27 de maio de 2014).

Para Slater (2002), conforme já descrevi no subcapítulo anterior, é uma característica da cultura de consumo a produção de necessidades insaciáveis e ilimitadas a partir da produção de desejos. Essa formulação sobre a necessidade

insaciável:

[...] está intimamente ligada às noções de modernização cultural: a grande produtividade da indústria moderna é considerada por muitos uma reação e um incentivo à capacidade dos desejos das pessoas se tornarem cada vez mais sofisticados, refinados, imaginativos e pessoais, assim como à aspiração de ascender social e economicamente. (...) essas capacidades podem ser anunciadas tanto como um grande avanço da civilização humana, quanto como o começo do fim. Por outro lado, a maioria aceita que uma sociedade comercial depende sistematicamente de necessidades insaciáveis [...]. (SLATER, 2002, p.36)

Esses desejos produzidos são efêmeros e ilimitados, em harmonia com a aquisição de produtos para consumos instantâneos, bem como descarte acelerado (BAUMAN, 2008). O consumismo produziu outro sentido ao tempo, o qual, na sociedade de consumidores, se manifesta pelas descontinuidades, nem cíclico, nem linear e sim marcado por rupturas (BAUMAN, 2008). Porém, o questionamento sobre o tempo apareceu na fala dxs participantes, mas quanto ao questionamento sobre os valores que o tempo adquire e a precarização do trabalho.

Seguindo dentro de uma lógica mais radical sobre o que é necessário, é possível chegar a outro desdobramento dessa problematização que dispensaria determinadas prestações de serviços. Alguns/mas participantes da Pedal Express colocam que seus serviços seriam desnecessários caso cada pessoa levasse suas entregas. Assim a prestação de serviços só faria sentido quando fosse para fazer algo que a pessoa não sabe fazer. João e Paulo falaram sobre isso em momentos diferentes, que a prestação de serviço acaba reproduzindo a lógica da exploração dx trabalhador/a. Por exemplo, se uma pessoa recebe um valor x por hora trabalhada e precisa fazer um serviço de entrega que pode ser terceirizado, ela vai optar por “poupar” seu tempo solicitando o serviço de entrega, que, de maneira geral, é menos valorizado. O Coletivo Até o Talo também apontou sobre a lógica de comprar comida pronta em vez de fazer, acreditam que, se as pessoas não precisassem de seus serviços, elxs poderiam fazer outras coisas, se dedicar a outro trabalho.

Qual o valor do tempo de cada pessoa no mundo do trabalho? Algumas pessoas recebem mais pelo seu trabalho e por isto, preferem terceirizar certas atividades em que estariam “perdendo tempo” de ganhar dinheiro. Mas também podemos pensar a partir da perspectiva simplesmente de pessoas que não gostam

de fazer determinados serviços e contratam alguém para fazer, sem necessariamente precisar “ganhar” tempo e/ou dinheiro com isso. Ademais, alguém pode não ter condições de fazer o serviço, seja por falta de capacidade ou por outra impossibilidade. De qualquer forma, a lógica da terceirização é a da precarização de serviços tendo em vista que o objetivo é diminuir custos.

Mais do que uma crítica à sociedade de consumo, xs participantes da pesquisa buscam a possibilidade de viver uma vida em condições dignas, a partir de suas aspirações éticas, com a chance de propagandear suas críticas e seus anseios sobre/para o mundo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o último encontro, Fernando comentou: “Eu quero ganhar mais dinheiro, adoro churrasco, adoro dirigir automóveis. E não vejo isso como simples consumo, e sim a relação que eu tenho com o consumo” (DIÁRIO DE CAMPO de M., 27 de maio de 2015). Acho que a questão da pesquisa enquanto recusa ao consumismo permaneceu para algumas pessoas até o final, ainda que ela tenha mudado que me fez pensar sobre o aprendizado que temos sobre como a ciência é feita: uma(s) pergunta(s) que tem uma(s) resposta(s). Ao fazer a pesquisa cartográfica, acompanhando processos, a pergunta inicial pode ser modificada e, dessa forma, foi possível traçar metas durante o caminho, um *hódos-metá*, com paradas e desvios (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2012). Entretanto, ao analisar o material de pesquisa, senti falta de uma metodologia mais estruturada. Foi necessário um grande exercício reflexivo sobre as cem páginas de Diário de Campo, além disso, outro desafio metodológico foi a dificuldade de “traduzir” a linguagem acadêmica encontrada nos artigos e livros sobre a cartografia para uma escrita que possa ser lida pelos participantes da pesquisa não iniciados nessa linguagem. Quando me proponho a produzir um estudo em coautoria com xs participantes da pesquisa, preciso também escrever em uma linguagem acessível para que todos possam compartilhar da leitura e, até mesmo, para que possam se contrapor, concordar ou discordar, acrescentar algo na escrita.

A partir da fala de Fernando, pensei também no que a Livia Barbosa (2010) chamou de moralização do consumo e o quanto essa pesquisa começou a ser pensada dentro dessa lógica, ou seja, na busca por estratégias de recusa ao consumismo. Segundo Barbosa (2010), há poucos estudos sobre o consumo no Brasil. Em uma pesquisa realizada em dois centros de pós-graduação com mais de 20 anos de existência, o Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ) e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museu Nacional), as pesquisadoras Livia

Barbosa e Laura Gomes constatarem que o tema do consumo ou da sociedade de consumo aparece em pouquíssimas teses. Barbosa (2010) acredita que o assunto é enfatizado sempre circundado de atravessamentos morais, o que impossibilitaria o maior aprofundamento nos estudos.

[...] no Brasil, o consumo serve muito mais para marcar perdas e ausências do que para enfatizar ganhos e mudanças positivas em termos de mobilidade social, aquisição de status e prestígio dos grupos sociais e de melhora nos padrões de vida. Nesses casos, o consumo se torna invisível e, portanto, explicitá-lo se torna moralmente condenável. (BARBOSA, 2010, p.62)

O exato significado da pouca pesquisa sobre o assunto é difícil de expressar, o fato é que não apenas no meio acadêmico esse assunto é pouco difundido, mas também na militância política feita por movimentos sociais e grupos ativistas no Brasil. Discussões e reivindicações sobre práticas de consumo não se apresentam como pauta política principal, mas há questionamentos em relação à alimentação, como no caso do MST⁸⁶, ao fazer denúncias e esclarecimentos sobre consumo de alimentos transgênicos e a utilização de agrotóxico, mesmo que a principal pauta do movimento seja a reforma agrária. É possível observar em grupos menores o tema do consumo como pauta principal. É o caso de coletivos punks, por exemplo, que questionam o modo de vida no capitalismo e o modo como as pessoas moram, como se transportam, do que se alimentam, como se conduzem em suas relações afetivas e etc. Entretanto, suas reivindicações permanecem com pouca visibilidade.

De qualquer forma, quando se inicia algum tipo de militância em um grupo sobre qualquer causa, curiosamente, as problematizações sobre o como se conduzir passam por algum questionamento sobre os modos de consumir, questionamentos que passarão por algum tipo de moralização em relação ao consumo. Aponto como uma observação que, de forma muito geral, há uma problematização sobre um padrão de consumo que seria mais burguês e um que seria mais popular em movimentos populares. Contudo, outros tipos de engajamento político também geram problematizações sobre consumos, por exemplo, entre xs defensorxs de animais que questionam a venda de animais de estimação, a castração de animais, etc. terão relações distintas com o consumo. Quando as pessoas se engajam em

⁸⁶ O MST do Rio Grande do Sul, através das jornadas de lutas das mulheres, reivindica o 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, como um dia de lutas.

alguma atividade mais coletiva, problematizam seus modos de viver, e as problematizações passam pelos modos de consumir em alguma dimensão.

Inicialmente, eu havia ficado muito inquietada com a discussão sobre a sociedade de consumo, se viveríamos uma sociedade ou uma cultura de consumo, mas nunca pensei em “responder” a essa questão, apenas me pareceu interessante pensar a dimensão que o consumo pode tomar na sociedade e na vida das pessoas. Ao acompanhar xs participantes, foi possível constatar que o modo como se relacionavam com os consumos expressavam estilos de vida, e não a incorporação de um modo de consumir considerado “comum” socialmente. É importante lembrar que xs participantes consumiriam outros objetos (principalmente equipamentos para melhorar o trabalho) caso tivessem uma renda maior.

A partir do campo empírico, o que observei foram pessoas fazendo um trabalho consigo mesmas para viverem conforme seus valores éticos com inspiração libertária. Por outro lado, também é importante refletir se estamos, ou não, vivendo um momento histórico em que as tradições já não fazem mais sentido e o que temos é um sujeito que constitui a si mesmo a partir de relações de consumo. Conforme Velloso Rocha (2005, p.120-121):

Desprovido do lugar e da consistência que lhe eram atribuídos pela tradição, o homem se reduz a um perfil do consumidor: somos exatamente o que consumimos; somos *na medida* em que consumimos. O efeito do consumo não é o de nos afastar de um eu autêntico ou essencial, que, de um ponto de vista filosófico, não passa de ficção, mas de substituir o papel das instituições que, em uma sociedade tradicional, determinam o lugar do sujeito e respondem por sua identidade. O que distingue o consumo como forma contemporânea de produção de identidade em relação a outras modalidades (pré-modernas) de subjetivação não é seu caráter falso ou inautêntico, mas precisamente o seu caráter *livre*.

A partir do percurso de pesquisa não é possível afirmar que “somos o que consumimos”, ainda que exista uma propagação do consumismo conforme Bauman (2008), pois foi possível perceber pessoas produzindo a si mesmas a partir de valores morais e éticos. Entretanto, é necessário observarmos e agirmos com cautela para não sermos engolidos por esse mundo possível que Velloso Rocha (2005) nos aponta. Entre os grupos participantes da pesquisa, havia preocupações com o mundo em que vivem, com as gerações futuras, preocupação em deixar sementes, flores e frutos no mundo para xs que virão nascer. Tais preocupações passavam por

não mercantilizar os modos de relacionarem-se com outras pessoas e com a Terra. Vivemos um mundo em que a noção de identidade é marcada pelo consumo, dessa forma, para Velloso Rocha (2005), ideias como resistência e contestação não fariam sentido no contexto da pós-modernidade. Mas como explicar as *Madres de La Plaza de Mayo*⁸⁷, por exemplo, a partir dessas afirmações?

Conforme Ana, participante da Pedal Express, “tudo pode ser cooptado pelo capitalismo”, mas há outros pontos de vista para serem pensados. Não poderia afirmar que todas as relações são permeadas por relações mercantis, acredito que, quando estudamos políticas públicas, vemos governo por toda parte; quando estudamos educação, vemos disciplina por toda parte; quando estudamos consumo, acabamos vendo consumo por toda parte. No entanto, há algo que nos move enquanto seres humanos, uma mistura de muitos sentimentos, não podemos reduzir tudo à lógica mercantil. Sentimentos como indignação com as injustiças, compaixão pelas que sofrem, vontade de ver as coisas belas se sobressaindo num mundo cheio de injustiças não me parecem se inscreverem nessa lógica.

Ao final deste estudo, refletindo sobre os modos como cada grupo se relacionava com os consumos, foi possível pensar que os modos de consumir também são expressões de certas formas de poder que incidem sobre os sujeitos no modo de vida capitalista. Ao analisar como os grupos com estilos de vida e trabalho alternativos a estilos de vida massificados se relacionam com os consumos, é possível pensar as relações de poder por meio do antagonismo das estratégias (FOUCAULT, 1995). Quando o Levanta Favela se opõe a tornar-se uma mercadoria vendável; quando a Pedal Express faz várias considerações sobre o uso da bicicleta; quando a Cooperativa de Consumo propõe solidariedade e apoio mútuo nas relações, propõe a cooperação, se opondo à lógica empresarial/concorrencial; quando o Coletivo Até o Talo questiona a individualização das responsabilidades sobre os problemas ambientais, pois, ao “individualizar a culpa”, se individualiza as “soluções”, permanecendo na lógica de um mundo composto por indivíduos, evidenciam a necessidade de pensar o que seria fazer resistência num mundo onde tudo pode ser cooptado. Estes já são apontamentos para um outro estudo mais

⁸⁷ Mães e avós de desaparecidos na Argentina durante o golpe militar de 1976. Elas começaram a marchar na Plaza de Mayo em 30 de abril de 1977, exigindo que o governo explicasse o que aconteceu com as pessoas desaparecidas. Informações disponíveis em: <https://casadamericalatina.wordpress.com/2012/03/16/la-historia-de-las-madres-de-plaza-de-mayo>. Acesso em 25 mai. 2015.

aprofundando sobre o antagonismo das estratégias em relação ao consumo. Para estudar o poder, Foucault (1995) analisou as formas de resistência aos modos de dominação e desta forma, foi possível perceber como o poder incide nos sujeitos, que seria o antagonismo das estratégias.

Ao refletir a fala de João sobre o uso da bicicleta ser, ou não, considerado um ato de resistência, dependendo do contexto, do lugar, da relação com aquilo que se quer contestar, podemos pensar que não é uma ação/atitude em si que será resistente ou não ao capitalismo. Não será fazendo recusa ao consumismo simplesmente que se resistirá aos modos de vida capitalista, pois como pensar a recusa ao consumismo de uma pessoa que nunca teve acesso a determinados consumos? Muitas vezes, xs militantes do mais diversos grupos e ideologias acabam centrando suas preocupações nas ações, nos atos, nas atitudes, nas práticas de liberação (FOUCAULT, p.2004), deixando de pensar estratégias de resistência em relação às lógicas de funcionamento neoliberais.

Hur (2013) explica a lógica de funcionamento do pensamento no modo de vida capitalista, a partir da ideia de uma matriz axiomática, regida por princípios empresariais, lógica concorrencial, comercial, hierarquizada, escrita por Deleuze & Guattari. Essa lógica de funcionamento nos subjetiva como uma matriz. Relacionei isso às formas de resistência, que seriam a busca por relações mais horizontais, solidária, menos impessoal – questões problematizada pelxs participantes⁸⁸ –, numa busca que não é solitária, mas coletiva, e que a condição para ser livre é justamente a liberdade dxs outrxs ao nosso redor (BAKUNIN, 2002).

Sendo assim, pensar os consumos como expressões de escolhas em relação ao viver é refletir sobre a política, pois as escolhas dxs participantes não foram feitas a partir de um referencial religioso ou filosófico, mas sim político. Pensar o *bios politikos*, conforme Arendt (2007), o agir e o falar uns com os outros, é pensar a liberdade, mas não em isolamento e sim em coletivo.

Segundo Arendt (2007), para Aristóteles⁸⁹, a ação e o discurso eram as únicas atividades políticas que compunham o *bios politikos*, ligado à vida pública nas

⁸⁸ Podemos pensar que xs participantes não suportam o modo de vida que levam por uma vida inteira, porque as mudanças fazem parte da vida. Não saberia dizer se xs assentadxs plantarão produtos orgânicos até o final de suas vidas. Este estudo mostrou que hoje isso é importante, eles lutam pela reforma agrária e pela produção de alimentos saudáveis, propagando ideias e ocupando latifúndios.

⁸⁹ Segundo Hannah Arendt (2007), a *bios politikos* de Aristóteles não se inclui nas atividades que servem para suprir as necessidades da vida, pois tem a ver com atividades de liberdade e autonomia

idades-estados gregas, atividade que se diferenciava da vida privada, a qual era aquela que acontecia na privatividade do mundo. O *bios politikos* se distinguia de toda a atividade que se destinava ao sustento da vida⁹⁰, de tal modo, a ação e o discurso se encontravam no topo da hierarquia das capacidades humanas (ARENDDT, 2007). Nesse período, Aristóteles expressava não uma opinião pessoal, mas uma opinião comum para a época ao colocar a política como uma atividade humana, “tão distinta do divino que pode existir apenas para si em plena liberdade e independência, e do animal cujo estar junto, onde existe, é uma forma da vida em sua necessidade” (ARENDDT, 2009, p.47). A política é uma atividade da polis e não se encontrava por toda a parte, mas apenas na Grécia e em determinado tempo, não se caracterizando como algo “natural” e tendo como principal distinção em relação a outras atividades humanas a liberdade como condição para existir. Problematizar a política é problematizar a liberdade, “ser-livre e viver- numa-pólis, eram, num certo sentido, a mesma e única coisa”. (ARENDDT, 2009, p.47). Segundo Arendt (2009, p.60):

Essa liberdade de movimento, seja a liberdade de ir em frente e começar algo novo e inaudito, seja a liberdade de se relacionar com muitos conversando e tomar conhecimento de muitas coisas que, em sua totalidade, são o mundo em dado momento, não era nem é, de maneira alguma, o objetivo da política – aquilo que seria alcançável por meios políticos; é muito mais o conteúdo e sentido original da própria coisa política. Neste sentido, política e liberdade são idênticas e sempre onde não existe essa espécie de liberdade, tampouco existe o espaço político no verdadeiro sentido.

Arendt (2009, p.45) aponta que a política, “assim como aprendemos”, tem como finalidade e meta a ser cumprida assegurar a vida num sentido amplo, diferenciando-se do modo grego de compreendê-la, pois a liberdade era condição para a política, que só acontecia entre iguais⁹¹. O agir, no sentido político, “jamais pode realizar-se em isolamento, porquanto aquele que começa alguma coisa só pode levá-la a cabo se ganhar outros que o ajudem” (ARENDDT, 2009, p.58).

Para xs participantes, a política e o trabalho são atividades ligadas, não se

da *polis* grega, diferentemente do modo como foi utilizado este conceito no período medieval.

⁹⁰ Na perspectiva do *homo faber* e do *animal laborans*, as atividades públicas seriam avaliadas “pelo critério de utilidade para fins supostamente mais nobres: no caso do *homo faber*, tornar o mundo mais útil e belo; no caso do *animal laborans*, tornar a vida mais fácil e longa” (ARENDDT, 2007, p.220) e não pelo critério da ação e do discurso.

⁹¹ Excluindo todos os escravos, bárbaros e “reinos de governos despóticos” (ARENDDT, 2009, p.47).

separam, lutar pela sobrevivência é fazer política. A relação com os gregos acontece ao pensar a liberdade como condição para a política e o agir político que acontece em conjunto com outras pessoas. O modo como xs participantes se relacionam com os consumos expressam seus entendimentos políticos e a compreensão de que é necessário viver coletivamente para mudar o mundo e para modificar-se em suas relações com o mundo.

Para finalizar, como extensões desse estudo, pretendo fazer mais um encontro com xs participantes da pesquisa e conversar sobre a escrita final da tese, ouvir suas opiniões sobre o que leram da escrita e incluir suas observações. Também gostaria de conversar com xs participantes sobre a possibilidade de fazer alguma atividade para falar sobre a pesquisa, prolongando os processos de coautoria e criando práticas mais livres também no campo da pesquisa⁹².

⁹² Após a defesa da tese, entrei em contato com os grupos, o Coletivo Até o Talo e xs participantes da Pedal expressaram que a tese poderia ser publicada assim como estava, não necessitando de mais um encontro. A Cooperativa de Consumo agendou um encontro no qual fizeram algumas colocações de modificação que já incluí na última versão da tese. O Levanta Favela ficou de agendar um momento com o grupo que não foi possível antes da entrega da tese.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 131-149.

ARENDDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)**. Tradução Denise Bottman; organização, introdução e notas Jerome Kohn. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Hannah Arendt: O que é a política?** Editoria, Ursula Ludz, tradução de Reinaldo Guarany. – 8ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BAKUNIN, Michael A., 1814-1876. **Textos anarquistas/Michael Alexandrovich Bakunin**; seleção e notas de Daniel Guérin. Porto Alegre: L & PM, 2002.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ESCÓSSIA, Liliana; SILVIA, Tedesco. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 92-108.

FONTENELLE, Isleide Arruda. O trabalho da ilusão: produção, consumo e subjetividade na sociedade contemporânea. In: **INTERAÇÕES**. Vol. X, nº 19. Jan.-jun. 2005. p. 63-86.

_____. O fetiche do eu autônomo: consumo responsável, excesso e redenção como mercadoria. In: **Psicologia & Sociedade**; vol. 22, n.2, p. 215-224, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.

_____. **O nascimento da biopolítica**. Curso do Collège de France (1978-1979), São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção tópicos).

_____. **Foucault: Ética, sexualidade e Política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**: curso no Collège de France (1983-1984), São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Obras de Michel Foucault).

GUARESCHI, Pedrinho. Relações comunitárias – Relações de dominação. In: / CAMPOS, Regina Helena Freitas. (Org.) **Psicologia Social comunitária: Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 81-99.

HESS, Remi; WEIGAND, Gabriele. A escrita implicada. In: **Revista Reflexões e Debates**, Universidade Metodista de São Paulo, abril 2006, S. p. 14-25.

HUR, Domênico Uhng. Da biopolítica à noopolítica: contribuições de Deleuze. In: **Lugar Comum**, n 40, 2013.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da**

cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: **Fractal**, Rev. Psicol., v. 25, n. 2, Maio/Ago. 2013. p. 263-280. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em 20 mai. 2015.

KLEIN, Naomi. **Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**, Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAZZARATO, Maurizio. **Políticas del acontecimiento**. Buenos Aires, Argentina: Tinta Limón ediciones, 2006.

_____. **Signos, Máquinas, subjetividade**. 1 ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES DE BARROS, Regina. A Construção do Plano da Clínica e o Conceito de Transdisciplinaridade. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 16, n. 1, jan./abr. 2000. p. 71-79. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000100010. Acesso em 10 jun. 2016.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES DE BARROS, Regina. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.17-31.

_____. Por uma política da narratividade In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 150-171.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 109-130.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. In: **Fractal**, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, Maio/Ago. 2013. p. 391-414. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1117>. Acesso em: 10 jun. 2016.

POZZANA, L..A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: **Fractal**, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, Maio/Ago. 2013. p. 323-338. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000200007 . Acesso em 20 de mai. 2015.

POZZANA DE BARROS, L.aura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.

RENAULT DE BARROS, Letícia Maria; BARROS DE BARROS, Maria Elizabeth. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: **Fractal**, Rev. Psicol., v. 25, n. 2, Maio/Ago. 2013. p. 373-390. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200010&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em 20 de mai. 2015.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. In: **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, vol.23, n.4, 2003. p. 64-73. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922012000100010&lang=pt. Acesso em 22 jan. 2013.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**; tradução de Dinah de Abreu Azevedo, São Paulo: Nobel, 2002.

TASCHNER, Gisela Black. **A revolução do consumidor**. Relatório Nº 34/1997. Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas.

NPP – Núcleo de Pesquisas e Publicações. Série Relatórios de Pesquisa.

THOUREAU, Henry David. **Andar a pé**. [S. l.]: eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/andarape.pdf> . Acesso em 6 fev. 2013.

VELLOSO ROCHA, Silvia Pimenta. O homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, Vol. 2, n.3, mar. 2005. p. 111-122. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_12_rocha.pdf . Acesso em 20 de mai. 2015.